Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23223 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUARTA-FEIRA 18 ABRIL 90 60$00

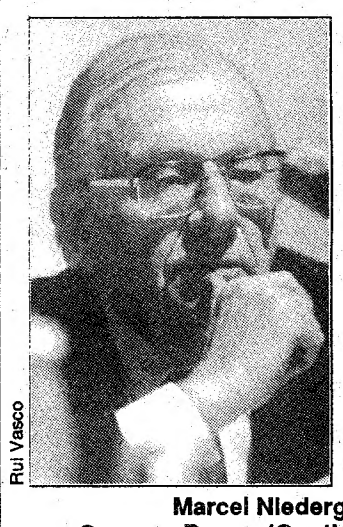
Comércio de Lisboa revolta-se e ameaça as autoridades

O Governo e as Câmaras Municipais são alvo de uma séria ameaça dos comerciantes do distrito de Lisboa, revoltados contra o que consideram uma «situação insustentável», fruto da «anarquia reinante». Para já «um aviso solene», depois se verá.

As greves nos sectores das Alfândegas e dos transportes, o aumento dos cheques «carecas», a concorrência desleal da venda ambulante e a falta de apoio financeiro à modernização, são os principais problemas apontados.

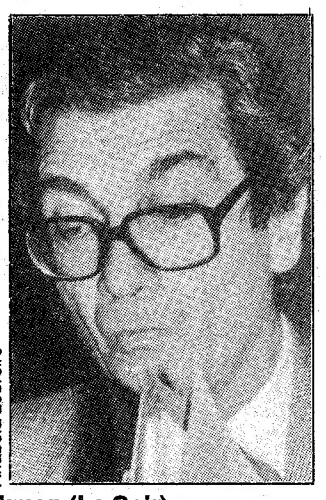
Esta posição foi assumida ontem pela União dos Comerciantes do Distrito de Lisboa, após reunião do seu Conselho de Presidentes, entidade esta que avisa que os seus representados estão «a ficar impacientes» com a «inércia» das autoridades.

Pág. 23



Rui Vasco

Anabela Loureiro



Anabela Loureiro

Marcel Niedergang (Le Monde), Colette Braeckman (Le Soir) e Georges Dupoy (Quotidien de Paris, ex-Figaro): três comunicações polémicas no colóquio sobre os media

25 de Abril: a *estória* ainda emociona

Dezasseis anos depois, o 25 de Abril ainda não passou à História, há factos ainda por esclarecer, diferentes interpretações, memórias, nostalgias. Isto mesmo está a ser comprovado no Colóquio/DL «O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais» que ontem se iniciou e hoje prossegue no Forum Picoas.

Ontem falou-se do 25 de Abril na Imprensa francófona e da Península Ibérica da ditadura à democracia. Hoje, de manhã, esteve em debate o Portugal de 1974 a 1990, numa sessão presidida pelo tenente-coronel Vasco Lourenço; e à tarde, à hora que o DL começa a circular, debate-se a perspectiva do jornalismo radiofónico e televisão, um painel dirigido pelo presidente da Casa da Imprensa, Manuel Gonçalves da Silva. Ontem e hoje, com boa participação do público, em foco têm estado vários jornalistas estrangeiros que em 1974 cobriram o 25 de Abril como enviados especiais e portugueses que comentam as várias intervenções.

Págs. 2, 3 e 4

Mário Soares ao DL

«Os partidos estão demasiado fechados sobre si próprios»

Mário Soares está preocupado com a rejeição de muitos jovens relativamente aos partidos políticos. Disse-o ao DL, nestes termos: «Tenho muitos contactos com muita gente e as melhores pessoas que encontro, as mais aptas, inteligentes e preparadas, quando lhes pergunto se estão em algum partido respondem, frequentemente, que não. Não estão nem querem estar». Em seu entender, tal situação deve-se ao facto de as formações políticas não serem estruturas suficientemente acolhedoras e à desconfiança demonstrada pelos actuais militantes relativamente às novas adesões. O chefe de Estado falou ainda da divisão entre a esquerda e a direita, em Portugal e na Europa. Estas e outras questões ligadas com a evolução do regime democrático desde o 25 de Abril até à actualidade constituem o tema central da segunda e última parte da entrevista concedida pelo Presidente da República ao «Diário de Lisboa», que hoje publicamos.

Págs. 8, 9 e 10

Pinto Leite demite-se da distrital do PSD

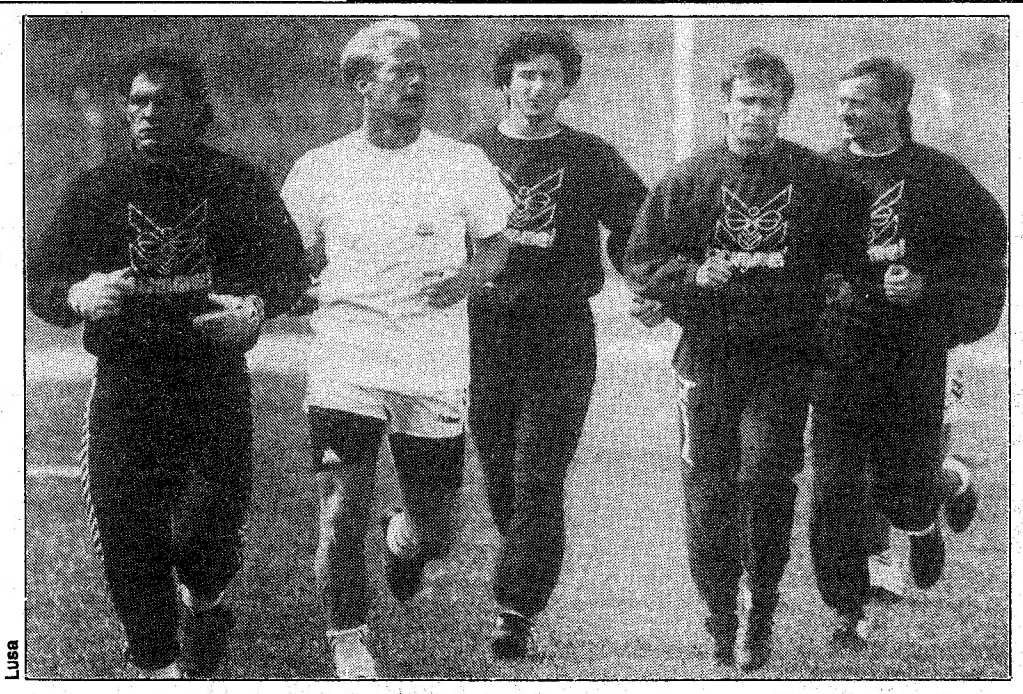
António Pinto Leite demitiu-se da distrital de Lisboa, soube o «DL» junto de fonte partidária. A desilusão com Cavaco Silva, nomeadamente após a entrada de Azevedo Soares para a Comissão Política, e razões de ordem pessoal e profissional fundamentam a decisão do dirigente social-democrata.

Pág. 5

Benfica: ordem para atacar

Jogo incandescente, esta noite, no Estádio da Luz: o Benfica tem de ultrapassar a desvantagem de um golo trazida de Marselha, ante Papin, Waddle e companhia. Por isso, a ordem de Eriksson aí está: atacar, atacar, novamente atacar. Só assim a águia pode ir a Viena de Áustria, vencendo esta eliminatória latina, que estamos a acompanhar com o patrocínio de

Págs. 30, 31 e 32



Lusa

Brasil: rir de quê?
Da nossa correspondente Cora Ronai
Pág. 14

Filme de Manoel de Oliveira seleccionado para Cannes
Pág. 26

Poetas pobres têm «clube» na Damaia
Págs. 20 e 21

Crónicas de Helena Roseta e Joaquim Letria
Págs. 12 e 13

GRANDE ANGULAR

O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais

A descolonização francesa, a guerra na Argélia, os artigos que o Governo de Marcelo Caetano pagava na Imprensa estrangeira, a explosão popular em 25 de Abril , o Leste Europeu de tudo, enfim, se falou ontem no Forum Picoas no primeiro dia de trabalhos do colóquio que o nosso jornal está a promover sobre o 25 de Abril revisitado pelos media internacionais. Jornalistas que há dezasseis anos foram enviados especiais ao nosso País dão conta das suas experiências a que se têm juntado, por vezes com emoção, o contributo de participantes directos nos acontecimentos que nos abriram a porta da Liberdade.

E os jovens, nascidos já em Democracia, também têm marcado presença, interesados sobretudo em ouvir os comentadores internacionais

Ângulos muito diversos no retrato das transições peninsulares

«Eu estava em Timor quando se deu o 25 de Abril e só em 1978 vim para Lisboa», confessava a australiana Jill Jollif, presidente da sessão da tarde de ontem do Colóquio /DL e também presidente da Associação dos Jornalistas Estrangeiros. Estava-se no painel dedicado à «Península Ibérica, da Ditadura à Democracia», sendo orador Marcel Niedergang («Le Monde») e moderador Rui Camacho, do DL. Mais tarde, Jill Jollif louvaria a Liberdade de Imprensa vigente em Portugal, antes de aludir aos «tabus psicológicos» que atestou quando foi vítima de agressões durante uma reportagem com uma equipa da BBC sobre trabalho infantil, no Norte do País. O segundo tabu, segundo Jill Jollif, ainda é a política colonial, assunto que daria pano para mangas.

Durante a sua intervenção, Marcel Niedergang diria que «ninguém podia prever, no princípio, o que iria passar-se» depois da vitória do 25 de Abril, «nem qual seria o destino dos protagonistas militares e civis».

Reconheceu o relativo desconhecimento da Imprensa internacional quanto a quase tudo o que se passava antes do 25 de Abril, em Portugal, ao invés do que se passava em relação a Espanha e ao franquismo. A «subtileza sonsa» da repressão salazarista não impediu o jornalista francês de aludir à «tortura da estátua», contrapondo o tormento da ausência do sono à violência franquista.

E dado que «a Imprensa não pode criar acontecimentos», Portugal caiu, nos termos de Marcel Niedergang, num relativo esquecimento.

Sucessões e surpresas

O factor surpresa foi comum à queda dos dois regimes ditatoriais, em Portugal e Espanha, na opinião de Niedergang. Surpresa porque não se acreditava que a sucessão de Franco («Tudo está atado e bem atado», gabava-se o *caudillo*) fosse no sentido da democracia, nem que os militares portugueses da guerra colonial fizessem de chofre o colmatar de uma sucessão deixada em aberto por Salazar.

A primeira surpresa portuguesa foi, afinal, a publicação do livro de Spínola.

Outro facto que surpreendeu Marcel Niedergang foi a explosão popular «no Portugal pacífico, amante dos consensos» e a transição pacífica na Espanha violenta «em que Franco nunca tentou a reconciliação nacional, tendo tratado sempre os vencidos como tais». Do ponto de vista do jornalista de «Le Monde», a nova sociedade espanhola já existente em 1975, ano da morte de Franco, «estava já pronta para exercer a democracia».

Depois de ter chamado a atenção para a rede complexa de relações entre Portugal e Espanha e entre o franquismo e o salazarismo, o primeiro comentador, Artur Portela, falou da benignidade com que a Imprensa internacional tratou a ditadura portuguesa, ao contrário do que sucedia com o franquismo.

O presidentedo Conselho de Comunicação Social cumpriu a referência obrigatória ao papel de António Ferro ao referir a «atenção e a reverência, tantas vezes subsidiadas» com que a ditadura era descrita pelos grandes meios de comunicação estrangeiros.

E acabou por lançar um desafio aos grandes repórteres internacionais presentes: a comparação entre as actuais «ruas da democracia» com as pretéritas ruas da revolução.

Piteira Santos, da Universidade Clássica de Lisboa, falaria a seguir da «revolução ambígua e inacabada», para classificar o 25 de Abril como um acto de «dupla desobediência»: a dos militares à hirarquia fascista e do povo aos militares, quando, contra as recomendações destes, não se deixou ficar em casa e saiu à rua para vitoriar o golpe ainda não triunfante. De resto, «o horizonte de classe dos militares era pequeno-burguês e a revolução não excedeu esses limites», afirmou Piteira Santos.

Classificou Salazar como um conservador e Marcelo Caetano como um reaccionário. E ao tecer o elogio de «Le Monde» destacou que, fora de Portugal, «alguns jornalistas e jornais sabiam o que se passava».

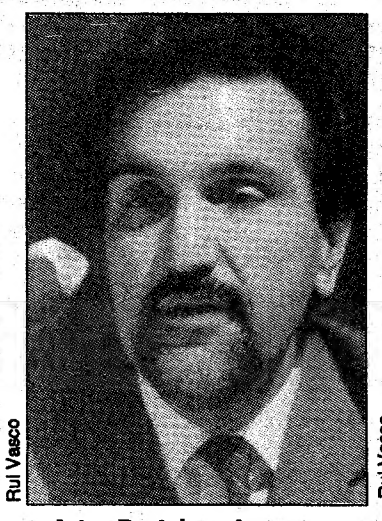
Último comentador a usar da palavra na primeira parte da sessão da tarde, o director do «Público», Vicente Jorge Silva, começou por elogiar a iniciativa «DL» e congratular-se com a possibilidade de colaboração entre jornais concorrentes. Salientou «a vitalidade do 25 de Abril como referência ao que hoje se passa no Leste europeu» e considerou a liberdade e a democracia «valores em si próprios».

Defendeu, por outro lado, a complementaridade entre Portugal e Espanha, no quadro da unidade europeia de hoje, «tal como os processos políticos » dos dois países «foram complementares». Perante o mosaico de nações que integram o Estado espanhol, Vicente Jorge Silva rejeitou a continuação de uma península repartida entre dois países de costas voltadas e defendeu a iniciativa portuguesa no processo de conciliação entre Portugal e Espanha, no quadro da futura Europa das regiões.

«Benfica à parte...»

Em resposta ao desafio lançado por Artur Portela, Werner Herzog («Tages Anzeiger») passou a citar as conversas nas ruas de Lisboa, comparando os tempos da revolução com os da estabilidade democrática. «Benfica à parte, as pessoas hoje só falam de dinheiro e de falta de moral pública», constatou, ao evocar o tempo em que a discussão ideológica estava na rua.

Ao traçar a geografia da Avenida da nossa Liberdade, traçou o quadro dos «grandes negócios ao cimo e dos engraxadores e vendedores de lotaria ao fundo, nos Restauradores».



Rui Vasco

Artur Portela: a Imprensa internacional foi mais benigna com o salazarismo do que com o franquismo

Rui Vasco

Vicente Jorge Silva: conciliação Portugal-Espanha no quadro da Europa das regiões

À MARGEM

Vasco Lourenço não perdoa

Glosando a intervenção do ministro Couto dos Santos na sessão da manhã, no capítulo das recomendações («Nunca permitam que homens de letra minúscula sejam jornalistas»), Piteira Santos estava já a referir-se ao tamanho das letras com que devem escrever-se os políticos, quando Vasco Lourenço saltou do seu lugar e e atalhou, alto e bom som: «Não me tire o tema para o meu painel de amanhã !»

Hoje, portanto, o debate promete caixas altas ...

Rui Vasco

Salgado Zenha e Vasco Lourenço: polémica acerca da «ingenuidade dos militares» em 1974-1975

Catarse no anfiteatro

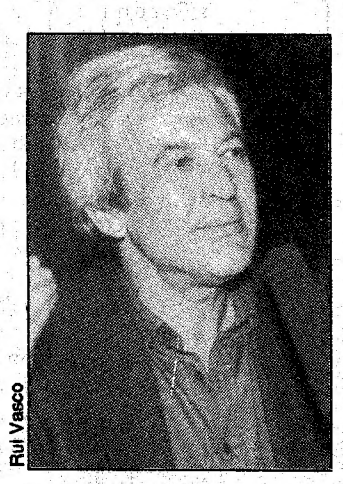
A polémica entre Zenha e Vasco Lourenço a propósito da descolonização, da ingenuidade dos militares, do 25 de Novembro e outros assuntos chamou a público questões de bastidores que eram perfeitas novidades para os jornalistas estrangeiros e, nalguns casos, até para os confrades portugueses.

À saída, entusiasmada com a vivacidade do debate, Colette Braeckman - que à tarde seguira a controvérsia da plateia- perguntava a um repórter do DL: «Eles costumam fazer em público estas sessões de catarse ?»

Mouta Liz e os cábulas

A penúltima intervenção da tarde de ontem denunciou a sociedade competitiva em que a juventude portuguesa se deixou enredar. O autor é famoso, nada menos que Mouta Liz, o arguido do processo das FP-25 que deu entrevistas na clandestinidade e chegou a abordar Mário Soares, à data Chefe do Governo, em plena praia do Vau.

Para começar o seu discurso em prol dos jovens, argumentou Mouta Liz: «Pois se eles já nem deixam copiar durante os exames !»



Rui Vasco

Mouta Liz e os jovens de hoje: «Pois se eles já nem deixam copiar durante os exames!»

PATROCÍNIO DE

lisgráfica

Apoios

BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa Caves D. Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo, Instituto de Promoção Turística e Embaixada da RFA

Rui Vasco

Um aspecto da sessão de ontem à tarde, com Marcel Niedergang no uso da palavra. A sessão foi presidida por Jill Jolliff, vendo-se também nos extremos da mesa Ruella Ramos, presidente do Conselho de Administração do Diário de Lisboa e o nosso director, Mário Mesquita

Logo a seguir, falando também da plateia, Salgado Zenha chamaria a atenção para o significado político da descolonização, assunto que já tinha passado por quase todas as intervenções dos oradores precedentes, sobretudo quando se referia a linha de fractura entre os processos de democratização em Espanha e Portugal.

Depois de dizer que previra o 25 de Abril para o ano de 1974, Zenha aludiria à ingenuidade dos militares, logo quando se levantou a questão da unicidade sindical, sustentaria que o processo de descolonização foi feito à margem dos Governos provisórios e relataria uma reunião muito tensa entre o Executivo de Pinheiro de Azevedo, de um lado, e Costa Gomes e Melo Antunes, do outro, a propósito do reconhecimento da República Popular de Angola. Nervoso, Pinheiro de Azevedo estava contra. O então Presidente da República e Melo Antunes estavam a favor.

Considerou também que o 25 de Novembro de 1975 se inscrevia no rumo natural dos acontecimentos.

Polémica mais «a quente»

Vasco Lourenço respondeu a Zenha, mas antes acusou o toque da ideologia pequeno-burguesa do Programa do MFA apontada por Piteira Santos, referindo que este documento era «mais progressista que o pensamento da média dos oficiais portugueses e mesmo que da média dos conspiradores».

Quanto à questão colonial, recordou que membros dos Governos provisórios estavam na comissão restrita que liderou o processo de descolonização, citando nomes, ao mesmo tempo que elogiava a acção de Costa Gomes durante o «Verão quente» de 75, em que o País «esteve por várias vezes à beira da guerra civil», numa altura em que os mais moderados aconselhavam a concentração de forças no Norte para a seguir caírem sobre a «Comuna de Lisboa», à data previsível.

Salgado Zenha não replicou, mas ficou na mente de todos a necessidade de se saber mais da História dos tempos do PREC, como noutro local referimos.

O fantasma de uma intervenção militar por parte de Espanha esteve na mente dos conspiradores, como revelou Vasco Lourenço, ao dizer que com os seus camaradas de armas tinha chegado à conclusão de que Franco não iria intervir ao abrigo das cláusulas secretas do Pacto Ibérico firmado com Salazar.

O último orador da sessão, Medeiros Ferreira, reconheceria que durante o período mais agitado da revolução tinham surgido concentrações militares espanholas junto das nossas fronteiras e definiria o processo político espanhol como «a primeira transição pacífica para um regime de liberdades públicas», numa altura em que e acreditava que apenas a força poderia vencer regimes autoritários.

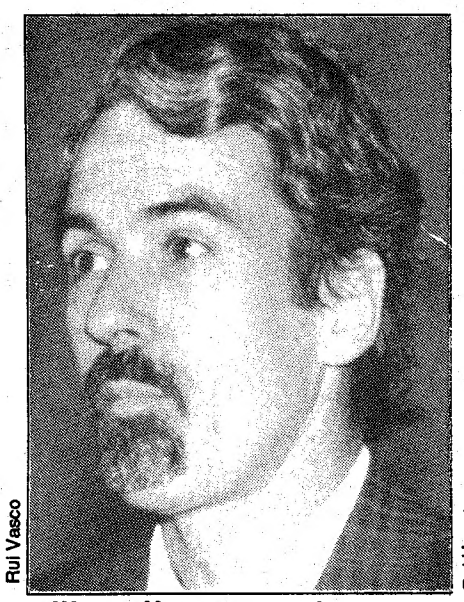
Acentuou, por outro lado, que a CEE se compõe de Estados (e não de regiões): é a esse nível que se coloca o problema das relações Portugal-Espanha.

Chamou a atenção para um facto que estava muito dentro da ordem de trabalhos e fora das intervenções: «Os observadores estrangeiros veem na integração peninsular na CEE um processo uno».

J.I.

Anabela Loureiro

José Rebelo: uma polémica sem fim - «Le Monde» e o caso «República»



Rui Vasco

Werner Herzog: os portugueses só falam de dinheiro e da falta de moral pública...

Rui Vasco

Jill Golliff: vítima de agressões durante uma reportagem sobre trabalho infantil no Norte do País

PATROCÍNIO DE lisgráfica

Apoios

BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa Caves D. Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo, Instituto de Promoção Turística e Embaixada da RFA

COMENTÁRIO

Que regresso ao futuro?

O 25 de Abril já passou à História? Dezasseis anos depois, julgar-se-ia que sim. Mas não, ou não ainda. O colóquio de ontem no Forum Picoas veio provar que, se dezasseis anos permitem já o bronze, a nostalgia, quiçá a indiferença, permitem também a polémica. Polémica sobre a interpretação dos factos, o que é normal; mas polémica igualmente sobre os factos em si, o que é inesperado.

Inesperado mas, afinal, compreensível. Por detrás de cada uma das milhares de grandes e pequenas acções que constituíram o acontecimento no seu todo, houve participantes , felizmente ainda vivos, vivos e desejosos de que a História, na sua síntese redutora, não peque por omissão, dê como certezas adquiridas algumas inverdades, cometa injustiças.

Mas a História não é uma ciência moral. Daí que ontem, no colóquio, alguns dos que se bateram por, a tempo ainda, a corrigiram, terem sido dos que a História ceifou, o mesmo é dizer atirou para as margens do seu curso: capitães do MFA sem MFA, ex-ministros, líderes e militares, agora sem poder, sem partido, sem lugar onde militar; actores todos, enfim, de uma peça retirada de cartaz.

Que estes intérpretes de outrora repitam hoje antigas deixas, tentando fixar o texto que em definitivo a História há-de registar, é algo imbuído de uma certa nobreza, mas algo também que causa alguma apreensão. É que o 25 de Abril instaurou a democracia, mas a democracia, hoje, dezasseis anos depois, reduziu os espaços de intervenção, sofisticou os *media*, profissionalizou o acesso aos meios de expressão, gerou silêncios, castrou espontaneidades - a liberdade, em suma, tornou-se poder.

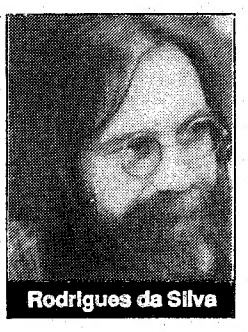
Um poder pouco generoso para com muitos dos que pela liberdade lutaram e houveram de sair de cena; um poder pouco generoso, também, para com os que, na inocência, acreditaram ser a liberdade um valor absoluto, experiência partilhada e partilhada por igual. É talvez isto que explica a pouca sintonia havida ontem na primeira sessão do colóquio. Ao optimismo sobre a evolução do 25 de Abril, gerador de sínteses e projecções, contrapôs-se a reticência sobre o presente e o futuro, motivadora de análises e retrospectivas. Isto entre os portugueses. Entre os jornalistas estrangeiros, se houve ainda o sopro da paixão por parte de quem porventura mais apaixonadamente cobriu o 25 de Abril (Colette Braeckman), da maioria houve sobretudo compreensão e estima pelo passado, memória de como foi e se viveu profissionalmente um acontecimento que um dia deixou de sê-lo.

E deixou de sê-lo assim, como evocou (citação de cor) Georges Dupoy: *Quando em Portugal acabava a aventura, Franco entrava em agonia em Espanha, e os enviados especiais creditados em Lisboa receberam ordem dos seus jornais para atravessarem a fronteira.*

Portugal para a Imprensa estrangeira deixara de estar na moda. Para cair de todo no esquecimento? Não, obviamente. Werner Herzog, por exemplo, continua a escrever sobre Portugal. Não para dizer da memória do 25 de Abril, mas para dizer do que hoje por cá se fala e ele ontem disse do quê: do Benfica, de dinheiro, de corrupção, do medo das dificuldades depois de 1993, temas que o levam a interrogar-se sobre o que tem sido feito das verbas da CEE e de como é possível, numa mesma avenida, lado a lado com a expressão do êxito de certas classes, haver engraxadores e vendedores de lotaria.

Desencanto? Não: realista este olhar sobre o 25 de Abril revisitado hoje. Desencantado estava Jean-Pierre Clerc já quando, em Dezembro de 1976 - logo dois anos e meio após o 25 de Abril - publicava no «Le Monde» aquele que é, decerto, um dos mais belos textos alguma vez escritos por um jornalista estrangeiro sobre Portugal. Assim:

«Estes velhos hábitos que voltam em força; estes cartazes que o tempo começa a desbotar; estas palavras de ordem nas fachadas, já deslavadas pelas chuvas... Ter-se-ia mesmo passado alguma coisa aqui? No decurso dos almoços de negócios, ou dos jantares do Clube Literário, as pessoas já não se contentam em estigmatizar os excessos da «Primavera dos cravos». Agora, as esperanças que esta suscitou são muitas vezes abertamente escarnecidas. Porque as paredes tiveram a palavra, lamentam o tempo em que elas tinham ouvidos. Nesta cidade, cujo nome se tornou num dia de Abril de 1974, subitamente, sinónimo de liberdade, paira agora como que uma melancolia de fim de festa. As luzes apagaram-se.»



Rodrigues da Silva

Como reacendê-las, o mesmo é dizer, neste 25 de Abril revisitado, que regresso ao futuro o desta Revolução «ambígua e inacabada»?

O 25 de Abril revisitado

GRANDE ANGULAR

Colette Braeckman («Le Soir»)

«A imprensa belga deu conta, apesar de tudo, da revolução generosa»

Com alguma paixão, e reconhecendo que antes do 25 de Abril, Portugal era um país «relativamente desconhecido» da imprensa belga, não beneficiando do mesmo capital emocional que a Espanha, Colette Braeckman, do jornal «Le Soir», de Bruxelas, analisou o papel da imprensa francófona na Revolução dos Cravos e as motivações que moveram os jornalistas em relação aos acontecimentos que abalaram Portugal em 1974, colhendo de surpresa a imprensa internacional.

Colette Braeckman disse que o interesse manifestado pelo nosso país, provinha, sobretudo, dos grupos que apoiavam os movimentos de libertação das colónias africanas, que integravam numerosos refugiados portugueses, frequentemente muito à esquerda ou ligados ao Partido Comunista.

Com o 25 de Abril as coisas mudaram, «a duas horas de Lisboa os belgas tinham ao seu alcance a revolução dos seus sonhos».

«O derrube do regime de Marcelo Caetano mereceu a aprovação geral, mas a imprensa de direita, encarando com cepticismo a opção revolucionária, logo manifestou inquietação pelo futuro das colónias», disse a jornalista belga.

Colette Braeckman explicou que na Bélgica, a imprensa é menos permeável aos debates ideológicos que a imprensa francesa, revelando, em geral, um tratamento mais modesto e mais pragmático das realidades mas que, no caso de Portugal, os debates iniciados em França depressa encontraram eco na Bélgica.

«Assistiu-se a uma troca de opiniões e análises sobre temas como a união de esquerda em França e os acordos PS-PC, assim como às influências, muito fortes na Bélgica, das grandes internacionais: a Internacional Socialista e a Democracia Cristã, as quais travaram, a propósito de Portugal e por jornalistas interpostos, lutas para conquistar maior influência.

Apenas o MFA não tinha semelhante aparelho internacional à sua disposição, mas podia contar com as simpatias de uma esquerda alternativa, libertária, que depositara em Portugal, a duas horas de avião, os sonhos e as esperanças suscitadas por muitas das revoluções do Terceiro Mundo: na Bélgica, como noutros lados, o traumatismo do Chile ainda estava vivo, Cuba já não representava um exemplo mobilizador, e Portugal - com o MFA, com personagens tão mediáticas e românticas como Otelo Saraiva de Carvalho, com a saída para o Atlântico e as circunstâncias da descolonização - surgia, de repente, como a nova esperança de uma terceira via.»

Neste contexto o rigor e a objectividade não foram beneficiados «mas a imprensa belga deu conta, apesar de tudo, da revolução generosa», disse Colette Braeckman.

«É também de assinalar que as reportagens efectuadas no País, por numerosos jornalistas, fora dos círculos políticos e jornalísticos de Lisboa e do campo cerrado dos boatos e dos rumores, foram, muitas vezes, as mais verdadeiras, as mais reveladoras da realidade do país. Mas foram, talvez, demasiado raras....»

Anabela Loureiro

Anabela Loureiro

Comentando as intervenções de Colette Braeckman, George Dupoy e Nobre Correia, António Barreto, deputado socialista, e Mário Bettencourt Resendes, director adjunto do «Diário de Notícias», relataram as experiências que, em períodos diferentes, viveram no estrangeiro. António Barreto, exilado aquando do 25 de Abril, considerou «estranho o envolvimento relativamente pequeno das grandes potências na Revolução portuguesa», cuja história dos seus primeiros tempos se encontra na imprensa. Mário Bettencourt Resendes, que focou o seu contacto directo com a imprensa francesa em 74, disse que cada órgão de informação, ao analisar os acontecimentos revolucionários em Portugal, reflectia a sua própria orientação.

Hoje e amanhã

O colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais, promovido pelo «DL» no Forum Picoas, prosseguiu esta manhã subordinado ao tema «Portugal 1974-1990». Presidiu à sessão o presidente da Associação 25 de Abril, Vasco Lourenço, e as intervenções de fundo couberam aos jornalistas Dominique Pouchin, do «Libération», Werner Herzog, do «Tagues Anzeiger«, André Pautard, do «L'Express«, e a Joelle Kuntz, da Radio-Télevision Suisse Romande.

Acácio Barradas e Fernanda Mestrinho, do «DL», Francisco Bélard, do «Expresso», Fernando Assis Pacheco, do «Jornal», Dinis Abreu, do «DN», José Carlos Vasconselos, do «Jornal de Letras», José Rebelo, do «Le Monde», e José Silva Pinto, do «Jornal», foram os comentaristas da sessão.

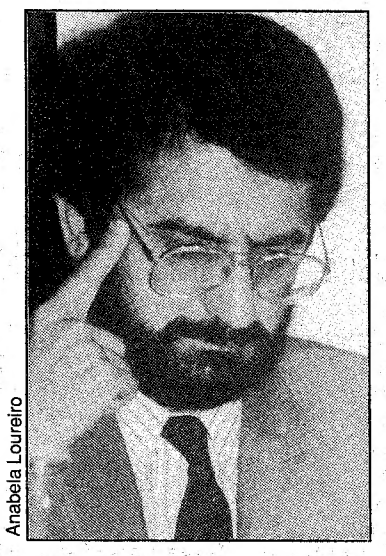
«A prespectiva do jornalismo radiofónico e televisivo» é o mote para o debate desta tarde, no qual participam Manuel Gonçalves da Silva, presidente da direcção da Casa da Imprensa, e os jornalistas Hans Hueber, da WDR, Ramon Font, da TVE, Susannah Ross, da BBC, Diana Andriga, directora-adjunta do «DL», Manuel Ricardo Ferreira, da RTP, Emídio Rangel, da TSF, Adelino Gomes, do «Público», e Maria Elisa, da RTP e «Marie Claire».

Amanhã, o Presidente da República, Mário Soares, encerra os trabalhos do colóquio. No último e terceiro dia do encontro, o primeiro painél, «Os acontecimentos de 1974-1975 na imprensa norte-americana e portuguesa», conta com a participação do presidente do Sindicato dos Jornalistas, João Mesquita, e com as intervenções de Henry Giniger, do «New York Times», Onésimo Teotónio de Almeida, da Universidade de Brown, e Steve Broening, do «Baltimore Sun». Os comentaristas desta sessão são Bernardino Gomes, da fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Joaquim Letria, da Sábado, e Nélson Traquina, da Universidade Nova de Lisboa.

Após a tradicional pausa para o café, ainda da parte da manhã, o jornalista soviético Vadim Poliakovsky, do «Za Rubejom», fará uma intervenção subordinado ao tema «Percepções soviéticas de Portugal 1974-1975, antes e depois da *glasnost*». Alexandre Zditovetsky, da Novosti, Carlos Fino, da RTP, Carlos Gaspar, da Política Internacional, e Álvaro Vasconcelos, do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, participam no debate daquele tema.

À tarde, o director do «Le Monde», André Fontaine, falará da «Revolução de Abril no panorama europeu» e Francisco Pinto Balsemão, presidente do conselho de administração do «Expresso», José Medeiros Ferreira, da Universidade Nova de Lisboa, e Mário Mesquita, director do «DL» analisarão o mesmo tema.

Grelhas de leitura



Anabela Loureiro

O problema das grelhas de leitura foi o ponto quente da intervenção de José Manuel Nobre Correira, da Universidade Livre de Bruxelas. Na sua perspectiva, os media francófonos reduziram o 25 de Abril de 1974 a visões centradas em figuras de destaque, caso de Spínola, Mário Soares, Álvaro Cunhal e Costa Gomes. Criticou, nesta medida, a adopção de heróis negativos, referentes ao PCP, e positivos, no caso do PS.

José Manuel Nobre Correia lembrou que, à data dos acontecimentos revolucionários em Portugal, nenhum dos meios de comunicação social francófonos possuía correspondentes em Lisboa ou nas ex-colónias. O docente disse que tal facto se devia à natureza autoritária do regime e pelo o País não fazer parte do grupo das nações ditas de elite, enquanto os jornalistas portugueses eram, de modo geral, reputados como comprometidos com o regime vigente.

Georges Dupoy («Le Quotidien de Paris»)

Maio de 68 no País do fado

A descolonização francesa e a guerra da Argélia, foram elementos comparativos utilizados por Georges Dupoy, na época grande reporter do «Figaro» e actualmente no «Quotidien de Paris», para analisar o tratamento dado pela imprensa francesa ao 25 de Abril.

Lembrou a guerra, o sangue e mesmo os «putshs» militares que precederam a entrega da Argélia, frisando que os enviados franceses que em 1974 vieram a Portugal cobrir a Revolução dos Cravos, foram aqueles que antes tinham estado na Argélia, ou outros, como ele, que ali cumpriram o seu serviço militar.

Dupoy afirmou que a maioria dos franceses considerava, nessa altura, que Portugal travava em África um combate de rectaguarda, condenado ao fracasso, embora existissem «alguns nostálgicos» que opunham ao abandono dos franceses aquilo que consideravam «a luta exemplar do pequeno Portugal» para salvaguardar as suas possesões do ultramar.

O jornalista francês cita as várias interpretações dos enviados especiais franceses, concordantes com o posicionamento dos jornais que representavam.

O denominador comum era que todos reflectiam a questão colonial, a sua influência na queda da ditadura e as consequências futuras.

A comunicação de Georges Dupoy faz de certo modo a cronologia da Revolução portuguesa, através de citações dos diversos enviados especiais. Fixa-se, por último, no 25 de Novembro e num trabalho de Dominique Pouchin, publicado no «Le Monde», intitulado «Fim de uma aventura», para se referir depois à morte de Franco e à abertura em Espanha.

A imprensa francesa esgotara Portugal. Com actualidade do outro lado da fronteira, como sublinha Dupoy, «os enviados especiais de Lisboa começam a transferir-se para Madrid».

Explica também a atitude da opinião pública francesa e as mutações que foi registando face aos diversos acontecimentos como o «caso República». Nem sempre o rigor factual esteve presente em muitas das suas afirmações e citações do jornalista francês.

Na sua descrição não esquece o folclore de 1974 e lembra Jean Paul Sartre que «desembarca em Lisboa, acompanhado de Mme de Beauvoir e seguido de *charters* repletos de veteranos das barricadas do Quartier Latin, vindos para respirar no Rossio uma grande taça de ilusão lírica».

Recorda que o entusiasmo popular que os enviados franceses vêm encontrar, «as flores nas espingardas dos soldados beijados pela multidão, os marinheiros agitando bandeiras vermelhas, o regresso do exílio de Álvaro Cunhal, içado para um tanque, como num carro de triunfo, os movimentos grevistas e o florescimento expontâneo de uma multidão de grupos esquerdistas fazem surgir outras reminiscências na imprensa francesa: é o Maio de 68 no País do fado».

Para Georges Dupoy «é a revolução-espectáculo», mas é também «a revolução-desordem». Pela sua intervenção passam todas as *nuances* que a imprensa francesa deu à Revolução dos Cravos, do entusiasmo esquerdista ao cepticismo conservador. Mas apesar de toda essa vasta gama de interpretações, nem por isso fica claro que a opinião pública francesa tenha ficado, em todos os momentos, com uma visão suficientemente esclarecida de muitos dos factos relacionados com o 25 de Abril.

PATROCÍNIO DE lisgráfica

Apoios

BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa Caves D. Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo, Instituto de Promoção Turística e Embaixada da RFA

POLÍTICA

Pinto Leite desiludido com Cavaco Silva

António Pinto Leite vai abandonar a distrital de Lisboa. Ontem à noite, na reunião da Comissão Permanente da distrital , o dirigente social-democrata anunciou aos seus pares a intenção de apresentar a demissão do cargo e a necessidade de marcar a data das eleições para aquela estrutura partidária.

Antes da reunião decisiva, Pinto Leite encontou-se ao princípio da tarde com o primeiro-ministro e presidente do partido, a quem informou sobre o que se iria passar na distrital. No encontro, Cavaco Silva terá ouvido as razões pessoais e profissionais para a demissão, já que as razões políticas tanto ele como Pinto Leite conhecem muito bem.

O dirigente da distrital de Lisboa tem sido uma voz incómoda em todas as reuniões do Conselho Nacional do PSD.

Os elogios às capacidades intelectuais e coerência política de Pinto Leite, por membros da direcção do partido não se traduziram em poder político. É frequentemente recordado ao dirigente social-democrata que a crítica não é a via indicada para entrar para a Comissão Política.

A subida à direcção do PSD de Azevedo Soares, opositor da moção de Pinto Leite, dentro da distrital de Lisboa, foi a gota de água.

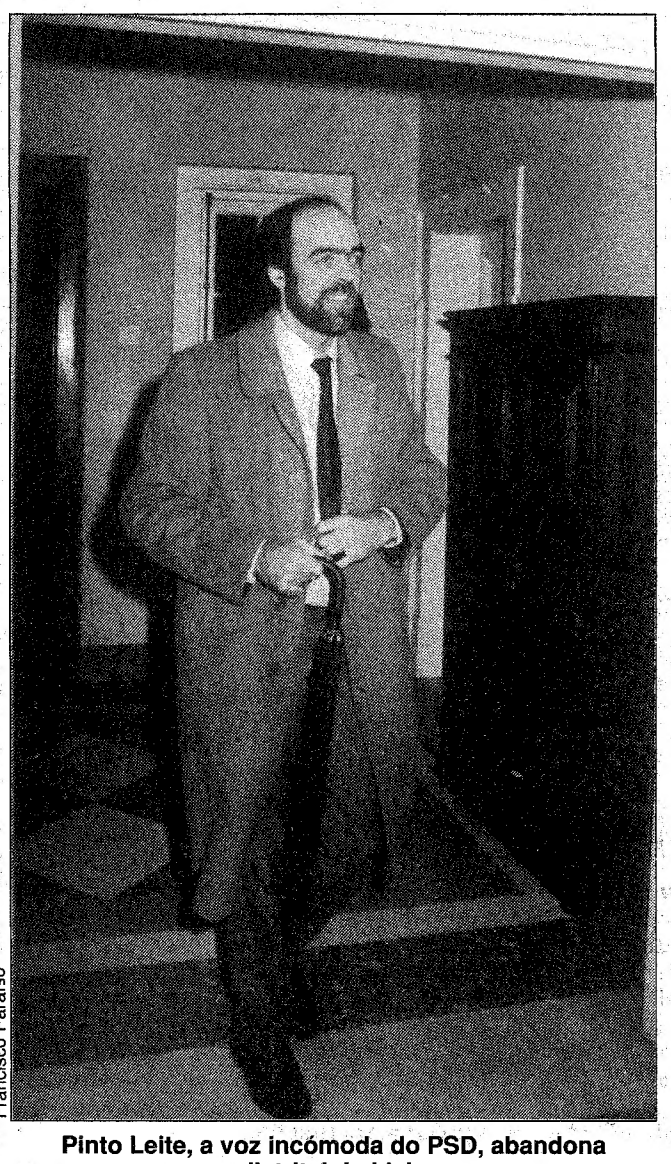
«Azevedo Soares não se tem portado bem com a distrital», disse ao «DL» uma fonte social-democrata, sublinhando que «a sua entrada para a Comissão Política perturbou Pinto Leite. Creio que é para aborrecer a direcção da distrital, porque a figura do comandante Azevedo Soares nem sequer tem grande implantação dentro do PSD».

Recorde-se que o próprio Alberto João Jardim no dia das votações, no Congresso, comentava em voz alta que ia riscar o nome do «cacilheiro» (Azevedo Soares) da lista da Comissão Política.

A juntar aos motivos políticos, Pinto Leite alega razões de natureza profissional e pessoal para abandonar a distrital, no entanto, deverá manter-se no Conselho Nacional do PSD, para o qual foi eleito em Congresso.

A decisão de Pinto Leite apesar de já ter sido pensada antes da reunião magna dos social-democratas, foi amadurecida depois. Agora vai dedicar-se à vida profissional, como advogado, e a nível político mantém-se como uma reserva do PSD pós- eleições legislativas, à semelhança de António Capucho, Rui Machete e Ângelo Correia.

Maria João Rocha



Francisco Paraíso

Pinto Leite, a voz incómoda do PSD, abandona a distrital de Lisboa

Vamos ter novos secretários de Estado

Remodelação continua

A mais recente remodelação do Governo de Cavaco Silva não está ainda concluida. Depois da indicação de Ferreira do Amaral para a pasta das Obras Públicas e de Faria de Oliveira para o Comércio e Turismo, vai seguir-se a nomeação de novos secretários de Estado para estes dois ministérios.

O «DL» apurou junto de fontes governamentais que Ferreira do Amaral pretende formar uma nova equipa no Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, prescindindo assim dos secretários de Estado que até há cerca de três meses - desde a última remodelação naquele ministério - acompanhavam Oliveira Martins.

Ferreira do Amaral não desenvolveu ainda quaisquer diligências para a constituição da equipa do seu novo ministério porque aguarda o regresso de Faria de Oliveira, ausente em Taiwan. O novo titular do Comércio volta a Lisboa amanhã reunindo-se nessa altura com Ferreira do Amaral para discutirem a eventual continuidade dos três secretários de Estado daquele departamento governamental.

Jorge Antas, secretário de Estado do Comércio Interno, pelo que soube o «DL», poderá continuar naquela pasta, não só porque revelou uma discreta eficácia, mas porque é amigo pessoal de Faria de Oliveira.

O próximo responsável pelo Comércio Externo poderá ser Leite de Araújo, um técnico de que apenas se conhece a sua ligação ao Instituto do Comércio Externo Português, ICEP, e à Associação Portuguesa de Comércio Internacional. É também um amigo do novo responsável pelo Ministério do Comércio e, segundo garantiram fontes governamentais ao «DL», foi já contactado de Taiwan por Faria de Oliveira.

Miguel Horta e Costa, actual detentor da pasta do Comércio Externo, esteve anteriormente ligado aos CTT e à Marconi e é tido como um especialista na área das comunicações. Daí que a sua passagem para a tutela deste departamento do Ministério das Obras Públicas seja vista por fontes oficiais como «provável».

A posse dos novos ministros e secretários de Estado não deverá ocorrer antes do início da próxima semana, pois Cavaco Silva está de visita à Áustria só regressando sexta-feira a Lisboa.

A.J.T.

B R E V E S

Cavaco em Salzburg

O primeiro-ministro português, Cavaco Silva, começa hoje a sua visita de dois dias à Austria, a convite do chanceler Franz Vranitzky. O chefe do Governo português chegou ao princípio da tarde a Salzburg, onde foi recebido com honras militares. Durante os dois encontros que manterá com o chanceler austríaco serão analisadas as relações bilaterais, a nova arquitectura da Europa, o pedido austríaco de adesão à Comunidade europeia, as relações CEE-EFTA e a situação na África austral.

Mário Soares vai a Marrocos

O Presidente da República, Mário Soares visitará oficialmente Marrocos de 15 a 19 de Maio, permanecendo dois dias na região de Tânger, mas a título privado. De acordo com fontes oficiais marroquinas, nas conversações entre Soares e o rei Hassan II no palácio real de Rabat serão analisados temas da cena internacional, nomeadamente a situação na África Austral.

INES confronta gerações

O Instituto de Estudos Sociais (INES) promove, sábado à tarde, no auditório da Biblioteca Nacional, um debate inédito sobre as «Expectativas da juventude, testemunhos de três gerações». Os vários intervenientes, entre eles os então jovens de 1962 e 1974 e os actuais dos anos 90, confrontarão as suas experiências em épocas bem distintas. Diogo Marques da Silva, do MECLA e José Apolinário, da JS, serão dois dos jovens dos anos 90 convidados. Para falarem dos anos quentes da Revolução vão estar no auditório José Leitão, na altura dirigente Juventude Socialista e Rosa Brandão, então deputada do PCP. Da geração de 62 estarão Manuel Alegre, deputado do PS, e Emídio Martins, dirigente da Liga Operária Católica.

«Mais Alto» tem trinta e um anos

A revista da Força Aérea «Mais Alto» comemorou ontem o 31º aniversário evocando o aviador Malaquias de Oliveira, morto em combate, em 12 Outubro de 1967, em Moçambique. A cerimónia, presidida pelo chefe do Estado-Maior, general Conceição e Silva, foi ainda pretexto para a distribuição de prémios, com o nome daquele piloto, aos colaboradores que mais se distinguiram em 1989.

Até à Convenção de Junho

PRD manda Comissão Permanente de férias

O PRD vai funcionar até à sua Convenção de Junho sem Comissão Permanente. Este órgão dos renovadores democráticos foi esta madrugada extinto, na sequência da demissão de quatro dos seus cinco membros. Dois deles - Humberto Sertório e Ivo Pinho - demitiram-se antes da reunião da Comissão Directiva de ontem. Carlos Lilaia e Carlos Beato, também próximos de Hermínio Martinho, como aqueles, apresentaram a sua demissão durante a reunião.

Carlos Beato, que mantem as funções de secretário-geral, reforçou os seus poderes. Com a Comissão Permanente do PRD extinta, os poderes dos renovadores estão estatutariamente repartidos e definidos entre o presidente e o secretário-geral. Os primeiros demissionários, Humberto Sertório e Ivo Pinho), fundamentaram a sua decisão em divergências com Pedro Canavarro. Carlos Lilaia e Carlos Beato tomaram atitude idêntica, em apoio daqueles. De comum entre os quatro há o facto se todos eles serem próximos de Hermínio Martinho. Carlos Beato, que, como Martinho, é natural de Santarém, só apresentou à sua demissão depois de Lilaia o fazer. Avisou, contudo, que não estava nas suas intenções demitir-se de secretário-geral.

Elementos afectos a Pedro Canavarro, nomeadamente da Juventude Renovadora democrática pensaram ainda eleger uma nova Comissão Permanente, mas foram disso dissuadidos pelo próprio presidente, por falta de apoios.

Este imbróglio no PRD surgiu na sequência de afirmações atribuídas ao dirigente nacional Jorge Larsen que não escondeu a sua intenção de apoiar a candidatura de Pedro Canavarro a presidente do partido na Convenção de 15, 17 e 17 de Junho. Os primeiros dirigentes a pedirem a demissão - Humberto Sertório e Ivo Pinho - evocaram o facto de Larsen ser porta-voz do partido como principal razão para não se dever exprimir assim.

Larsen deixou claro na reunião da Comissão Directiva que alguma vez teve a intenção, nas declarações que lhe são atribuídas, de manifestar o seu apoio a uma eventual candidatura de Canavarro como porta-voz do partido. Fê-lo, disse, apenas na sua condição de militante. Nesse sentido, estava nos seus planos promover um jantar de trabalho com o objectivo de sensibilizar os militantes do PRD para apoio à recandidatura de Canavarro.

Redacção DL/Lusa

BOCA DE CENA

Truque verde não passa

O Grupo Parlamentar de Os Verdes tentou «pendurar» na discussão do decreto-lei sobre os planos directores municipais outro relativo à protecção do relevo natural, solo arável e revestimento vegetal. A tentativa até tinha nexo porque o ordenamento do território não se faz só com sacos de cimento e camiões de areia. Ainda ontem esta questão constava como segundo ponto da ordem do dia. Mas alguém topou o logro em que o conjunto da Assembleia ia caindo: o assunto já fora discutido e votado na sessão legislativa passada e, por isso, não podia voltar a plenário.

Assim se abriu um buraco de hora e meia, na tarde parlamentar, tempo mais que suficiente para os deputados irem ao chá. Herculano Pombo, esse ria à surrelfa: por pouco não lia outra vez, no plenário, a sua diatribe de Abril passado contra a eucaliptação indiscrimidada que vai por esses municípios fora.

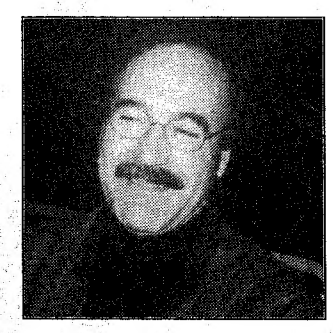
O RDM das Autarquias

Afirmação contundente, no vivo discurso de João Amaral, contra a pretensão governamental de exercer o «poder paternal» sobre municípios e freguesias:

«Nem o ministro é o Chefe do Estado-Maior das Autarquias, nem esta lei (e outras) devem configurar o RDM das autarquias».

Recorde-se que Amaral é o especialista de Defesa na bancada do Partido Comunista. Logo, da tropa e respectivas leis e regulamentos sabe ele...

Ou eu vejo mal...



Aliás, o essencial do confronto, neste pedido de ratificação, foi protagonizado por Amaral, de um lado, e Nunes Liberato e a bancada do PSD, do outro. Um exemplo foi a questão do prazo de entrega dos planos que a oposição queria ver dilatado.

Seráfico, Silva Marques, vice-presidente da bancada da maioria, disse ao deputado comunista:

«Ou eu vejo mal, ou há aqui um lapso técnico, talvez erro de dactilografia: é que o Partido Comunista fala, fala, em dilatar o prazo, mas nas suas propostas de alteração não vejo data nenhuma!».

Resposta do interpelado:

«Pois não, não vê e tem razões para não ver. É que, a partir desta discussão na Assembleia da República, o prazo devia ser negociado com os arquitectos e os municípios».

Cartas a Lello na Comissão

O deputado socialista José Lello interrogou, em tempos, o ministro da Administração Interna sobre comportamentos suspeitos de agentes da PSP do Porto. A corporação, ou alguns dos seus membros, parece não ter gostado nada dessas públicas denúncias e Lello passou a receber cartas anónimas, contendo ameaças e com todo o ar de terem sido escritas por agentes da PSP do Porto, conhecedores em pormenor das irregularidades denunciadas. Ontem perguntámos-lhe se apresentara queixa no comando distrital da polícia. Disse que não e deu notícia:

«Mandei as cartas todas para a Comissão . Eles agora que investiguem, se acharem que vale a pena .»

Unanimidade para Macau

O novo Estatuto Orgânico de Macau foi ontem votado no plenário da Assembleia da República tendo a votação e as curtas declarações partidárias sido transmitidas em directo, pela televisão, para aquele território sob administração portuguesa.

Tal como se previa, o diploma foi aprovado por unanimidade tendo-se ouvido apenas algumas reservas quanto à reduzida informação de que dispõe a Assembleia sobre as negociações com a China.

A fábrica de engenheiros

Ainda João Amaral, no mano-a-mano com a bancada do governo:

«Por mais que o senhor secretário de Estado procure, não há no mercado engenheiros suficientes para responder a tempo às exigências da lei. A menos que montem, num ano, uma fabriqueta de engenheiros com dinheiritos da CEE...».

POLÍTICA

Nunes Liberato obstinado, no Parlamento, quanto ao prazo de entrega dos planos directores municipais: são mesmo para concluir até ao fim do próximo ano, ainda que arquitectos, cartógrafos e engenheiros não abundem no mercado, como disse a oposição. E depois de entregues, o ministro dirá se os aprova ou não...

O fantasma de Torremolinos

O governo recusou ontem, pela voz do secretário de Estado Nunes Liberato, qualquer possibilidade de alteração ao regime jurídico dos planos directores municipais, nomeadamente a dilatação do prazo de entrega fixado até ao final do próximo ano.

Os prazos apertados de entrega foram a razões mais forte invocada por comunistas e socialistas para sujeitarem o decreto-lei que os determina a ratificação parlamentar: a maior parte dos municípios não dispõe de meios técnicos e financeiros, dizem PS e PCP, para cumprir as exigências governamentais e o resultado deste processo vai ser o aviamento, à pressa, de planos *standard*, insusceptíveis de cumprirem os objectivos específicos subjacentes ao diploma governamental.

«Os prazos consignados neste diploma -garantiu até Leonor Coutiho, deputada do PS e ex-candidata à presidência da Câmara de Almada- só se poderão compreender pela elementar razão de que o Governo já está consciente de que, em Dezembro de 1991, não será ele, mas sim um governo PS, quem terá de os protelar».

Consequências da obstinação governamental, apoiada pela sua bancada parlamentar, em não aproveitar os pedidos de ratificação para alterar os preceitos da lei mais contestados: quem não entregar o PDM no prazo previsto, ou vir recusada a sua aprovação pelo ministro Valente Oliveira, não poderá requerer a declaração de utilidade pública para efeitos de expropriações nem recorrer aos financiamentos da Administração Central.

Parece ser opinião unânime na Associação de Municipíos, tal como é parecer expresso da Associação dos Arquitectos, que a maioria dos 300 municípios portugueses não conseguirá entregar os seus planos directores a tempo ou nas condições exigidas pelo Governo. Porquê?

Leonor Coutinho: «No final de 91, o Governo do PS tratará de dilatar o prazo dos planos municipais»

Leonor Coutinho respondeu, ontem, no Parlamento: a cartografia nacional não dispõe de plantas actualizadas e sem elas não se pode elaborar quaisquer planos, mesmo que municipais; está complicado o processo de definição da reserva agrícola e da reserva ecológica; acrescem as complicações resultantes da elaboração, em paralelo, dos planos regionais de ordenamento do território; junta-se a isto tudo a falta de técnicos para as comissões de acompanhamento.

Se 23 podem os outros também

O deputado comunista João Amaral pôs mais na escrita: não há, no mercado, engenheiros, arquitectos, geógrafos e cartógrafos em número suficiente para prepararem cerca de 300 planos directores municipais no espaço de sete meses, o tempo útil que resta na grelha temporal das diversas fases previsíveis até final de 1991. Quanto à cartografia, só pagando-a cada município e Amaral deu um exemplo: à Câmara Municipal da Marinha Grande pediram 30 mil contos para lhe fazerem um mapa cartográfico do concelho...

Ele juntou um argumento político à sua recusa de aceitação da tutela governamental e da discricionaridade do ministro para aprovar ou recusar os planos autárquicos:

«Se os PDM's não estiverem conformes à lei -afirmou o deputado comunista- o governo que recorra aos tribunais, sem reservar para si a última palavra: já é tempo de ficar claro que o relacionamento entre o governo e o poder local não é o do exercício do poder paternal». Ou seja, como adiantou, «há plano director, se ele agradar ao governo; se não agradar ao governo, muda-se o plano».

«Eu acho que, posta a questão assim, o que devia mudar era o Governo», concluiu o deputado comunista.

A estas razões respondeu o governo, representado pelo secretário de Estado do Ordenamento do Território, com a reafirmação do óbvio legal: «É indispensável ter planos prontos até ao fim do próximo ano e a sua aprovação é um exercício normal da competência do governo».

Segundo Nunes Liberato, o governo nunca aprovará, por exemplo, o plano de um município à beira-mar que pretenda fazer do concelho uma imitação de Torremolinos. Acrescentou que dois PDM's já estão aprovados e mais 23 entregues no ministério. Logo, concluiu, se estes municípios puderam, os outros também podem.

Manuel Moreira, responsável para as autarquias na bancada do PSD, acrescentou um número aparentemente demolidor da argumentação pessimista da oposição: neste momento há 145 municípios a trabalhar sobre os seus planos directores, para os entregarem no prazo previsto, o que prova terem aceite e compreendido as intenções contidas no diploma governamental que PS e PCP pretendiam alterar.

Somado tudo isto e a obstinação detectável logo que o secretário Nunes Liberato abriu a boca, resultou que o decreto-lei nº 69/90 não vai ser alterado uma vírgula, sequer, e o melhor que têm a fazer os municípios é apressarem-se em vez de lamuriarem nos gabinetes dos partidos da oposição...

Dito por outras palavras, usadas noutro contexto pelo porta-voz comunista na sessão de ontem, na Assembleia da República, «o RDM das autarquias» existe e o grande planeador Valente Oliveira não desiste de o aplicar.

Daniel Reis

Na sessão de hoje

Informática: o segundo parceiro já chegou

A proposta de lei do Governo sobre protecção de dados pessoais face à informática chegou, finalmente, ao plenário da Assembleia da República. A proposta é discutida esta tarde e, efectivamente, vem muito tarde porque há meses que o projecto do Partido Socialista sobre a mesma matéria foi apresentado, discutido e votado, aguardando desde então no congelador a companhia deste segundo parceiro informático de proveniência governamental.

Com a sua proposta, o Governo pretende criar uma comissão nacional de protecção de dados pessoais, que funcionará na Asembleia da República e se destina a controlar o processamento automático «em rigoroso respeito pelos direitos do homem».

Na exposição de motivos do diploma, o Governo considera urgente legislar sobre esta matéria devido ao desenvolvimento «fulgurante da informática descentralizada e a utilização generalizada de pequenos sistemas de microprocessadores dotados de notável capacidade de memorização». A evolução terá sido tão acelerada que tornou «inadequados e inoperantes» os mecanismos de controlo criados há dez anos.

Escutas: ainda não foi desta

O ministro da Justiça comunicou à Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias que, por dificuldades de agenda e compromissos assumidos anteriormente, não lhe seria hoje possível deslocar-se à Assembleia para ser ouvido no caso das escutas telefónicas. Laborinho Lúcio, em contrapartida, colocou-se à disposição dos deputados da Comissão para ser ouvido na próxima terça-feira.

A garantia da presença do ministro da Justiça na reunião de hoje fora dada na semana passada pelos representantes do PSD na Comissão que admitiram, se houvesse dificuldades de agenda, a substituição de Laborinho Lúcio pelo ministro da Administração Interna, Manuel Pereira.

Continua também a ser aguardada a ida de técnicos dos CTT/TLP convocados para explicar cientificamente aos deputados se existe ou não efectiva possibilidade de quebra do sigilo nas telecomunicações nacionais. Simplesmente, eles ainda não foram autorizados a depor devido a alegadas dificuldades burocráticas.

POLÍTICA

Goulart subscreve uma «moção de unidade» ao congresso de Junho que aposta na subida ao poder regional

PS/Açores admite coligação pós-eleitoral com CDS

Um PS/Açores dotado de programa de governo revisto, preparado para tomar o poder sozinho, mas de portas abertas a uma coligação com o CDS - eis o cenário mais provável para as eleições regionais de 1992.

Estes princípios, inscritos na única moção de estratégia a submeter ao congresso dos socialistas do arquipélago, a realizar entre 1 e 3 de Junho na Horta, deverão vingar, já que se trata de uma «moção de unidade», assim caracterizada pelo líder da estrutura, Martins Goulart.

O documento, subscrito pelos principais dirigentes, entre os quais Carlos César, presidente da Comissão Regional, e Dionísio de Sousa, chefe do grupo parlamentar, está neste momento em discussão nas bases. Só será tornado público, segundo apurou o «DL», após o congresso social-democrata da próxima semana, para que o seu efeito noticioso não se dilua.

«Queremos definir com clareza uma estratégia global de desenvolvimento, definindo prioridades», disse ao nosso jornal Martins Goulart, a propósito do processo de «actualização» do programa de governo, do qual ficará incumbido o grupo de estudos do PS/Açores.

Martins Goulart: socialistas açorianos vão rever programa de governo

O líder socialista açoriano, que reiterou críticas à «sobreocupação» dos circuitos económicos por parte do Governo Regional, disse que «ao PS não interessa manter esta estrutura pesada, próxima do capitalismo de Estado». Goulart, para quem o PSD «esgotou o discurso e o modelo», salvaguardou, porém, que o sector público tem «o seu lugar».

A controversa questão das alianças está definida com clareza na moção, segundo o dirigente do PS/Açores. O partido concorrerá isolado às eleições, não excluindo a possibilidade de protagonizar coligações pós-eleitorais, «preferencialmente com o CDS».

«Não vamos combater o PSD para depois nos aliarmos a ele», afirmou Goulart, rejeitando, igualmente, a hipótese de aproximação ao PCP e justificando a opção pelos centristas com o facto de já terem sido encetadas nas autárquicas experiências de colaboração mútua. Recorde-se que os dois partidos governam em conjunto, desde Dezembro, três autarquias açorianas - a capital, Ponta Delgada, Velas e Vila Praia da Vitória.

Goulart desdramatiza «guerra» com Sampaio

Entretanto, Martins Goulart desdramatizou ao «DL» o conflito com Jorge Sampaio de que deram conta, recentemente, dois semanários. O «Semanário» e o «Independente» aludiram a uma troca de cartas entre os dois dirigentes, que abordavam diversos problemas, desde a questão da deslocação do secretário-geral ao congresso regional até à participação de açorianos na lista para o Conselho Nacional, passando pela atribuição da parcela do vencimento do eurodeputado Cunha de Oliveira destinada ao partido.

Goulart assegura que mantém um «diálogo normal» com Jorge Sampaio e que «não existe qualquer tensão política». Admite que o facto de os congressos regional e nacional se realizarem em datas próximas torne difícil resolver algumas questões, sobretudo a da deslocação ao Continente de delegados ilhéus, mas adianta que «em todos os congressos anteriores a problemática era idêntica».

Paulo Martins

Igreja Evangélica condena TV privada para os católicos

A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica enviou uma carta ao Presidente da República considerando «ilegítimo e imoral o privilégio da concessão à Igreja Católica Romana de um canal da RTP, empresa que pertence ao erário público, para o qual contribuem todos os cidadãos portugueses sejam católicos ou não».

A Igreja Evangelista condena a atribuição à Igreja Católica de «um espaço televisivo num qualquer canal, se não for acompanhada da abertura de um espaço proporcional para as outras confissões religiosas».

A comissão permanente da Igreja Lusitânica Evangélica considera um «atropelo à Constituição, privilegiar a concessão à Igreja de um canal de exploração própria, como qualquer outra instituição privada de fins diferenciados».Quanto aos augumentos da «sensibilidade católica do povo português», a Igreja Evangélica recorda «o acentuado descendo estatístico das assistências à missa dominical» e sublinha que « em muitos períodos, alguns bem recentes, foi a Igreja Católica e o seu exacerbado ultramontanismo factor de atraso e oposição ao progresso do País».

POLÍTICA

A evolução do regime político português domina a segunda parte da entrevista exclusiva que Mário Soares concedeu ao DL , cuja publicação hoje concluímos. A coabitação, os grupos de pressão, a fronteira esquerda-direita e o vasto consenso que o seu mandato tem suscitado são os temas centrais do diálogo que estabeleceu com o Diário de Lisboa

«Há uma divisão muito clara entre esquerda e direita»

DL - *Em seu entender, as modificações introduzidas pela revisão constitucional de 1982 significaram uma diminuição de poderes do Presidente?*

MS - Sempre achei que não. Sempre o disse e mantenho. Não consigo perceber qual a diminuição de poderes invocada pelos partidários dessa teses. A menos que pensem no facto de o Presidente da República deixar de ser presidente do Conselho da Revolução e chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas. Isso, porém, só poderia existir num período de transição, prévio à institucionalização de uma democracia plena. Mas quanto aos poderes específicos do Presidente da República, é óbvio, não.

DL - *Como no que toca à possibilidade de o Presidente da República exonerar o primeiro-ministro?*

MS - O Presidente da República tem a possibilidade de exonerar o primeiro-ministro...

DL - *Mas em condições mais restritas, só pode demitir o Governo quando tal se torne necessário para assegurar o normal funcionamento das instituições*

MS - Não podia ser, aliás, de outra maneira. A prática constitucional é, de resto, essa. O Presidente da República tem a possibilidade teórica de exonerar o primeiro-ministro; mas é claro que, nos termos da Constituição tem que nomear o novo, de acordo com os resultados eleitorais. Se eu pretendesse agora exonerar o primeiro-ministro teria de pedir ao PSD - que é o maior partido - para me indicar um novo chefe do Executivo. Ora, naturalmente, o PSD indicar-me-ia o mesmo.Seria, pois, um acto gratuito. Contudo - antes e depois da Revisão - isso sempre foi assim.

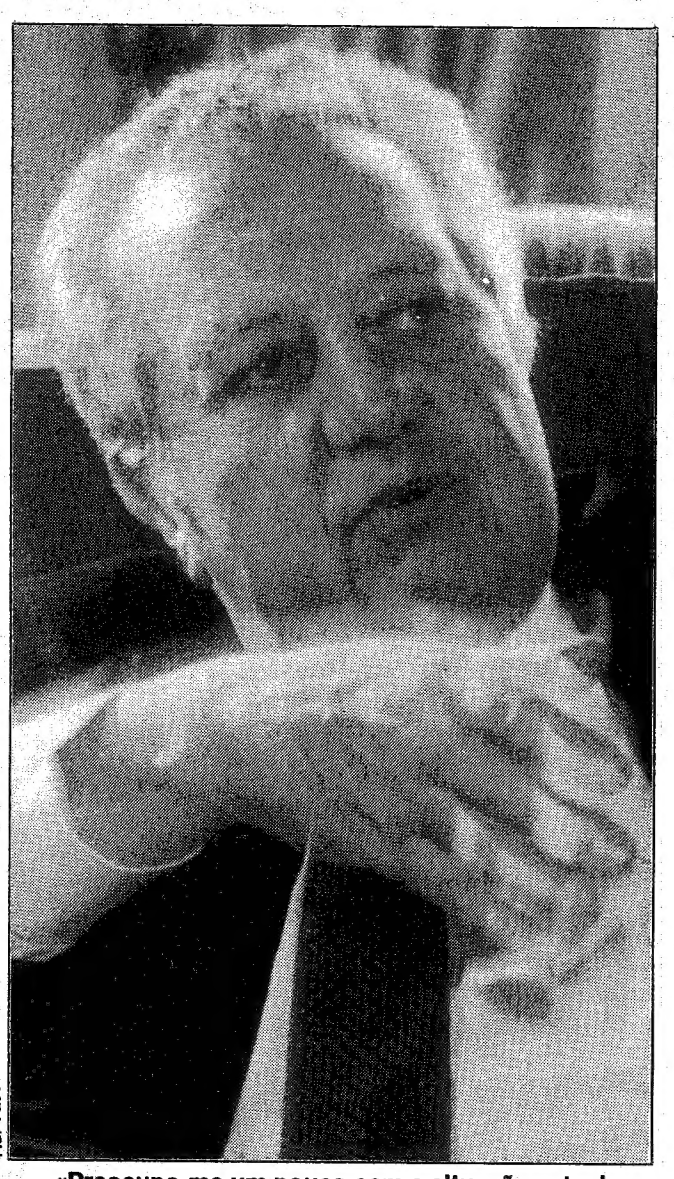
Naturalmente que com governos de coligação ou governos minoritários, é sempre mais fácil exonerar o primeiro-ministro. Foi o que também aconteceu no passado. Porém, os poderes do Presidente mantêm-se idênticos àqueles que existiam antes de 1982. Como sou partidário do sistema semi presidencial, considero que os poderes do Presidente da República são os bastantes. Como se sabe, não tem poderes executivos. Quem dirige a política interna e externa do País é o Governo; quem superintende na administração pública, é o Governo. Mas o Presidente da República tem outros poderes: de orientação geral, de dissolver a Assembleia da República, de promulgar ou não as leis, de exercer o direito de veto, de moderar a vida nacional e, em caso de crise, é incontestavelmemte o supremo árbrito.

DL - *Olhando para o seu mandato, a sensação que nos fica é que tem exercido, sobretudo, funções de representação interna e externa...*

MS - Está muito enganada. É uma má apreciação que faz do meu mandato. Simplista e não fundamentada. Tenho exercido todos os poderes que me cabem, como Presidente da República, em todas as circunstâncias - quer no que diz respeito à promulgação, à moderação da vida nacional, quer relativamente ao que chamei os grandes desígnios nacionais. Já dissolvi uma vez a Assembleia da República. E tenho exercido todos os poderes que a Constituição me atribui. Aliás, tudo o que me comprometi fazer durante a campanha eleitoral, tem vindo a ser cumprido. Agora o que não fiz, foi interferir na esfera de competência do Governo. Sempre respeitei o princípio da solidariedade institucional que deve existir, para bem do País, entre o Presidente da República e os outros órgãos de soberania, nomeadamente o Governo. Nunca aceitei ser contrapoder e sempre procurei ser isento e equidistante dos partidos. Para poder ser reconhecido como árbrito e fazer cumprir a Constituição, mantendo nos seus limites próprios Governo e Oposição.

DL - *Também há quem considere, que, pelo menos num caso, o senhor Presidente exorbitou no uso do seu poder de influência. Refiro-me à intervenção junto do ministro da Educação acerca da questão das aulas de Religião no ensino secundário.*

MS - Que ideia absurda!



Rui Vasco

«Preocupo-me um pouco com a situação actual dos partidos»

No uso dos meus deveres constitucionais, limitei-me a aconselhar o primeiro-ministro - e por seu intermédio o Governo - sobre uma questão nacional importante e delicada, com o objectivo único de evitar tensões desnecessárias.

DL - *A sua actuação deriva da conjuntura política?*

MS - Não, a minha actuação deriva da Constituição e da leitura que faço da Constituição, leitura essa que - como tenho dito sempre - privilegia a vertente parlamentar do regime

Parte do mérito da coabitação cabe a Cavaco Silva

DL - *A sua coabitação com o professor Cavaco Silva parece ter-se processado até agora em termos de maior harmonia do que, por exemplo, a coabitação Miterrand/Chirac.*

MS - Absolutamente. Miterrand e Chirac foram ambos candidatos à Presidência da República. Estavam assim expostos a uma situação de conflitualidade permanente. O regime semi-presidencialista francês sempre funcionou, ao contrário do nosso, em termos de consonância entre maioria, Governo e Presidente. O nosso não. Portanto, nós temos uma prática e mesmo um hábito de coabitação que os franceses nunca tiveram. Foram dramáticos, para a França, aqueles dois anos.

Por outro lado, a prática constitucional francesa, desde De Gaulle, vai no sentido de acentuar o papel do Presidente da República, quer em política externa quer em matéria de defesa nacional. Em França é corrente o Presidente presidir aos Conselhos de Ministros; em Portugal isso só aconteceu uma vez - a pedido do chefe do Governo - no Executivo de Maria de Lourdes Pintasilgo. Portanto, a situação é bastante diferente. Nós aqui, felizmente, não temos uma posição de rivalidade sistemática. De resto, nem eu sou candidato à recandidatura nem o primeiro-ministro à Presidência...

DL - *Posso concluir que uma parte do mérito dessa coabitação ser tão pacífica se deve atribuir à circunstância de o professor Cavaco Silva não ter optado por uma estratégia que o levasse a concorrer consigo, nas próximas eleições presidenciais?*

MS - E de eu também não ser candidato! Mas não há dúvida que o professor Cavaco Silva tem uma parte do mérito. Trata-se de uma relação que é boa, cordial e fecunda para o País. E que o País aprecia. Como é uma relação a dois, é natural se as coisas corressem mal a culpa fosse dos dois; correndo bem, também. A situação de um primeiro-ministro, chefe de um partido maioritário ou minoritário, na Assembleia da República, é diferente. Ora, as minhas relações com o professor Cavaco Silva já conheceram três situações diversas: a primeira, quando chefiava um Governo que era minoritária; a segunda, um Governo com uma maioria absoluta; e a terceira, tendo embora um Governo com maioria absoluta, na Assembleia da República, dirigindo um partido que não é maioritário em matéria autárquica.

São três posições relativamente diferentes, mas nunca as nossas relações sofreram qualquer modificação: sempre foram correctas, baseando-se no estrito cumprimento da Constituição. As competências do Governo são estas, as do Presidente são aquelas. Nem o Governo interfere nas do Presidente, nem o Presidente nas do Governo. É um comportamento fundamental para que o sistema funcione. Ora o sistema semi-presidencialista tem grandes potencialidades, mas se não houver prudência, é gerador de conflitos. Direi mesmo que a tensão entre o Presidente da República e o primeiro-ministro, que existe sempre, contém em si própria grandes virtualidades. Exige dos titulares dos órgão de soberania contenção, respeito mútuo e interdependência, a par de um grande conhecimento do sistema. Se os não têm, os conflitos são diários, permanentes e graves para o País.

A justiça é lenta mas já o foi mais...

DL - *Vivemos numa democracia representativa. No entanto, há uma série de mecanismos desse regime que não funcionam ou funcionam mal: os tribunais, o Tribunal Constitucional... Isso não poderá afectar o próprio regime?*

MS - Não se pode dizer que o regime tem instituições que não funcionam, só porque elas não trabalham sempre de uma maneira perfeita. Em Portugal, as instituições funcionam. Comparativamente a outros países, diria mesmo que funcionam bastante bem. Claro que podem aperfeiçoar-se. Podemos e devemos melhorar tudo aquilo que está mal. É nosso dever fazê-lo.

Não se pode afirmar que os tribunais funcionam mal. Em geral, funcionam com independência e bom critério. Muitas vezes a justiça é lenta - é verdade - mas já o foi mais. Tenho esperanças que venha a ser menos. As instituições melhoram-se e é fundamental que haja uma crítica livre e isenta para que elas se possam aperfeiçoar cada vez mais.

DL - *Esta morosidade de muitas instituições, caso dos tribunais, não poderá estar na origem do aparecimento de muitos grupos de pressão que pretendem ver os seus interesses atendidos mais rapidamente?*

MS - Os grupos de pressão existem em todas as sociedades abertas. Nas sociedades fechadas também, mas nesse caso, não são tão visíveis. Numa sociedade aberta tornam-se mais evidentes, porque toda a gente pode discutir tudo. Devemos ser, naturalmente, contra os grupos de pressão. Aí

Rui Vasco

«Nem eu sou candidato à recandidatura nem o primeiro-ministro à Presidência...»

está um domínio em que a Imprensa tem um papel muito importante a desempenhar. Penso que é fundamental que o desempenhe, sem se constituir, ela própria, em porta-voz de grupos de pressão. Através da Imprensa podem corrigir-se muitos abusos, muitas coisas de que não se tem conhecimento de outro modo. Em Portugal temos muitos exemplos disso.

DL - *A criação, em Portugal, dos chamados órgãos administrativos independentes - como por exemplo a Alta Autoridade Contra a Corrupção - não é, de algum modo, o reconhecimento de que as instituições que normalmente deveriam actuar nessas circunstâncias não o fazem e, então, tenta-se criar outros órgãos com competências especiais para os substituir?*

MS - Acho que tem alguma razão. É provável que a lei que instituiu a Alta Autoridade possa vir a ser melhorada. Porventura, poderiam ser-lhe atribuídos mais poderes do que aqueles que tem, sob pena de não se tornar muito operacional. A Alta Autoridade contra a Corrupção surgiu num momento dado, numa dada conjuntura. Não significa isso que deva permanecer eternamente. Na altura, criou-se essa instituição para resolver determinados problemas e para fazer face a dificuldades concretas; mas é óbvio que é através dos órgãosjurisdicionais normais que a corrupção melhor se combate.

Da mesma maneira, criou-se em certa conjuntura, e este Governo manteve-o, um programa de emergência para o distrito de Setúbal; não quer isso dizer que tal programa permaneça *ad eternum*. A situação de Setúbal, de resto, está a melhorar consideravelmente.

Se Sampaio ganhar as eleições já não conto estar neste lugar

DL - *Ainda no que se refere à evolução do regime, declarou recentemente numa entrevista ao «Público» que discutiu com o Presidente da República a composição do seu primeiro Governo constitucional, mas já não o fez quando formou o seu terceiro Governo. Isso deve-se a alterações institucionais, por exemplo a revisão constitucional, ou à evolução das relações políticas e pessoais entre o dr. Mário Soares e o general Ramalho Eanes?*

MS - Nada impede constitucionalmente, que um primeiro-ministro peça opinião ao chefe de Estado sobre um ministro, e que este lha dê. Isso depende, em absoluto, da confiança política existente entre ambos.

DL - *A prática constitucional portuguesa futuramente apontará num ou noutro sentido?*

MS - Não sei, depende da evolução da vida política e do relacionamento que vier a estabelecer-se entre os titulares dos órgãos de soberania.

DL - *Se o dr. Jorge Sampaio se sentar nesta cadeira para lhe apresentar o seu Governo, por hipótese minoritário....*

MS - É difícil responder a essa pergunta. O dr. Jorge Sampaio só se poderá sentar nessa cadeira depois de Julho de 1991, se vier a ganhar as eleições legislativas. Ora, nessa altura, já eu não conto estar neste lugar.

DL - *Isso significa que já decidiu, em definitivo, que não se candidata?*

MS - A minha inclinação vai, com efeito, nesse sentido. O meu compromisso com o povo português foi tomado a cinco anos de vista, e, cinco anos é muito tempo. É um periodo que tem a sua própria unidade intrínseca, e que se esgota uma vez passado. Dito isto, não sou obviamente, insensível aos apelos que me têm sido feitos. Tenho, porém, as minhas razões. Enfim, reflectirei no momento próprio e comunicarei ao País a minha decisão.

DL - *Mas se recolocarmos a questão como cenário: suponhamos que foram preenchidas todas as condições, o dr. Mário Soares reeleito Presidente, o PS vencedor das legislativas, o dr. Jorge Sampaio indigitado primeiro-ministro...*

MS - Gosto de fazer cenários mas não em entrevista públicas. Se um dia me convidar para almoçar e não estiver na sua qualidade de jornalista, responder-lhe-ei com todo o prazer e facilidade. Agora, numa entrevista pública, não, porque isso poderia suscitar equívocos ou ser interpretado como algo de real e não como cenário. O que complicaria tudo.

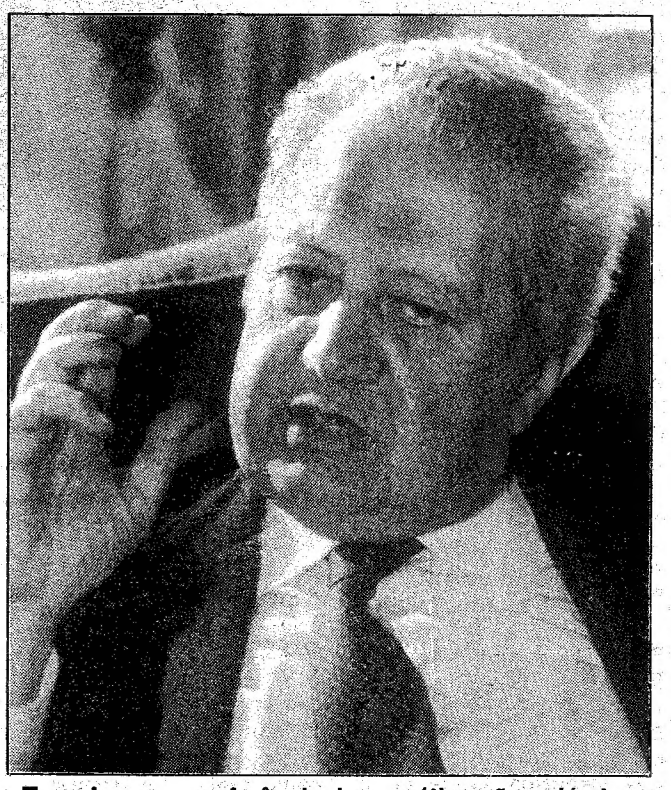
Uma das razões porque durante o meu mandato, como Presidente da República, tenho tido alguma aceitação das pessoas e dos partidos, é justamente por ter sido capaz de forçar a minha natureza mantendo a reserva que é de regra no Presidente da República. A minha tendência normal - como homem político que sempre fui e com o temperamento que é o meu - é responder de imediato a esse tipo de perguntas. Tenho procurado, contudo, sempre, não responder para não suscitar no espírito das pessoas eventuais falsas interpretações.

Ora não há nenhum terreno em que se possa tão facilmente dar pasto a interpretações polémicas, do que se aceitar fantasiar cenários políticos, futuros e incertos...

DL - *Uma situação que seria lógica, curial, toda a gente esperou por ela, seria a situação de um Presidente, um Governo e uma maioria parlamentar. Na revisão constitucional de 82 talvez tivesse esse cenário como pressuposto... Nesse caso, não acha que a tendência seja para prevalecer a legitimidade presidencial?*

MS - Como já lhe referi, faço sempre uma leitura parlamentar da Constituição e não uma leitura presidencialista. Sempre considerei que o fulcro da democracia está no Parlamento.

> *«Não estou à procura de ganhar votos nem adesões, nem preciso de os ganhar. As minhas motivações não são essas»*



Rui Vasco

«Tornei-me uma referência democrática não polémica»

> *«Nunca aceitei ser contrapoder e sempre procurei ser isento e equidistante dos partidos para poder ser reconhecido como árbitro e fazer cumprir a Constituição»*

Sempre apreciei Lucas Pires

DL - *Lucas Pires afigura-se-lhe um bom candidato para as presidenciais?*

MS - Sem sombra de dúvida.

DL - *Ele fez o seu elogio...*

MS - Fez o meu elogio na sua qualidade de universitário. Mas não é por isso que eu não tenho dúvidas nenhumas em reconhecer as superiores qualidades intelectuais e mesmo políticas do dr. Lucas Pires. É por causas objectivas, que são indiscutíveis. Sempre o apreciei, mantendo com ele, desde o 25 de Abril, relações de grande cordialidade.

DL - *O «Semanário» lançou o perfil do candidato X que surgiria à sua direita. Não lhe pareceria saudável que, no caso da sua recandidatura, aparecesse também uma candidatura Y situada à sua esquerda?*

MS - Já lhe disse que não sou candidato à recandidatura. Se põe, porém, a questão em teses, dir-lhe-ei que em qualquer eleição é sempre útil que haja candidatos contra todos, à esquerda e à direita. A escolha do eleitorado torna-se mais fácil.

DL - *Que pensa do nosso actual sistema partidário?*

MS - Preocupo-me um pouco com a situação actual dos partidos. Como sempre disse, considero os partidos essenciais à democracia, embora reconheça que não esgotam as formas de participação política. Sucede que julgo que os partidos em Portugal estão todos demasiado fechados sobre si próprios e pouco abertos à sociedade civil. Tenho muitos contactos com muita gente e as melhores pessoas que encontro, as mais aptas, inteligentes, e preparadas, quando lhes pergunto se estão em algum partido, respondem, frequentemente, que não. Não estão, nem querem estar. Isso preocupa-me porque entendo que os melhores deviam estar nos partidos. Se não estão, é porque os partidos não se revelam estruturas suficientemente acolhedoras. Porquê? É importante investigá-lo.

Penso que os militantes que se metem nos partidos, se fecham lá dentro e vêem os de fora como concorrentes. A modificação da legislação eleitoral poderia, em alguns aspectos, modificar tal situação sobretudo se vier a adoptar-se um sistema misto, estabelecendo uma maior ligação de conhecimento e responsabilidade entre o deputado e o eleitor.

DL - *Considera que o regime português poderá caminhar no sentido de uma bipolarização partidária?*

MS - Nunca fui grande entusiasta do sistema. Pergunto a mim próprio se a circunstância de só haver dois grandes partido e meras franjas políticas sem expressão, será útil do ponto de vista democrático. Sobretudo quando os dois parti-

cont. na pág. 10

Mário Soares ao «DL»

«Tenho levado a água ao meu moinho...»

cont. da pág. 9

dos principais procuram, ambos, a conquista do centro, um pela esquerda e outro pela direita. Logo a seguir ao 25 de Abril surgirtam mais de 15 partidos; depois ficaram, essencialmente, quatro. Hoje existem cinco, com assento na Assembleia da República. Mas,de facto, grandes partidos, pertencentes a grandes famílias políticas com ressonância europeia, existem apenas quatro. Não percebo qual a vantagem de os reduzir a dois.

DL - *Defende portanto a existência de listas de independentes a concorrerem às autárquicas?*

MS - Sou, com efeito, partidário desse sistema. Não o fui em 1976 porque era preciso consolidar os partidos - ou melhor: o sistema partidário - sem o que a democracia poderia flutuar. Hoje, com partidos implantados e fortes, acho que seria vantajoso para não assistirmos a transferências de última hora pouco edificantes, como sucedeu nas últimas autárquicas, em que autarcas que não têm a investidura do partido, mas são populares, e vão à procura da investidura de outro partido e mudam de partido com o maior à vontade...

Há uma divisão clara entre esquerda e direita

DL - *Continua a haver, em sua opinião, uma fronteira nítida entre esquerda e direita?*

MS - Acredito que há uma divisão muito clara entre esquerda e direita. Não só em Portugal como em toda a Europa. Creio que vai continuara a haver, independentemente da crise do movimento comunista internacional.

DL - *O que pensa da afirmação de que a vida nacional, nos últimos tempos, se terá deslocado definitivamente para a direita?*

MS - Acho que a sociedade portuguesa não está, neste momento, a deslocar-se para a direita. Pelo contrário. Na política europeia há um movimento pendular permanente, nos dois sentidos. Nele se fundamenta a alternância democrática.

DL - *Do ponto de vista da educação cívica, os órgãos de comunicação social são bons aliados do regime democrático?*

MS - É difícil dar uma resposta global. Implicaria uma longa análise. Mas, de uma maneira geral, penso que nenhum órgão de comunicação social faz campanha explícita contra a democracia. Alguns deles procuram mesmo fazer a pedagogia da democracia, e isso é altamente positivo. Hoje, ninguém em Portugal é antidemocrático; o movimento anti-democrático foi perfeitamente pulverizado, e escuso de lhe dizer que considero isso muito bom.

DL - *Mas há quem defenda que o discurso é democrático, que as instituições são democráticas, mas que há uma certa contradição com a cultura política, que persiste em comportamentos e gestos não democráticos...*

MS - Há reflexos condicionados vindos do passado, que persistem e nos chocam, mas isso não quer dizer que sejam partilhados pela maioria dos cidadãos. Pelo contrário. Os portugueses, no seu conjunto, julgo que se sentem democratas, reconhecem a importância da democracia e sabem utilizar muito bem o seu voto, na defesa dos seus interesses e ideias. Digo isto, apesar de ter perdido várias eleições. Mas entendo que os portugueses exerceram sempre muito bem o seu direito de voto. A vida social e associativa das pessoas é hoje muito rica e variada. Gostaria de ver mais debates políticos na televisão, gostaria que houvesse mais centros de reflexão política, mas acho que o caminho que foi feito nestes anos foi extraordinário. Há uma formação política que tem vindo a ser feita por toda a gente.

Não estou nada a ver a sociedade portuguesa a andar para a direita. Evidentemente, há manifestações retrógadas, o poder do dinheiro é impositivo e, às vezes, chocante. Contudo, no passado tudo isso existia com muito mais força mas as suas manifestações não eram públicas e hoje são. Nada do que é tipicamente reaccionário tem a ver com os estractos mais criativos da sociedade portugesa, porque esses são gente com uma visão moderna e generosa da sociedade. Ora a genorosidade é própria da esquerda. A direita, por essência - e é isso que divide a esquerda da direita - é conservadora, no sentido em que acha que se devem manter certos privilégios, considerando as desigualdades sociais como inevitáveis e não pondo o acento tónico na solidariedade nem na justiça, como é apanágio da esquerda.

Acrescentaria ainda que a crise hoje vivida pelo movimento comunista não significa o desaparecimento da necessidade de utopia em política. Entenda-me: não no sentido da construção de uma sociedade perfeita, ideal, pe-fabricada; utopia, no sentido de se reconhecer aos homens capacidade para modificar a realidade que os cerca, para melhor.

Tenho levado a água ao meu moinho

DL - *Referiu-se ao vasto consenso que tem havido à volta do seu mandato. Esse consenso não é também algo que impede a realização de um desígnio? Por vezes não se torna, algo de incómodo?*

Rui Vasco

«Posso citar-me a mim próprio? No prefácio do meu livro 'Intervenções 4', digo (...)»

MS - Não creio. Nunca abandonei os meus desígnios e creio que, paulatinamente, tenho levado a água ao meu moínho. Estabeleceu-se um consenso positivo alargado àcerca da forma como tenho conduzido o meu mandato? É verdade. Se me perguntar porquê, dir-lhe-ei, como noção prévia, que se trata de um fenómeno novo na sociedade portuguesa. Sobre a sua razão de ser tenho, naturalmente, procurado reflectir. A conclusão a que cheguei é que o consenso tem mais a ver com o estilo de actuação, com a prática da tolerância, com a isenção e com o respeito pelas ideias dos outros do que com a defesa das próprias, que aliás nunca deixei de fazer, mas sempre por forma não agressiva.

Tornei-me, assim, uma referência democrática não polémica. O meu passado - e o percurso de coerência política que tem sido o meu - obviamente ajudaram. Ora, no mundo inseguro em que vivemos, em acelerada transformação, que alguns identificam com uma crise de valores, as pessoas têm necessidade de referências afectivas, de tipo moral e político, em que possam confiar e que, por isso, lhes dêem tranquilidade e segurança.

> *«Uma das razões porque durante o meu mandato, como Presidente da República, tenho tido alguma aceitação, é por ter sido capaz de forçar a minha natureza mantendo a reserva»*

Perguntar-me-á se não me incomodam os aplausos da direita? Respondo-lhe muito francamente: não; porque nunca deixei de ter o apoio da esquerda, a que sempre pertenci.

DL - *Esse consenso não o aprisiona? Não condiciona os seus gestos, a sua estratégia política?*

MS - Não. Não estou à procura de ganhar votos nem adesões, nem preciso de os ganhar. As minhas motivações são essas. Têm a ver com a ideia que faço de e para Portugal e daquilo que penso que deve ser a função do Presidente da República no nosso sistema político-constitucional.

DL - *Quando o professor Cavaco Silva anunciou a hipótese de apoiar a sua recandidatura e os serviços da Presidência da República afirmaram que tinha sido uma surpresa para si, a interpretação mais frequente foi a de que o Presidente tinha tido necessidade de circunscrever o consenso que existia à sua volta porque esse conseno lhe pareceria excessivo. Não era correcta essa interpretação?*

MS - Não. A interpretação que deve fazer é a mais directa e normal. O Presidente, através do seu porta-voz, manifestou aquilo que disse e nada mais: supresa. Ficou surpreendido e disse-o. Não houve qualquer informação prévia nem nenhuma conversa sobre tal matéria. Daí a surpresa.

DL - *Quando diz que foi uma surpresa quer dizer que deveria ter sido consultado primeiro?*

MS - Quero dizer apenas aquilo que disse, e não quero daí tirar qualquer outra conclusão. O primeiro-ministro tem o direito de dizer aquilo que entende sobre as questões que julgue de interesse nacional. As eleições presidenciais incluem-se, obviamente, no número dessas questões.

DL - *Os regimes têm as suas datas de comemoração. Em Portugal, a democracia tem o 5 de Outubro e o 25 de Abril. A sensação que nos ficou, no ano passado, foi que existiria alguma crise em torno da celebração dessas datas.*

MS - Não creio. O 5 de Outubro e o 25 de Abril são datas importantíssimas da história portuguesa contemporânea e como tal devem ser celebradas. Este é o meu ponto de vista. É verdade que os partidos políticos nem sempre as têm celebrado da melhor maneira. Sobretudo quando aproveitam para discutir problemas do quotidiano, em vez de se voltarem para o futuro, ou quando organizam manifestações com acentuado sabor passadista. No ano passado tentei, através da Assembleia da República, e consegui, que o 25 de Abril não fosse aquela sucessão de discursos que sempre tem sido. Consegui-o, nomeadamente com a presença de um dirigente africano, que foi uma nota extremamente significativa. Este ano, a Assembleia da República entendeu dever voltar a uma sessão de tipo tradicional. Não estou de acordo mas, naturalmente, respeito e aceito a decisão. Essas efemérides devem ser vistas com os portugueses virados para o futuro. São datas nacionais importantíssimas: o 5 de Outubro, representa a República, que me parece uma forma política adquirida na sociedade portuguesa - a República democrática e moderna; e o 25 de Abril, representa a liberdade perdida com a ditadura.

Por isso entendi - e entendo - que as Forças Armadas que tanto contribuiram para a reconquista da liberdade, devem desfilar nesse dia. É a forma normal de partilharem, com a solenidade dos gestos que o povo compreende, da alegria popular.

Entrevista de: Diana Andringa, Dina Soares e Mário Mesquita

O talento da Europa

Acabam de ser criados, na Europa, as

"Pépinières," Viveiros Europeus para Jovens Artistas.

Em 1990, vão ser atribuídas, após selecção por um júri internacional, quarenta Bolsas de Criação a jovens artistas plásticos, videastas, fotógrafos, compositores e argumentistas, com menos de 35 anos de idade. Durante vários meses, dez cidades europeias acolherão jovens da França, Itália, Luxemburgo, Reino Unido e República Federal da Alemanha. Para que criem.

Béthune • França, ***Instalação, escultura ou pintura com introdução da fotografia***

Dortmund • República Federal de Alemanha, ***Arte e meio ambiente, instalações***

Frankfurt • República Federal de Alemanha, Novos media e video

Glasgow • Grã-ßretanha, ***Artes plásticas***

Grenoble • França, ***Artes Plásticas***

Lisboa • Portugal, ***Composição de guiões: produtos curtos para a televisão***

Luxembourg • Grão-Ducado do Luxemburgo, ***Composição de guiões: Filmes, telefilmes***

Marseille • França, ***Imagem, som e novas tecnologias***

Napoli • Itália, ***Fotoreportagem***

Niort • França, ***Arte e meio ambiente***

Um programa proposto aquando da conferência dos Ministros Europeus encarregados da Cultura presidido por Jack LANG a 3 e 4 de Novembro de 1989, durante a presidência francesa do Conselho Europeu. Com o apoio da Comissão das Comunidades Europeias, do Fundo Internacional para a Promoção da Cultura - UNESCO, do Ministério da Cultura Francês, da Secretaria de Estado encarregado da Juventude e Desportos, da Secretaria de Estado encarregada das Relações Culturais Internacionais, da Caisse des Dépôts et Consignations, da Air France e o patrocinio da Fundação France-Libertés.

EUROCREATION

Para mais informações:
VIVEIROS DE ARTISTAS - MERIBERICA R.P. Rua Luciano Cordeiro nº 89, 2º Esq 1000 Lisboa. Tel: 352 08 09 / 352 08 13

Com o apoio do Frankfurter Allgemeine
Esta operação de comunicação será patrocinada e publicada por 4 jornais quotidianos nacionais:

tageblatt The Guardian Libération Diário de Lisboa

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

DEVOLVAM-NOS O TEJO!

Dentro de cinco anos, precisamente em 1 de Setembro de 1995, ocorrerá o centenário da chegada da linha de ferro de Cascais até ao Cais do Sodré. A obra, realizada pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, obrigou a alinhar a margem direita do Tejo, «Desde o caneiro de Alcântara até Porto Franco e de Porto Franco até à Torre de Belém» (1). Com as terraplanagens então executadas, que empregaram cerca de 5 milhões de m3 de aterros (1), ficou o sítio de Belém a 400 metros da linha de água.

Com a instalação desta linha de caminho-de-ferro, criou-se no espaço fronteiro aos Jerónimos *um primeiro dique*, físico e visual, que cortou a natural ligação daquele edifício com o Tejo. O dique veio a ser reforçado com a construção da Marginal, já durante o Estado Novo, impulsionada por esse grande reconstrutor de Lisboa que foi Duarte Pacheco.

Passado um século sobre a instalação do comboio e meio século sobre a abertura da Marginal, surgiu *uma oportunidade única* para repensar todo esse espaço nobre de Lisboa, verdadeira sala de visitas da nossa capital, que se estende do portal do convento até ao monumento das Descobertas e que é basicamente ocupado pela chamada «Praça do Império».

A oportunidade a que me refiro foi a decisão de mandar elaborar um Plano de Salvaguarda e Valorização de Belém, entregue em 1987 a uma equipa chefiada pelo prof. Costa Lobo. Pela mesma ocasião decidia construir nos terrenos desocupados ou expectantes a poente dos Jerónimos um conjunto cultural que virá a albergar em 1993 a presidência portuguesa das Comunidades Europeias.

Ora o que aconteceu foi que *estas duas decisões, inicialmente concertadas, tiveram uma evolução totalmente separada*. É assim que o Plano do prof. Costa Lobo, que se encontra praticamente concluído e em condições de ser posto a debate público, está emperrado algures no silêncio de um qualquer gabinete ministerial, enquanto as obras do Centro Cultural avançam, *fazendo crescer as previsões de gastos muito para lá do inicialmente previsto*. Assim, em vez dos 6 milhões de contos pelos quais a obra foi posta a concurso, o Orçamento de Estado de 1990 já ia prevendo 14 milhões, ou seja, *mais do dobro*... Por outro lado, a responsabilidade do empreendimento passou do IPPC para o MOPTC e deste *para uma sociedade anónima*, criada em Março do ano passado com capital inicial de 1,5 milhões de contos do Estado, mas com um estatuto de Sociedade de Gestão e Investimento Imobiliário (2). *Não é esta seguramente a forma mais transparente de gerir os dinheiros públicos*... Ainda por cima, os responsáveis iniciais do processo têm vindo a afastar-se ou a ser afastados, desde Teresa Patrício Gouveia e António Lamas a Oliveira Martins. Quem prestará contas disto tudo, quando a obra for inaugurada?

Sucede que uma das propostas mais interessantes do Plano de Costa Lobo para a zona de Belém consistia *no enterramento da Estrada Marginal e se possível, também da linha de comboios* entre a Torre de Belém e os Jerónimos, passando o tráfego a circular em túnel e recuperando-se para os peões e para prazer dos olhos a larga faixa de terra que hoje quebra a continuidade entre aqueles dois monumentos; é inútil referir que a proposta tem sido rejeitada por ser cara - mas o que é afinal ser caro? Se tal obra poderia custar 5 ou 6 milhões de contos, o futuro Centro Cultural vai absorver mais do dobro disso!

«Se os carros e comboios de tráfego de passagem quiserem passar em túnel, pois poderemos consentir», diz Costa Lobo em carta aberta à população de Belém. Se não, continua ele «que passem de largo mas não nos separem da nossa eterna namorada, a água do Tejo, que faz parte do nosso ser».

Nas Amoreiras fez-se um túnel para benefício do tráfego. Quando seremos capazes de exigir um túnel para benefício do nosso património? Quem é que avalia os custos de se perder esta oportunidade? Porque se decidiu nem sequer discutir a opção actual? E quem é que assim decidiu? A Câmara não foi, que não tem jurisdição nesta área. Terá sido Oliveira Martins? Ou Valente de Oliveira? Ou simplesmente a inércia que todo o planeamento desencadeia num país burocratizado e pouco dado a organizar minimamente o futuro? A quem pediremos contas deste «boçal desleixo indígena», de que falava Camilo?

No tempo do «lá vem um», uma linha de caminho-de-ferro e uma estrada não perturbavam por aí além e eram até sinal de progresso.

No tempo da luta contra a poluição, que inclui a *poluição visual*, um tráfego contínuo de comboios e viaturas em nada valoriza, e só prejudica a harmonia do sítio de Belém. Quando por todo o Mundo as cidades estão a reabilitar as suas frentes de água ou os seus fundos montanhosos, numa tentativa de melhorar o quadro urbano de cimento e aço com referências que as liguem à beleza natural, em Lisboa damo-nos ao luxo de desperdiçar oportunidades únicas *sem sequer nos darmos conta disso*... Não estaria na hora de exigirmos o nosso direito a recuperar, nem que fossem umas escassas centenas de metros, da frente do nosso rio? *A quem pediremos que nos devolvam finalmente o Tejo?*

Helena Roseta

(1) Ver artigo de Paulo Oliveira Ramos, de Março de 89, no documento elaborado pelo IPPC sobre o concurso para o projecto do Centro Cultural de Belém

(2) Ver Decreto-Lei n.º 65/89, de 1 de Março

CARTAS NA MESA

Um estudante a favor da PGA

Muito se tem falado e muita polémica se originou em torno da PGA, prova geral de acesso ao ensino superior.

Com efeito, variadíssimos comentadores, regra geral conotados com a esquerda política, têm exposto, fundamentalmente, uma visão política do assunto e, por isso, necessariamente maniqueísta. Ou seja, estão contra a existência da PGA porque o projecto da prova foi posto em prática pelo actual executivo, digamos que de centro-direita.

Contudo, na minha perspectiva estritamente pessoal (como estudante) estou literalmente de acordo com a existência da PGA, destinada aos alunos do 12.º ano que desejem (ou sonham, muitos deles...) o ingresso na faculdade.

Não se trata de uma prova (e isso foi bem visível na 1.ª chamada, com o texto de José Régio e o poema de Fernando Pessoa), de conteúdo «irracional», de difícil interpretação, tendo em conta o grau de conhecimentos específicos e de cultura geral atingidos ou que se deviam atingir, ao nível do 12.º ano de escolaridade. Não houve nada de absolutamente difícil naquela prova, tanto na 1.ª como na 2.ª chamada. A maioria dos próprios que a fizeram, reconheceram-lhe a relativa (?) facilidade, contrariando assim os comentadores que mais atrás citei.

Esta questão toda, apenas se resume a um facto, que não é a PGA em si, mas sim a grave falta de maturidade cultural com que os jovens (salvo raras excepções), se debatem nos dias de hoje.

Pode parecer paradoxal ou confuso, mas a verdade é que o período pós-25 de Abril, tem a sua quota-parte de responsabilidade nesta situação. Ou seja, a verificada falta de maturidade dos jovens é ainda um reflexo do período extremamente conturbado, em todos os aspectos, que então se vivia. Desde então até à data actual, através de um processo continuado, embora com algumas tentativas, dos sucessivos governos, de mudar o rumo do processo, tem havido uma ridícula liberalização quer da exigência de comportamento nas aulas quer ao nível das matérias programáticas das várias disciplinas.

Talvez devido a este último factor, o ensino secundário esteja tão desviado das realidades da vida em sociedade.

Há numerosos factores da vida social, política, económica, cultural, biológica até, que os professores (regra geral) preferem passar ao lado. Não estão para entrar nesse tipo de diálogo com os seus alunos, de forma a eles irem progressivamente adquirindo toda uma base de cultura geral. À ausência desse tipo de diálogo (que tinha de ser sistemático, sem, contudo, ser exaustivo) se deve, em grande parte, o medo, a insegurança sentidos pelos alunos, aquando da realização da PGA, com maior incidência nos alunos dos cursos de ciências.

Esperemos que a situação se altere pela positiva, o que já de si é bastante difícil. Mas, por outro lado, não tomem a culpa maioritária aos alunos, porque eles são as maiores vítimas de todo este sistema, que funciona ao contrário do que devia funcionar, ainda consequência do período de «balda» do pós-Revolução, que levou os jovens a adquirirem outros interesses na vida, que não culturais.

A negatividade desse período, em toda a sua extensão, parece ainda persistir, reflectindo-se no tipo de interesses ambicionados pelos jovens de hoje.

Pedro Miguel Melo de Almeida,
leitor de Lisboa

FORUM

HO FATTO L'AMORE CON CONTROL

Graças ao «Estado de São Paulo» retivemos as seguintes informações: o sindicato dos Presidentes das Repúblicas não considerou incompatível com as funções de tão alto cargo a gravação em vídeo de um anúncio interpretado por um dos seus sócios. Tão-pouco a Ordem dos Advogados condenou essa prática por um dos seus mais honoráveis membros.

Vem isto a propósito do anúncio de publicidade institucional que o nosso Presidente da República gravou no Brasil, no qual se manifesta leitor fiel daquele jornal, verdadeira instituição no Brasil e, sem qualquer dúvida, um dos melhores diários no Mundo.

Duvido que o dr. Mário Soares, ao café e com as torradas exija a presença do «Estadão», carinhoso diminutivo, indicador de ternura e de grandeza que todos os brasileiros lhe atribuem. Mas tenho de reconhecer que se o nosso Presidente lesse, de facto, o matutino da família Mesquita, não lhe ficava nada mal.

Por outro lado, não tenho conhecimento de que qualquer Governo ou mesmo as Nações Unidas tenham diminuído a credibilidade de qualquer dos ministros da Cultura, ou dos Negócios Estrangeiros que se associam a diversas figuras da cultura latina nessa campanha de prestígio do diário paulista. Pelo menos, tanto quanto investiguei, não se verificou qualquer crise política em França, por Jack Lang figurar na galeria das figuras internacionais a ler o «Estadão», ou Jorge Semprun, ou mesmo Andreotti.

No fundo, o que estas figuras fizeram foi aceder a um pedido para num país jovem, composto por um mosaico de etnias, darem projecção ao produto anunciado, sim senhor, mas também aproveitarem a exposição que lhe era oferecida para projectarem não só as suas figuras mas a importância cultural dos seus povos, das suas respectivas colónias de emigrantes no Brasil. Porque não tenhamos dúvidas de que os portugueses que virem Mário Soares a elogiar o jornal ficam muito satisfeitos que assim seja, porque vêem que não são só os líderes dos galegos ou dos italianos que o fazem.

Nesta história do anúncio do dr. Mário Soares, a única parte gaga e desnecessária foi a justificação do mau pagador que Belém resolveu emitir em defesa do seu morador institucional, dizendo que o dr. Mário Soares, ao gravar o anúncio o fizera no desconhecimento que ele era para ser transmitido. Francamente, é muito pouco credível que o chefe do nosso Estado pensasse que lhe estavam a pedir que o fizesse para que Mesquita Neto, ou Mesquita Filho, se limitassem a mostrar o «spot» nos aniversários das criancinhas, lá em casa, ou aos vizinhos quando lá vão beber uma batidinha. Este é que é um deslize desnecessário, como aquele de Reagan com o dinheiro do Irão para os contras, mal comparado, claro, mas uma piedosa mentira inútil.

Joaquim Letria

Nesta terra de gentinha outra questão se poderia levantar: a do cachet. E essa recuso-me eu a comentá-la, porque antes de mais não creio que tivessem as personalidades sido pagas, mas mesmo que o fossem há sempre uma Unicef ou mesmo uma Casa Pia de Lisboa para tranquilizar os espíritos mais inquietos ou mesquinhos.

Por fim, resta a companhia. E temos de convir que Soares e Lang e Semprun e Andreotti ficaram bem acompanhados. Ou não serão boa companhia Pessoa, Orson Welles, Salvador Dali, Serge Gainsbourg, Andy Warhol, Camilo José Cela e tantos outros?

Tomaram muitos andar em tão excelente companhia, dr. Mário Soares. E se alguma vez lhe disserem que deve participar numa campanha contra a SIDA anunciando um preservativo, fica desde já V.Ex.ª a saber que o verei com muito agrado na TV a dizer «ho fatto l'amore con control». E mesmo que tal não fosse verdade não duvido que em sua casa compreenderiam, tão nobre seria o fim a que esse meio se destinaria.

Cartoon de Pedro Palma

Um exclusivo Faces of the World/ «DL»@ 1990

INTERNACIONAL

África minha

Fronteira

A Guiné-Bissau tem vindo a dirigir insistentes pedidos a Portugal para que intervenha junto da França no sentido de ajudar a dirimir o conflito de fronteiras marítimas que a opõe ao Senegal. A mediação de Cabo Verde, em Setembro do ano passado, contribuiu para fazer baixar a tensão entre os dois Estados que, em Agosto, levara à abordagem de pesqueiros do país vizinho por vasos de guerra da Guiné-Bissau e a voos razantes de intimidação por parte da aviação senegalesa. Em 1985, a situação já se abeirara também perigosamente do conflito armado, evitado por intervenção do Presidente Aristides Pereira. A "tutela" das duas antigas potências coloniais é agora requerida para resolver o imbróglio jurídico que legaram a esses dois países da África Ocidental.

A sentença da comissão arbitral presidida por um juiz argentino veio, de facto, repor toda a questão, quando havia esperanças — fundadas no precedente da resolução negociada de idêntico conflito com a Guiné Conakry — de que seria afastado esse factor de tensão numa região com forte tendência para a instabilidade.

Tudo remonta ao acordo por troca de notas de 26 de Abril de 1960 entre Portugal e a França em que, 22 dias depois da proclamação da independência do Senegal, as fronteiras marítimas entre os dois territórios eram "corrigidas". O Senegal nunca se embaraçou com a evidente violação da sua fresca soberania por parte da antiga potência colonial e pretende a estrita aplicação da letra do acordo. Mas a Guiné-Bissau, que se sente lesada, invoca o facto de Salazar não ter feito ratificar esse acordo pelo parlamento — talvez constrangido por ceder território quando proclamava inviolável a integridade do Portugal-do-Minho-a-Timor — para declarar a sua nulidade.

Mesmo assim, quando assinou o compromisso de arbitragem, em 1985, a Guiné-Bissau admitia que, caso o acordo franco-português de 1960 fosse proclamado válido, se procedesse a uma partilha equitativa da área em litígio.

A comissão arbitral — composta por um juiz-presidente argentino, por um juiz francês nomeado pelo Senegal e por um juiz argelino nomeado pela Guiné-Bissau — levou quatro anos a elaborar a sentença. Mas nem por isso primou pela subtileza jurídica e política.

A sentença ditada pelo juiz argentino Barberis, com voto de vencido do juiz argelino Mohamed Bedjaui, reza que "o acordo concluído por troca de notas a 26 de Abril de 1960 relativo às fronteiras marítimas cria direito nas relações entre a República da Guiné-Bissau e a República do Senegal no que diz respeito ao mar territorial, à zona contígua e à plataforma continental, mas não cria direito quanto à zona económica exclusiva."

Nem a Guiné-Bissau nem os países que de algum modo tinham tentado ajudá-la a resolver esse conflito pela via negocial, como Cabo Verde e Portugal, estavam preparados para uma decisão tão pouco destra. O próprio juiz Barberis — insuspeito de ter sido movido por interesses nacionais argentinos, pois que o Senegal apoiou activamente a Inglaterra durante a guerra das Malvinas — reconheceu posteriormente que "a resposta dada pelo tribunal à primeira questão do compromisso arbitral (validade do acordo entre a França e Portugal) poderia ter sido mais precisa."

De pronto, a questão foi levada ao Tribunal Internacional de Haia. Portugal, por nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros, proclamou o seu apoio à Guiné-Bissau.

Mas, sempre que se trata de conflitos internacionais, a via da negociação bilateral é a via mais curta para uma solução pacífica. Na África Ocidental, o Senegal, a braços com uma profunda crise interna, tornou-se um inquietante pólo de tensão não só com a Mauritânia, a Gâmbia e a Guiné-Bissau, mas eventualmente com todos os países limítrofes. Inclusive com Cabo Verde, que até agora tem podido desempenhar um papel pacificador na região, a próxima delimitação da zona económica exclusiva pode vir a envenenar as relações.

Uma intervenção de Portugal e da França é pedida para dar resposta ao segundo quesito do compromisso arbitral, isto é, a busca da equidade mais do que a rígida e fria interpretação de acordos assinados em contextos hoje ultrapassados pela África e pelas antigas potências coloniais.

Manuel Delgado

Classe média à beira de um ataque de nervos

Brasil - rindo de quê?

Da nossa correspondente no Rio de Janeiro

É feia a crise. Sentindo-se assaltada por um Governo que sequestrou o dinheiro das cadernetas de poupança, congelou os saldos das aplicações financeiras e aumentou brutalmente a carga de impostos, irritada com as filas intermináveis dos bancos e apavorada com os sinais inequívocos da recessão que se aproxima, a classe média brasileira está à beira de um ataque de nervos. Há uma onda geral de melancolia, e os psicanalistas, que nunca viram a clientela assim deprimida, são, depois dos economistas, os profissionais mais prestigiados do momento. Ainda assim - e ainda bem - o país não perdeu a velha mania de rir da própria desgraça.

Entre uma crise depressiva e um ataque de choro, o brasileiro tem-se divertido muito com o Plano Collor. A gripe que assola o Rio, por exemplo, já tem nome: chama-se *Zélia*, dá *torcicollor*, e deixa todo mundo *magri*. Quem escapou da gripe e salvou algum dinheiro, janta no Razão Social, simpático restaurante de Botafogo, onde os clientes fazem questão de pedir os novos pratos do cardápio aos berros:

- Cadé aquela galinha da Zélia?
- Faz um picadinho do Collor!

O *best-seller* da pequena livraria que fica ao lado da Bolsa de Valores do Rio é - sério! - um lançamento da Saraiva intitulado *Faça as pazes com a vida - aprendendo a conviver com as perdas*. Seus leitores, executivos desconsolados que ficaram com o dinheiro preso no Banco Central, dizem que, daqui a 18 meses, prazo fixado pelo Governo para a devolução, já não vão receber cruzeiros, e sim ex-presidiários. Eles garantem que o Plano Collor é o segundo plano de estabilização elaborado pelo turco Ibrahim Eris (o primeiro foi no Líbano), e explicam porque é que, sempre que ele fala, as pessoas olham para os seus pés - é para ver se aparecem legendas em português. Desnecessário dizer que todos acham que a economia está a sofrer um *turco-circuito*.

Eris, o poderoso presidente do Banco Central, é, aliás, o personagem de dois insistentes boatos vindos de Brasília. Um dá conta de que, em substituição dos cheques actuais, ele estaria preparando outros, com o modelo *e/ou* das contas conjuntas: em todos, o nome do cliente vem acompanhado de *c/ou* Fernando Collor de Mello. De acordo com o segundo boato, Eris articula também um plano de confiscação dos colchões. Enquanto isso não acontece, o pessoal vai «tocando» a vida como pode. Dois amigos que não se viam há algum tempo, por exemplo, encontram-se no aeroporto:

- Para onde você vai?
- Para Brasília, para trabalhar no Governo.
- Puxa! Foi convidado?
- Não. Mas como sou economista, sou jovem, sou completamente desconhecido, e não tenho nenhuma experiência anterior, o emprego está garantido.

E, em frente à Catedral, registou-se este outro diálogo:

- Parece que vão liberar dois terços da poupança.
- Graças a Deus!
- Um para rezar de dia, outro para rezar de noite.

Os trabalhadores, que já andam com camisetas onde se lê «Éramos elite e não sabíamos», têm contado, em dia de pagamento, que um novo título acaba de surgir na praça: o contra-cheque sem fundos. E, pelos corredores das repartições, comenta-se que o Plano Collor deu origem a um novo tipo de optimista. É o optimista desesperado, aquele que acha que tudo vai dar certo - ou estamos todos perdidos. Um deles, que acaba de chegar de Moscovo (onde a reforma geral por que passa o Brasil é conhecida por *catastroika*), confidenciou a um amigo:

- Desde que o Plano foi anunciado eu não consigo dormir.
- Pois eu durmo que nem uma criança.
- Não é possível! Como uma criança?!
- Exactamente. Cochilo uma ou duas horas, acordo chorando, depois durmo mais uma hora ou duas, e choro, choro, choro...

Cora Ronai

Pedro Van Dunem, acompanhado da sua comitiva, hoje ao fim da manhã em Lisboa

Van Dunem (Loy) regressa a Lisboa na próxima semana

O ministro angolano das Relações exteriores, Pedro de Castro Van Dunem (Loy), que, à cabeça de uma delegação composta por 10 elementos, se encontra em Lisboa de passagem para os EUA, participará, na próxima semana, no Congresso de Quadros Angolanos, a realizar na capital portuguesa.

O chefe da diplomacia angolana, no entanto, chegou a Lisboa no momento em que aqui se encontram o novo delegado da UNITA em Portugal, Alicerces Mango, e o secretário da Informação do movimento rebelde, Tony da Costa Fernandes. Esta coincidência, logo após o MPLA ter concordado com a proposta da UNITA de que as negociações preliminares para a paz ocorressem em Portugal, suscitou expectativa por parte dos observadores deste processo. Entretanto fontes da UNITA afirmaram à Imprensa que a data das negociações se mantém secreta e, por seu lado o ministro corroborou, segundo a Angop, ironizando: «é possível até que as conversações já tenham começado», disse.

Van Dunem, que deveria deixar Lisboa ainda hoje de manhã, adiou, porém, a partida para mais tarde, segundo apurou o «DL» e, até à noite, embarcará em direcção a Nova Iorque para assistir à XVIII sessão extraordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a evolução das economias dos países em desenvolvimento.

Uma fonte diplomática citada pela Lusa disse, entretanto, que o ministro deslocar-se-á também a Washington, onde terá conversações sobre o processo de paz com elementos do departamento norte-americano de Estado.

Redacção «DL»/Lusa

Mandela acusa ministro sul-africano

O dirigente negro sul-africano Nelson Mandela acusou o ministro sul-africano da Lei e da Ordem de sabotar as medidas tomadas pelo seu Governo pra pôr termo à violência no país. Sublinou que o Governo sul-africano deve conferenciar com os dirigentes negros rivais antes de desencadear qualquer acção de repressão da violência entre facções na província do Natal. Ao falar à Imprensa em Addis Abeba, onde fez uma escala proveniente de Londres, o vice-presidente do ANC declarou que o ministro Adriaan Vlok «não é cooperativo e não tem qualquer simpatia pelas aspirações dos negros». Mandela, que hoje se encontra no Zimbabwe para assistir às cerimónias do 10º aniversário da independência deste país, condenou a acção unilateral do Governo sul-africano para deter a violência tribal que «nunca terá o apoio da massas se não resultar de consultas aos dirigentes negros».

O Presidente sul-africano, Frederik De Klerk, rejeitou entretanto um Governo de maioria negra, mas disse que o apartheid tem de acabar e prometeu «uma África do Sul nova e justa». No início de um debate parlamentar de quatro dias sobre o orçamento e o programa do Governo, De Klerk sublinhou que a Nova África do Sul pertencerá a todo o seu povo, oferecerá liberdade total, segurança e prosperidade»

Redacção DL/Lusa

INTERNACIONAL

Pastor Lawrence W. Henderson, em declarações ao DL:

«Igrejas asseguraram a continuidade das tradições populares em Angola»

Lawrence W. Henderson é o autor de um livro publicado recentemente em Portugal. «A Igreja em Angola» é antes de mais a história da influência das diferentes Igrejas no povo angolano, baseado nas experiências recolhidas pelo autor nas Missões. Foi secretário-geral da Aliança Evangélica de Angola de 1960 a 1969. Nessa altura decide ir de férias e as autoridades coloniais portuguesas negam-lhe o visto de regresso. Com os mestrados de Teologia e Antropologia, Henderson reúne nesta obra a doutrina e a história das diferentes Igrejas, nem sempre coincidentes. Curiosamente, é a Editorial Além-Mar, dos missionários combonianos, que tomou a iniciativa da publicação. A Sociedade Missionária foi inicialmente contactada para o fazer, mas as referências no livro não lhe eram muito favoráveis. De qualquer modo, um trabalho «notavelmente ecuménico», nas palavras de Fr. Bento Domingues que prefaciou a obra.

Rui Pacheco

Lawrence W. Henderson: « A minha ligação com a UNITA resume-se ao conhecimento que adquiri nas missões das áreas que ela controla»

«DL» - *Quais as principais influências que as diferentes Igrejas deixaram em Angola?*

LH - Temos que distinguir entre o período colonial e o período que se seguiu à independência. No primeiro, havia uma distinção bastante clara entre a Igreja Católica e as Igrejas evangélicas e protestantes. A Igreja Católica apareceu durante esse período ligada intimamente ao regime colonial. Portanto, mesmo que os seus elementos não estivessem de acordo, o certo é que havia uma ligação tão sólida que eles só podiam protestar de vez em quando. Houve bastantes padres que foram, se não presos, pelo menos exilados. Mas fundamentalmente a Igreja Católica apareceu ligada ao regime colonial, o que influnciou grandemente os fiéis. Já as Igrejas protestantes ou evangélicas nunca foram reconhecidas oficialmente e também não conseguiram personalidade jurídica. Por isso, mantiveram-se sempre um pouco à margem e os seus fiéis sentiram-se também marginalizados.

Por outro lado, é de referir que as Igrejas no seu todo souberam fazer uma transição do período colonial para a independência. E eu entendo que o período colonial começou de facto no século XIX e não no século XV. Esta transição permitiu a continuidade das comunidades que entretanto se iam juntando à volta das missões. Eram sobretudo famílias que se instalavam e não simples fiéis de uma comunidade religiosa. As diferentes missões criaram assim laços que permitiram a manutenção de comunidades, impedindo a sua desagregação. Deixaram de ser uma família tradicional para pertencerem a um comunidade religiosa. Mas os pais eram os mesmos e as tradições, os costumes e os laços de parentesco mantiveram-se. Nesse sentido, não havia grandes diferenças entre missões católicas e protestantes.

Em suma, considero que o papel mais importantes das Igrejas em Angola era o de permitir a continuação dos laços familiares antes do período colonial e durante o período colonial. Até hoje esse continua a ser o papel mais importante da Igreja. É por isso mesmo que o título do meu livro é «A Igreja em Angola» e não «As Igrejas».

«DL» - *Numa parte do seu livro refere que a estrutura da Igreja Católica está pouco ligada à cultura angolana. Isto não é uma contradição?*

LH - Tem razão. Mas o que quero dizer é que a Igreja enquanto estrutura está pouco ligada a essa cultura. Mas o povo continua nas aldeias em que por vezes o padre só aparecia uma vez por ano para administrar os sacramentos. Nas aldeias em que havia apenas um catequista - na altura era normalmente uma pessoa com muito pouca preparação académica - praticamente não se sentiram os efeitos dessa estrutura, porque a comunidade se mantinha.

«DL» - *Uma questão que parece muito evidente é o de que a presença das Igrejas, sobretudo protestantes, obedeceu bastante a um esquema geográfico e étnico. Qual a razão deste facto?*

LH - Esse é um facto muito importante e que por vezes se ignora. Primeiro devo dizer que esta situação não é exclusiva de Angola. Quando o movimento missionário explodiu, no século XIX, havia tantas terras e tantos povos para evangelizar para tão poucos missionários que os protestantes decidiam assentar o seu trabalho em zonas geográficas determinadas, onde não houvesse a presença de outras confissões religiosas. Mas, exactamente, um dos princípios era o de que era mais fácil trabalhar numa área onde só havia um grupo étnico porque então era só preciso trabalhar numa só língua. Portanto, foi junto dos grandes grupos étnicos em Angola, como os bacongos,os kimbundos e umbundos, que as primeiras Igrejas protestantes se instalaram. Evidentemente que este processo não obedecia a um tratado entre os dirigentes das diferentes confissões religiosas em Londres, mas foi nesse sentido que as coisas evoluíram.

«DL» - *Como analisa o comportamento das Igrejas em Angola depois da independência?*

LH - Houve muitas alterações. Mas que foram preparadas no período de transição do colonialismo. Primeiro, começou a preparação de dirigentes angolanos, sobretudo na Igreja Católica que viu a questão, não sei se de uma maneira mais clara, mas pelo menos com um alcance maior. Portanto, logo após a independência havia homens preparados para ser nomeados bispos e dirigir a Igreja Católica angolana. Neste momento, em Angola, a Igreja Católica tem os quadros eclesiásticos mais bem apetrechados. Os protestantes fizeram um pouco a mesma coisa, mas divididos como estavam não puderam avançar tanto.

Este facto, dizia eu, trouxe um dado novo: os angolanos começaram a assumir os postos dirigentes da Igreja local, ao mesmo tempo que os missionários passaram para lugares secundários. Com a independência, o Governo introduziu alguns factores que alteraram muito a situação. Afirmou que as diferentes Igrejas, para poderem exercer a sua acção, tinham que ser oficialmente reconhecidas. Para a Igreja Católica isso não foi problema. Mas para os protestantes mudou completamente o cenário. Até então eram só as missões que tinham de ser reconhecidas, as Igrejas nunca o foram. Daí que as Igrejas protestantes tenham gasto muito tempo durante os últimos anos a redefinir as suas estruturas, a eleger os seus dirigentes, escolhidos cada vez mais entre os angolanos. As responsabilidades foram acrescidas e os privilégios também. Por exemplo, uma coisa que achamos incrível quando a ouvimos pela primeira vez: os dirigentes de cada uma das doze Igrejas protestantes reconhecidas passaram a ter passaportes diplomáticos, enquanto antes só com muita luta podiam ter um passaporte, mesmo ordinário.

«DL» - *Ultimamente tem-se falado no aparecimento de muitas vocações em Angola. Como vê este facto: trata-se de uma questão de fé ou simplesmente sociológica?*

LH - Essa questão é mais importante para a Igreja Católica do que para as Igrejas protestantes. Tanto mais que sem vocações os católicos não têm sacerdotes para administrar os sacramentos. Nós não temos tanto essa necessidade. No entanto, diria que é muito difícil separar estas duas questões. Sem dúvida nenhuma que a Igreja dá a oportunidade ao povo de encontrar uma certa segurança e esperança, ausentes a outros níveis da sociedade angolana. Hoje em Angola querer ser empresário, por exemplo, não faz sentido. Mas vir a ser um dirigente da Igreja é diferente porque dá uma certa estabilidade.

«DL» - *Qual é o papel da Igreja face ao conflito angolano?*

LH - A Igreja Católica tem tido uma posição clara desde o princípio do conflito, que é o apelo à paz e a paz pela negociação. É claro que esta situação é também facilitada pelo facto de a hierarquia poder falar em nome de toda a Igreja, o que não acontece com as Igrejas evangélicas: um pastor pode pronunciar-se sobre o conflito angolano, mas os fiéis reservam-se o direito de concordar ou não com essa opinião. Em Angola não se ouve um leigo católico a dizer que não concorda com os seus bispos.

Entre os protestantes existe uma divisão bastante clara com a Igreja Metodista, cujo bispo, Emílio de Carvalho, continua a apoiar o Governo do MPLA e a criticar as cartas pastorais da Igreja Católica. De resto, as outras Igrejas protestantes estão de acordo com as cartas pastorais mas hesitam em fazer declarações que possam ser consideradas políticas. Esta posição radica num certo medo derivado da marginalidade em que viviam no passado, situação a que não pretendem regressar. Muitas vezes existem também algumas críticas às cartas pastorais da Igreja Católica, não por discordâncias de conteúdo, mas por acharem que esta função não pertence à Igreja. Porém, como a Igreja Católica fala por uma só voz e os seus quadros são angolanos, o Governo é quase obrigado a escutá-la.

«DL» - *Há alguns meses foi conotado como uma pessoa muito próxima da UNITA...*

LH - Sim, é verdade. Foi depois da visita de Jonas Savimbi a Portugal. Um semanário publicou um título em que dizia «O pai da UNITA vive em Lisboa». Eu era o tal pai. Acontece que a Igreja em que eu estava - que se chama agora a Igreja Congregacional de Angola - tinha a sua Missão no Dondo, e trabalhava desde o Lobito ao Bié (ex-Silva Porto) onde dominava a etnia dos ovumbundos. Nesse contexto, enviámos vários jovens angolanos para estudar no exterior. Quando a UNITA surgiu, começou por dizer que os outros dois movimentos, o MPLA e o FNLA não estavam preocupados com as condições de todo o povo angolano mas só dos kimbundos e dos bacongos, respectivamente, onde recrutavam as sua forças. E a UNITA, embora reivindicasse um movimento para todo o país, apoiava-se sobretudo na etnia ovumbundo. Este facto ainda está presente na sociedade angolana. Para a mim, a razão pela qual o MPLA está no poder não depende tanto da URSS ou de Cuba, mas do facto de o MPLA ter muita influência na capital. Se a capital fosse no Huambo, como queria Norton de Matos, talvez fosse a UNITA a formar o Governo, como resultado da sua influência na zona. Para resumir, a minha ligação com a UNITA é o conhecimento que adquiri nas missões naquela região. As mesmas ligações e conhecimento que os missionários da Igreja Metodista têm em Luanda, por exemplo. Na minha opinião, é um facto a que não se deve dar grande importância.

Carlos Camponez

CHEGOU A PRIMAVERA!

ABRA O SEU TEJADILHO.

APROVEITE 350 LITROS DE GASOLINA, PARA PASSEAR AO SOL.

A FORD OFERECE-LHE NA COMPRA DO SEU

fashion

ESCORT OU ORION O TEJADILHO DE ABRIR

+

350 LITROS DE GASOLINA.

VIVA A PRIMAVERA!

OFERTA LIMITADA

Ford

QUALIDADE E INOVAÇÃO

ENCARGOS ANUAIS : Combústivel : De 106.587$00 a 131.294$00 - Seguro Obrigatório : 21.983$00 - Impostos : 4.630$00 (Base 15.000 Km/Mar.90)

Campanha válida de 2/4/90 a 2/7/90 sujeita a disponibilidade de stock. Consulte as condições no seu Concessionário Ford.

Ogilvy&Mather

INTERNACIONAL

Bush diz que responderá a embargo contra Lituânia

Conflitos étnicos na URSS afectam Forças Armadas

A agitação étnica na União Soviética espalhou-se às forças armadas, segundo a última edição do semanário britânico «Jane's Defense Weekly».

As Forças Armadas soviéticas estão a enfrentar problemas ao recrutar soldados das áreas perturbadas pela agitação nacionalista e os preconceitos étnicos estão a ameaçar a disciplina nas fileiras, sustenta a revista.

A agitação nacionalista, que começou em Dezembro de 1986, no Casaquistão, espalhou-se pela União Soviética, tendo explodido no Azerbaijão, na Arménia, na Geórgia, no Uzbequistão e nos Estados bálticos da Lituânia, Letónia e Estónia. As manifestações iniciais, contra a colocação de recrutas fora das suas repúblicas de origem, evoluíram, segundo a revista britânica, para o boicote ao recrutamento. O semanário acrescenta que muitos grupos étnicos são reticentes a juntar-se às forças armadas e que no seio dos militares, as divisões nacionais provocam lutas, indisciplina e a formação de grupos opostos.

Embargo à Lituânia

Entretanto ainda não se regista nenhuma mudança no abastecimento de gás a Vilna, capital da Lituânia, depois de Moscovo ter ontem anunciado uma redução dos fornecimentos.

Um funcionário lituano afirmou que Moscovo pretende também cortar, a partir de hoje, os fornecimentos de petróleo e gasolina.

Para além de um telegrama enviado às autoridades lituanas, Moscovo ainda não confirmou oficialmente a adopção das restrições e nenhum meio de Comunicação Social soviético fez qualquer referência à materialização do ultimato.

De referir que o Presidente norte-americano, George Bush, havia ontem anunciado que os EUA dariam uma resposta «apropriada» se a União Soviética concretizasse o embargo à Lituânia.

Bush, que mais uma vez apelou ao comedimento de Moscovo, disse que a solução do conflito entre a URSS e a Lituânia só poderia ser encontrada através do «diálogo, a discussão e uma resolução pacífica das grandes dificuldades» naquela república báltica.

Funcionários da administração norte-americana afirmaram anteriormente que as sanções contra a União Soviética poderiam incluir a desaceleração das negociações comerciais e o bloqueio da sua integração em organizações económicas internacionais.

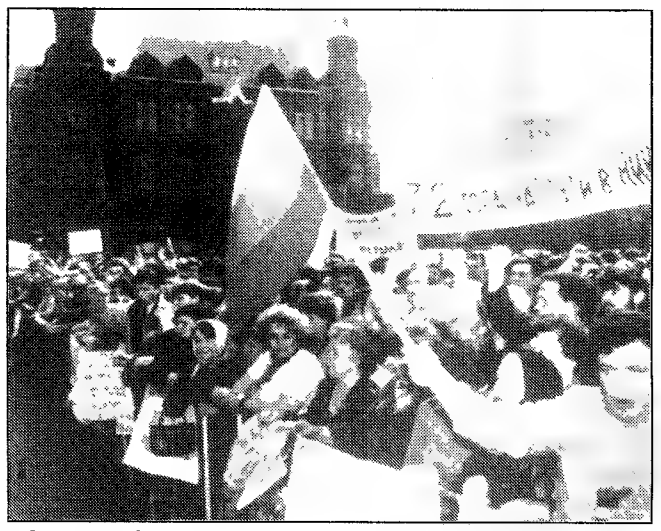
Manifestação em Moscovo

Entretanto, em Moscovo, cerca de dez mil pessoas protestaram, frente ao Kremlin, contra tentativas de silenciar dois investigadores que puseram a descoberto casos de corrupção a alto nível.

A manifestação ocorreu durante o intervalo de um debate no Soviete Supremo sobre se deveria ou não ser levantada a imunidade dos dois investigadores, Telman Gdlian e Nikolai Ivanov, que são deputados, desde as eleições de Março do ano passado.

Os dois investigadores, que disseram ter provas de ligações à corrupção de Igor Ligachev, um membro conservador do Politburo do PC soviético, tornaram-se muito populares entre a população. Ligachev declarou oficialmente no ano passado que os investigadores não tinham conseguido apresentar qualquer prova contra ele.

Redacção DL/Lusa/AFP



Aspecto de uma manifestaçaõ ontem realizada pelas forças reformadas em frente ao Kremlin

Governo polaco e Walesa em crise de popularidade

A popularidade do Governo polaco e do líder do Solidariedade, Lech Walesa, baixou significativamente, segundo uma sondagem divulgada ontem pelo jornal Gazeta Wyborcza. Walesa que, no mesmo dia, numa entrevista ao Le Monde, considerava péssimo o clima social na Polónia, teve, em Março, apenas 56 por cento de apoiantes contra 90 por cento em Novembro.

O apoio ao Governo baixava no mesmo período de 83 por cento para 49, embora o primeiro-ministro, Tadeuz Mazowiecki, permaneca em 85 por cento, apenas menos oito pontos que em Novembro.

Os resultados da sondagem reflectem a perda de optimismo da população após o Governo ter anulado, a partir de Janeiro, os subsídios à indústria e encerrado firmas deficitárias, o que levou a um violento crescimento do desemprego. No entanto, as medidas de reforma económica tomadas pelas autoridades levaram à descida da inflacção (78,6 por cento em Janeiro para 4,7 por cento em Março), e o poder de compra recuperou doze pontos em Março.

Na entrevista ao Le Monde, Walesa, que reafirma a intenção de se candidatar à presidência do país, atribui as culpas da crise ao actual chefe de Estado, Jaruzelski, por não apoiar o primeiro-ministro.

Lusa

Europa revê defesa comum

A eficácia da defesa europeia e a união das forças militares do continente está em debate na segunda Sessão Europeia de Responsáveis pelo Armamento (SERA), inaugurada ontem em Paris e em que participam funcionários civis e militares de nove países da Europa.

A sessão, que se prolonga por três semanas, pretende melhorar a cooperação entre os programas de equipamento militar e favorecer a consciencialização da identidade europeia. As principais questões a abordar em torno do tema «Europa e a Cooperação em Matéria de Armamento» são o aumento da eficácia da cooperação nesta área, a reestruturação da indústria de armamento e as relações entre o continente, os EUA e o Canadá. Os Estados Unidos que, na segunda-feira, apresentaram o seu relatório anual sobre as contribuições dos aliados da NATO para a defesa comum, apresentado pelo secretário da Defesa, Richard Cheney, sublinharam os esforços turcos, gregos e britânicos e criticaram, pelo pouco apoio dado, o Canadá, a Dinamarca e o Luxemburgo.

O nosso país é considerado, juntamente com a Espanha, Noruega, RFA, Holanda, Itália e Bélgica, um Estado que desenvolveu alguns contributos para os gastos de defesa compartilhada com a Aliança Atlântica.

O relatório destaca ainda as mudanças revolucionárias na Europa de Leste e na URSS apelando para os aliados manterem a harmonia quanto às suas necessidades de defesa e controlo de armas.

Lusa

CARTA DE MOSCOVO

Mitos que desabam

Diz-se por vezes que a História é a política do passado. Mas na União Soviética, durante décadas, a História foi a política do presente, porque ela era manipulada ao sabor das exigências da ideologia dominante e do grupo no poder.

A criação de mitos é própria dos regimes totalitários, nos quais a ditadura se chama «democracia» a anexação, «adesão voluntária». e a repressão, combate aos «elementos anti-estatais». É terrível a herança deixada pelo estalinismo aos soviéticos, porque criou mitos vivazes.

Um desses mitos ficou definitivamente desfeito a semana passada, no decorrer do encontro que os Presidentes da União Soviética e da Polónia tiveram em Moscovo. A URSS reconheceu oficialmente que o massacre de 15 mil oficiais polacos na floresta biolorussa de Katyn, em Abril-Maio de 1940, fora efectuado, não pelos nazis, como rezavam os manuais de História soviética, mas pelos órgãos do então Ministério do Interior da URSS, o NKVD.

Os oficiais tinham sido internados em campos de concentração no território soviético em Setembro de 1939, numa altura em que a Polónia já tinha sido de facto derrotada pela Alemanha hitleriana e o Exército Vermelho, por ordem de Estaline, tinha ocupado as partes ocidentais da Bielorússia e da Ucrânia, que então faziam parte da Polónia.

«É somente através da verdade da História que passa o caminho para uma verdadeira renovação e para uma compreensão mútua autêntica», disse Gorbachev na ocasião, reconhecendo, no entanto, «como é difícil ultrapassar o hábito de olhar para uma situação nova com os olhos do dia de ontem».

A «perestroika» só foi possível através do restabelecimento da verdade histórica. Mas não tem sido um processo fácil. Se um nome como o de Nikolai Bukharine já regressou ao panteão dos heróis da Revolução de Outubro de 1917 e dos «construtores» do Estado soviético, e foram reabilitados, pelo menos juridicamente, companheiros de Lenine, como Lev Kamenev e Grigori Zinoviev, continua sem encontrar descanso o fantasma de Leon Trotski.

Este profeta mal sucedido da Revolução soviética permanece para a maioria dos soviéticos como o símbolo da «oposição antipartidária» e o «inimigo do poder soviético», para cuja implantação contribuiu enormemente. Mas esta atitude negativa para com uma figura com a dimensão histórica de Trotski explica-se não tanto por ter sido um opositor irredutível de Estaline, cuja «cotação» histórica é hoje baixa, mas porque se mantém a antiga reprovação para com qualquer tipo de oposição no seio do Partido Comunista.

Em vigor subsiste a resolução aprovada no 10º Congresso do Partido Bolchevique, em 1921, «Sobre a unidade no Partido», que proibia a existência de fracções organizadas no Partido. Apesar de adoptada como «medida temportária», tendo em conta a complexidade da situação e a necessidade de dar coesão ao Partido, numa altura em que se iniciava a drástica viragem para a «Nova Política Económica», ela tornou-se na principal arma da luta de Estaline contra qualquer oposição.

A resolução proibia as fracções, mas não as plataformas de discussão interna, como é próprio de qualquer partido democrático. Só que os mitos são vivazes, como demonstra a «Carta Aberta» do Comité Central do PCUS, divulgada a semana passada. Os adeptos de plataformas, nomeadamente da «Plataforma Democrática» - um grupo de militantes comunistas que elaborou um documento alternativo à plataforma do CC do PCUS para o 28º Congresso -, são aí assimilados a fraccionistas, com todas as consequências daí decorrentes, ou seja, a possibilidade de serem expulsos.

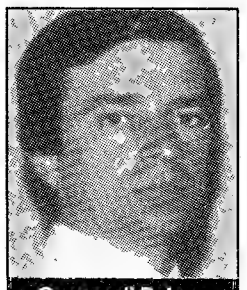
No fundo, o que se passa é uma intensa batalha pelo poder no Partido Comunista, que, com os seus recursos vastos e os seus milhões de militantes, continua a ser, mesmo depois da abolição do monopólio político do PCUS, um precioso instrumento para dominar esse outro poder maior que é o Estado.

Nos anos 30 isso custou aos «fraccionistas» as suas vidas, nos anos 70, a liberdade. Agora pode custar o lugar dentro do Partido. É um progresso.

Mas muitos outros mitos pesam ainda na consciência dos soviéticos. Revolucionar as mentalidades é a tarefa mais difícil, reconheceu Gorbachev. Em Dezembro passado, o Congresso de Deputados do Povo não quis reconhecer a existência dos protocolos secretos entre Molotov e Ribdentrop. Agora, mesmo depois do reonhecimento, no relatório da Comissão que se encarregou de restabelecer a verdade histórica, de que o poder soviético foi implantado nas repúblicas bálticas, em 1940, «ao estilo de superpotências», persiste a recusa em retirar daí todas as consequências.

Mas mais mitos há para derrubar. No horizonte estão os acontecimentos de 1921, quando o Exército Vermelho entrou na Geórgia, independente naquela altura, como se tivesse acudido a uma insurreição popular. O Soviete Supremo de Geórgia já propôs uma versão completamente diferente dos acontecimentos...

Aleksander Iakovlev, que dirige a Comissão do CC do PCUS para o estudo dos materiais relativos à repressão estalinista dizia amargamente: «a quadratura do círculo da História não tem uma solução moral.» Mas é necessário dar-lhe, pelo menos, uma solução política. É um caminho inevitável para a URSS.



Guennadi Petrov

CARTA DE WASHINGTON

O desporto da nação

Sei que os leitores desta coluna estão à espera de pensamentos profundos sobre a política americana, as relações internacionais, ou as últimas novidades dessa grande experiência social que são os Estados Unidos. Mas, esta semana, para qualquer macho americano normal, o único assunto de verdadeira importância é o basebol. E, este ano, o início da temporada é especialmente grato, pois, durante muito tempo, parecia que os jogadores e os donos dos clubes não conseguiriam chegar a acordo sobre o respectivo contrato, e que talvez não viesse a haver qualquer jogo de basebol.

Para um americano, o basebol faz parte do ciclo normal da vida, e os primeiros jogos da temporada são tanto um sinal da Primavera como o regresso das andorinhas do Sul, ou a espectacular explosão das cerejeiras em flor, aqui, em Washington, que enche as ruas da cidade com uma leve camada de botões rosa e brancos. O recomeço do basebol tem um efeito tranquilizador, e o próprio jogo constitui algo que incorpora muito do que é único neste país.

Alguns estudiosos modernos deste desporto escreveram que o basebol era o jogo, por excelência, do começo da era industrial. O basebol - disseram - é um desporto «em linha de montagem». Tal como numa linha de montagem industrial, cada jogador aproxima-se do trilho e desenvolve várias operações, depois afasta-se e é substituído pelo jogador seguinte, etc. O futebol, pelo contrário, é, essencialmente, um desporto de equipa, onde os movimentos coordenados dos vários jogadores são indispensáveis para vencer. No basebol, a acção está inserida em mini-duelos entre dois ou, no máximo, três jogadores. A acção envolve, basicamente, um lançador, um apanhador e um batedor de bolas. Estes são os protagonistas sobre os quais a atenção do público se fixa durante quase toda a partida. Por vezes, a acção passa, momentaneamente, para outros jogadores, mas volta sempre a centrar-se nessa trindade básica.

O basebol é, pois, um desporto altamente individual, tal como a América é uma sociedade altamente individualizada. Em nenhum outro país do Mundo pode uma pessoa sozinha conseguir tanto, através do seu próprio talento e dos seus próprios esforços, como nos Estados Unidos. E o basebol dá a cada jogador individual a possibilidade, como em nenhum outro desporto, de demonstrar as suas capacidades. Os espectadores não têm necessidade de destrinçar os movimentos de vários jogadores para poderem entender o que se está a passar; a acção desenrola-se mesmo em frente dos olhos, e envolve, geralmente apenas dois ou três jogadores de cada vez.

O basebol é, também, um grande desporto de família, tanto para jogar como para ver. Ao contrário do futebol - onde há movimento constante e se torna, pois, necessário seguir permanentemente o que está a acontecer -, o basebol tem um ritmo mais calmo, e há períodos de tempo em que se torna possível manter uma conversa decente, mesmo com os nossos próprios filhos. Algumas das recordações mais felizes que tenho do meu pai são de conversas que tivemos durante jogos de basebol, geralmente no Yankee Stadium, em Nova Iorque. E, até hoje, quando tenho de me deslocar de Washington a cidades que têm campos de basebol, faço um grande esforço para marcar as minhas entrevistas de negócios para os estádios, durante o próprio jogo. Não há nada que torne os negócios mais fáceis do que as pessoas assistirem, juntas, a um desafio.

Talvez a coisa mais bonita do basebol seja o facto de não ser um jogo muito apropriado para a televisão, coisa de que deixei de gostar à medida que envelheço.

O futebol - e talvez, mais ainda - o basquetebol são jogos maravilhosamente televisivos, pois a câmara consegue captar a sua grande complexidade, e abrandar as jogadas incrivelmente rápidas, de modo a torná-las compreensíveis. Mas o basebol já é bastante lento, e ver um jogo mais minuciosamente, ou de mais perto, não aumenta a nossa percepção nem o nosso entusiasmo.

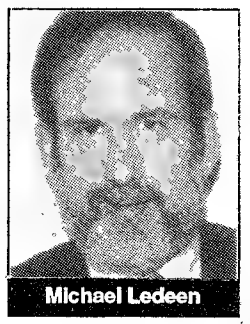
De facto, o basebol é mais adequado para a rádio do que para a televisão, pois o que é essencial no jogo - e na vida, tal como gosto de argumentar - é o confronto emocional entre as pessoas em competição. E um bom relator de basebol pode transmitir a emoção muito melhor do que uma câmara de televisão.

Com efeito, a melhor recordação de basebol que possuo não é a de um jogo que tenha visto, mas sim de um relato que ouvi, como a maior parte dos meus vizinhos, transmitido por uma emissora de Nova Iorque, quando ainda era rapazinho. Era um encontro entre duas equipas de Nova Iorque, que disputavam o Campeonato Nacional.

Uma das equipas tivera que vencer uma quantidade espantosa de jogos, no último mês da temporada, para conseguir apanhar a outra, e ambas estavam envolvidas, agora, numa luta de morte para conquistar o título. Nesta derradeira oportunidade de vitória, os New York Giants ganharam o desafio através de uma jogada espectacular da sua principal vedeta. Enquanto o locutor berrava: «Os Giants ganham! Os Giants ganham!», todos os meus vizinhos começaram a gritar de alegria ou de tristeza; as pessoas gritavam das janelas e dos automóveis, ou mesmo dos autocarros. Não me lembro de outro acontecimento que tenha entusiasmado tanto todas as pessoas que eu conhecia.

E é, por isso, que, esta semana, os assuntos de Estado e as grandes estratégias dos nossos dirigentes nacionais vêm em segundo lugar, depois do basebol. E é, por isso, que eu e o meu filho vamos até Baltimore, lá para o fim da semana, ver os Orioles jogar.

(Tradução de Isabel Joyce)



Michael Ledeen

QUOTIDIANO

BREVES

Novo plano para Saúde é publicado este mês

O ministro da Saúde, Arlindo Carvalho, anunciou, em Vila Real, um plano a desenvolver até finais deste século, cujos principais vectores são humanizar a saúde e modernizar os meios neste sector, para «permitir melhores índices de assistência». Falando, ontem, na sessão de abertura dum ciclo de conferências, o governante salientou que o plano em estudo, a publicar ainda este mês, «visa definir os contornos da saúde em Portugal até para além do ano 2000». Segundo o minsitro, o novo plano pretende responsabilizar os principais elementos dos sectores administrativos dos centros de saúde e dos hospitais no sentido de criar uma nova mentalidade.

Banco assaltado em Paredes

A dependência de Baltar, Paredes, do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa ficou sem cerca de mil contos quando ontem, ao princípio da tarde, foi assaltada por três indivíduos, informou a GNR. Dois dos assaltantes, encapuzados e empunhamdo caçadeiras de canos serrados, entraram no estabelecimento bancário e retiraram todo o dinheiro de uma das caixas. O terceiro indivíduo esperava-os junto à agência, num automóvel Opel Kadett de cor verde, cuja matrícula se desconhece e que terá seguido na direcção do Porto. Os assaltantes aparentavam ter cerca de 30 anos e um deles falava com sotaque espenhol.

Maquinistas da CP suspendem a greve

Os maquinistas da CP decidiram suspender as greves parciais, alegando o Sindicato que davam «o benefício da dúvida» ao novo ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. a quem pediram que os recebesse para fundamentarem as reivindicações e tentarem chegar a um acordo. O comunicado do Sindicato Nacional dos Maquinistas dos Caminhos de Ferro Portugueses, anuncia estarem dispostos a reiniciar a greve às 15 horas do próximo dia 26 se, entretanto, não houver evolução negocial.

Cocaína nas palmilhas dos sapatos

Os Serviços Alfandegários do Aeroporto de Lisboa apreenderam um quilo de cocaína dissimulada nos saltos e palmilhas dos sapatos de um passageiro, disse um porta-voz das Alfândegas. O passageiro, com passaporte costa-riquenho, viajava de Quito, num avião que fez escala em Madrid.

Socialistas ganham nos Bancários do Cantro

A lista «B», de tendência socialista, foi reeleita para a direcção e conselho geral do Sindicato dos Bancários do Centro. Esta manhã, quando estavam apurados mais de 70 por cento dos votos, a lista «B», contava com uma percentagem de 49,9, enquanto as duas outras listas, afectas aos sociais-democratas e ao PCP, somavam, respectivamente, 27,5 e 22,26 por cento dos votos.

Trezentos toxicodependentes tratados no estrangeiro

Portugal gasta milhares de contos por mês com cerca de 300 toxicodependentes que estão em tratamento no estrangeiro, disse o director regional do Centro de Estudos e Profilaxia da Droga, Zona Sul, Domingos Neto. Os 300 toxicodependentes que estão a tratar-se no estrangeiro, nomeadamente em Inglaterra, recorreram aos serviços estatais para tratamento, os quais não têm capacidade de resposta.

CGTP pede aumento de pensões no Parlamento

A CGTP entregou na Assembeia da República uma petição assinada por 37.558 cidadãos, reivindicando a aprovação de um diploma que actualize as pensões de reforma. A Intersindical defende que a pensão mínima do regime geral de segurança seja aumentada de 17 mil escudos para 20.500 e que a forma de cálculo das pensões de reforma e invalidez seja alterada, passando a ser calculada em função dos três melhores salários dos últimos dez anos e não dos cinco melhores salários do mesmo período.

Desemprego leva tripulantes a viajar pelo Norte

A tragédia do «Scandinavian Star» revela como é instável o mercado de trabalho na marinha mercante e porque razões os nórdicos caluniam os nossos tripulantes

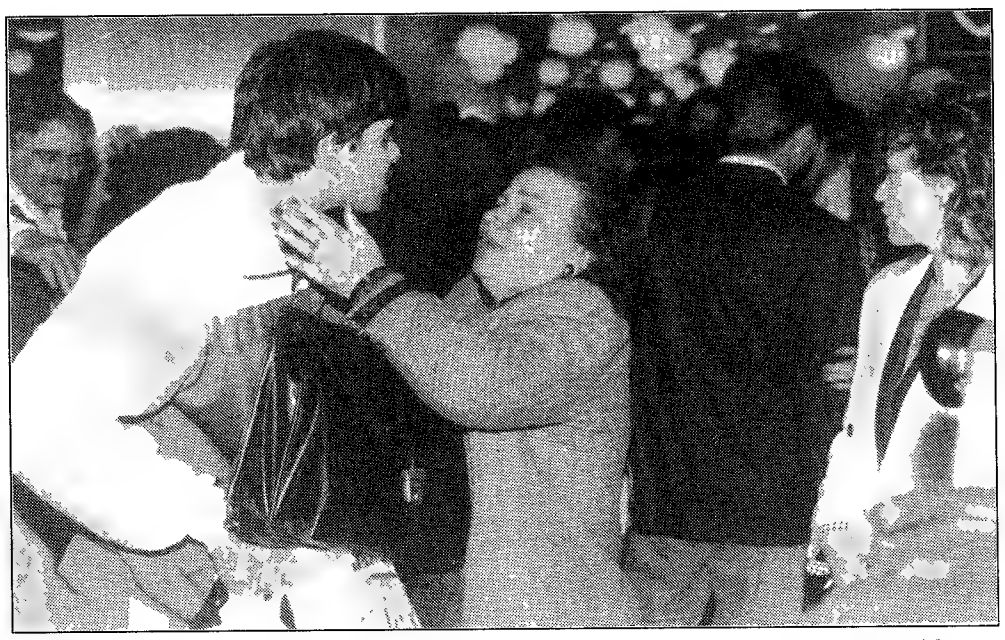
Os marinheiros portugueses atingidos pela tragédia do *ferryboat* «Scandinavian Star» vão vítimas da políticas dos sucessivos governos portugueses que desde 1974 têm vindo a reduzir a frota mercante nacional, obrigando os tripulantes a procurarem trabalho no estrangeiro, disse hoje ao DL, o presidente do Sindicato de Mestrança e Marinhagem de Câmaras da Marinha Mercante.

Tiago Gouveia Cardoso afirma que a progressiva liquidação da frota nacional, reduzida em mais de 60 por cento, colocou milhares de trabalhadores experientes e qualificados sem perspectivas de trabalho.

Na sua opinião, a recente vaga de calúnias e de manifestações de xenofobismo lançadas, a propósito do incêndio do «Sandinavian Star», pelo sindicato dos marinheiros dinamarqueses resulta precisamente do facto de eles se sentirem prejudicados pela progressiva entrada de portugueses no seu mercado de trabalho. Segundo Tiago Gouveia Cardoso, 80 por cento dos marinheiros portugueses trabalha, actualmente, no estrangeiro.

O sindicalista refutou as calúnias dirigidas contra os tripulantes portugueses e garantiu que a sua contratação tem sido feita em moldes regulamentares, apesar de reconhecer haver, ultimamente, algumas «agências fantasmas» portuguesas que recrutam pessoal não qualificado.

Tiago Cardoso garantiu que o seu sindicato se vai bater por conseguir que a companhia que contratou os tripulantes do «Scandinavian Star» lhes assegure a continuação de trabalho noutra embarcação.



Marinheiro regressa depois da tragédia. Gostaria, certamente, de não ter sido obrigado a partir

Por outro lado, na opinião do dirigente sindical, o que sucedeu com o *ferryboat* nórdico pode acontecer, a qualquer momento, com grande parte dos navios da marinha mercante portuguesas. Tiago Gouveia Cardoso assegura que o barco sinistrado não é o único com baleeiras inoperacionais e portas estanques em mau funcionamento, razões, subilinha que terão avolumado as consequências da tragédia do «Scandinavian Star».

O dirigente sindical não se mostrou solidário com os 11 tripulantes portugueses do *ferryboat* que não regressaram a Portugal com os restantes companheiros da tripulação. Afirma que eles se fizeram amigos dos músicos (norte-americanos) que integravam a orquesta do navio e que estão a aproveitar-se da situação «instalados, em Oslo, num hotel de cinco estrelas».

Regressem mas calados

Esta declaração coincide com notícias provenientes da capital norueguesa segundo as quais os tripulantes portugueses foram pressionados pela agência que os contratou para regressarem a Portugal. Isabel Costa, um dos membros da tripulação, disse à Lusa que a Knudsen se propôs dar a cada um dos portugueses cinco mil coroas norueguesas - quantia que não seria descontada das remunerações devidas - caso estes aceitassem regressar a Portugal no mesmo dia, mas sem prestar quaisquer declarações aos orgãos de Comunicação Social.

Os marinheiros acusam ainda o Sindicato de Mestrança e Marinhagem de Câmaras da Marinha Mercante de não lhes dar qualquer apoio.

Entretanto, um grupo de noruegueses que viajava no «Scandinavian Star» pretende iniciar um novo inquérito, para o qual conta com a colaboração dos portugueses que ainda estão em Oslo. O regresso dos tripulantes está, assim, dependente da decisão do advogado do grupo de noruegueses.

Os portugueses denunciaram ainda a falta de treino da tripulação e as más condições do *ferryboat* para responder a situações de emergência. Referiram ainda que «não houve ordens da ponte para abandonar o barco» e que não existiam máscaras de gás a bordo da embarcação.

P.A.

Caso Dopa: Ministério pede seis condenações

A Procuradoria do Ministério Público pediu, ontem, a condenação dos seis arguidos do quarto processo relacionado com o «caso Dopa», considerando provados os factos julgados em audiência, nomeadamente a entrega de seis mil contos ao juiz instrutor para libertar o principal suspeito.

O colectivo, depois de ouvir as alegações do Ministério Público e dos defensores dos réus, marcou para o dia 24 do corrente mês a leitura dos quesitos, a que se seguirá, noutra sessão, a leitura da sentença.

A procuradora do Ministério Público equacionou, nas alegações, todas as afirmações dos arguidos, dos declarantes e testemunhas que depuseram em Tribunal, salientando, também, ter sido obrigada a protestos, por irregularidades na condução da audiência.

Em causa está, particularmente, uma antiga funcionária do Tribunal de Instrução Criminal, Lúcia Moreira, que se confessa intermediária na entrega de seis mil contos da família Queiroz de Andrada ao juiz Verdasca Garcia, para que libertasse Joaquim Queiroz de Andrada, então detido no âmbito do processo principal Dopa, sob acusação de tráfico ilegal de divisas.

Neste processo, Lúcia Moreira é acusada de nove crimes, nomeadamente de burla agravada, corrupção passiva e violação de segredo de justiça.

São igualmente réus outros dois antigos funcionários judiciais, Camilo Ramos e Carlos Teixeira, pelos crimes de burla agravada e corrupção passiva, para além de Joaquim Queiroz de Anrada, o responsável pela Dopa, Empresa de Dragagens e Obras Públicas, julgado à revelia, que se crê viver em Paris, e, ainda, os seus filhos Manuel e Teresa Queiroz de Andrada.

O Tribunal aprecia também uma eventual entrega de mil e 500 contos ao juiz Rocha Moreira pela família Andrada.

A acusação ao juiz Verdasca Garcia, que foi pronunciado pelo crime de corrupção activa, está actualmente em recurso no Supremo Tribunal de Justiça e levou à suspensão das suas funções.

QUOTIDIANO

Colorir as extremidades dos dedos, não é para todas as mulheres. Muitas pagam o artifício com eczemas que lhes desfiguram a cara

Verniz para unhas: um cosmético traiçoeiro

Quem julgar o verniz das unhas uma garridice feminina inofensiva, está mal enganado: trata-se de um dos principais causadores de alergias, de entre todos os cosméticos, conforme revela uma publicação especializada, a revista «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venerologia».

Um estudo de três clínicos do ramo, Lurdes Ferreira, Meneses Brandão e Raquel Silva, estabelece uma incidência da alergia ao verniz das unhas em cerca de 20 por cento de todas as alergias a cosméticos, tendo à sua frente apenas a suscitada pelos perfumes.

A responsabilidade deste efeito indesejável do produto, que se traduz em lesões cutâneas mais frequentemente localizadas na face, cabe a um seu componente resinoso.

Este, que responde pelo nome rebarbativo de «formatuleno sulfonamida», tem por papel, segundo o artigo, «aumentar a adesão, a dureza do filme, a resistência à água e a melhoria do brilho» do verniz. Um ingrediente indispensável, portanto. Só que há muitos casos de epidermes que lhe não suportam o contacto sem entrarem imediatamente naquele inestético processo de escamação e prurido, conhecido por eczema.

Foi a verificação do aumento da incidência de alergia ao verniz nas suas consultas, provavelmente ligada a mudanças de hábitos de largos sectores sociais, que sugeriu aos três especialistas a reobservação de todos os casos com que tinham contactado nos últimos seis anos, nos serviços de Dermatologia de Contacto do Hospital de Santa Maria e do Centro de Dermatologia Médico-Cirúrgica. Desses exames resultou a evidência da acção alergética daquela resina, à qual reagiu positivamente a quase totalidade dos pacientes testados.

Localização mais frequente das lesões provocadas por alergia ao verniz das unhas.

Outras conclusões dizem respeito aos grupos etários e profissionais das pessoas afectadas.

«Domésticas» à frente

No primeiro caso, verificou-se não haver «predomínio significativo» de quaisquer idades, «entre as 2ª e 6ª décadas da vida». No que se refere aos grupos profissionais, os autores do estudo colocam em primeiro lugar «domésticas ou pessoas que efectuam serviço doméstico (32 por cento)»; a seguir, «administrativas (19 por cento)», «empregadas de comércio e estudantes (14 por cento cada)»; finalmente, os restantes distribuir-se-ão «por outras profissões, em número não significativo».

Um apontamento curioso do estudo diz respeito à localização da sintomatologia, que nunca se manifestará nas zonas do corpo em contacto permanente com o produto, quais sejam as unhas e os seus bordos. Em vez disso, as lesões surgem sobretudo nas pálpebras, lados do pescoço e cantos da boca, e, em menor percentagem, sobre os malares e nas orelhas.

Homens ilesos

As razões desta incidência corporal da moléstia não serão outras senão a frequência da chegada da capa de verniz a certas zonas da pele, independentemente de ele estar mais ou menos seco.

Os três especialistas concluem pela inexistência de «outras alternativas válidas para estes doentes» que não sejam «a abstenção do uso de verniz, ou a utilização de vernizes que não contenham a tal famigerada *resina formotolueno sulfanamida* , recurso este que não viabilizam através da indicação de quais possam ser.

O artigo menciona também casos, embora reconhecidamente raros, de alergia a outros ingredientes do mesmo cosmético, nomeadamente o níquel, que participa de fixadores da cor.

Segundo os autores, «é possível, no entanto, que a sensibilização prévia ao níquel facilite, secundariamente, a alergia ao verniz».

Outra particularidade diz respeito à completa ausência de pacientes masculinos entre as vítimas desta doença, não obstante o reconhecimento de que se está a vulgarizar o uso por homens de verniz para as unhas transparente.

Centro de biomassa arranca em Coimbra

Com a inauguração das instalações provisórias do Centro da Biomassa para a Energia, ontem registada em Miranda do Corvo (Coimbra), Portugal pode dar um contributo importante para que a Comunidade Europeia atinja, dentro de 20 anos, uma satisfação de 12,5 por cento das suas necessidades energéticas através da biomassa. A perspectiva, anunciada pelo secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva, inscreve-se no contexto de tornar o centro agora inaugurado num «interlocutor privilegiado» junto da Comissão das Comunidades Europeias, vindo a assumir-se, progressivamente, como um centro europeu da biomassa.

A formação deste centro europeu está para breve e o Centro de Biomassa para a Energia (CBE) será um dos membros fundadores. Segundo o governante português, a biomassa já representa cerca de 10 por cento da energia primária consumida em Portugal, correspondendo a uma economia de 20 milhões de contos/ano na importação de outros materiais.

Para Ribeiro da Silva, a aposta na biomassa pode proporcionar o aproveitamento de solos marginais com fraca aptidão agrícola. O recurso a este processo vai fomentar o desenvolvimento de culturas de «valia energética» e contribuir para a limpeza das florestas.

O secretário de Estado da Energia referiu a existência de dificuldades na obtenção de materiais por parte dos consumidores da biomassa e considerou necessário «desengarrafar o circuito comercial desde a floresta até aos utilizadores».

Sublinhou ainda que tal situação é, «de certo modo, aberrante em Portugal» e observou que cerca de três milhões de toneladas de resíduos florestais ficam todos os anos perdidos nas matas.

Na cerimónia de inauguração, o presidente do conselho de administração do CBE, Mário Silva, frisou que há «determinados estrangulamentos» a impedir o crescimento do consumo da biomassa para produção de energia em Portugal. Acrescentou que caberá ao centro um papel pioneiro na forma como vai procurar chamar a si a dinamização e procurar superar esses estrangulamentos.

Referiu ainda que o CBE irá dar particular atenção aos sistemas de tratamento dos lixos urbanos, procurando encontrar soluções que contemplem a valorização energética e as respostas exigidas «pelas preocupações das populações».

O capital social do CBE ascende a 40 mil contos e pertence maioritariamente a organismos do Estado, estando previsto que estes alienem parte do capital. O investimento para os três primeiros anos de actividade eleva-se a meio milhão de contos e, segundo o secretário de Estado da Energia, encontra-se já assegurado no âmbito do Plano Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP).

Carlos Pimenta fala em Évian

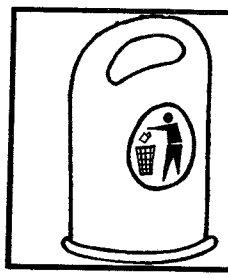
O deputado europeu Carlos Pimenta é um dos promotores do Encontro Europeu sobre o Ambiente, que se realiza a partir de amanhã, em Évian, França.

«O ambiente como estratégia de desenvolvimento» constitui o tema geral do encontro, no qual participam responsáveis governamentais, altos funcionários da CEE e peritos europeus na área do ambiente, nomeadamente dos países de Leste.

Carlos Pimenta, ex-secretário de Estado do Ambiente em Portugal, preside aos trabalhos de sexta-feira e apresentará uma comunicação intitulada «O ambiente, factor de desenvolvimento industrial, de crescimento e de criação de emprego».

O director do Centro de Estudos de Economia, Energia, Transportes e Ambiente (CEEETA), de Lisboa, professor Henri Baguenier, participa também no encontro, com uma comunicação subordinada ao tema «Lutar contra o efeito de estufa investindo em tecnologias limpas no Terceiro Mundo».

O papel dos bancos no desenvolvimento de projectos industriais, o exemplo da Hungria nas relações universidade-indústria nos domínios do ambiente e do desenvolvimento e a nova gestão dos resíduos são outros temas do encontro, que termina no sábado.



CML

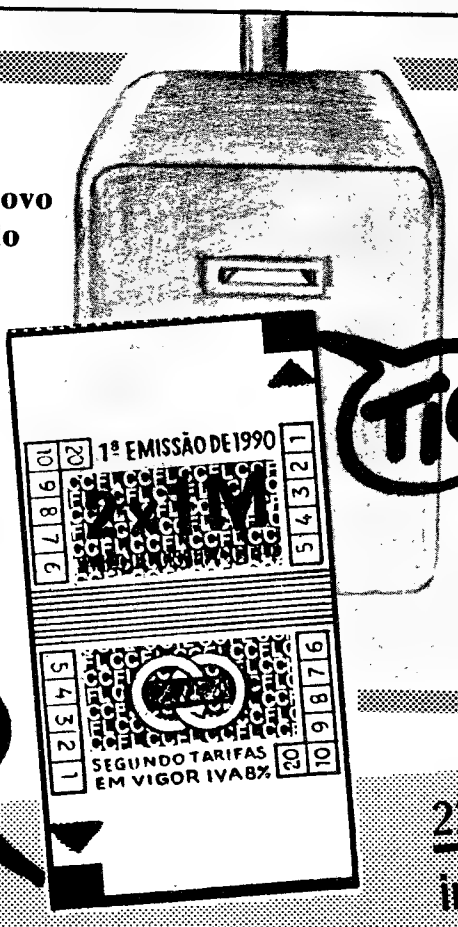
proteja a sua saúde
mantenha a tampa fechada

A Carris tem à sua disposição a partir de 22 de Abril um novo bilhete pré-comprado de DUPLA OBLITERAÇÃO.

Destaca-se facilmente pelo picotado

Mais viagens com menor volume de bilhetes

Menor risco de utilização incorrecta.



Novo Bilhete da CARRIS

TIC

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

22 ABRIL
informe-se já

CCFL – Dep. MARKETING

Quando entramos na sala de aula, logo doze cabeças se viram para olha
enormes e expressivos capazes de desarmar o mais cruel coração. À med
s
n

O Clube dos Poetas Pobres

Fomos interromper uma aula de Inglês no Centro Social do Bairro 6 de Maio. Estava na altura a funcionar o Atelier de Tempos Livres (ATL). Os frequentadores são alunos de escolas primárias das redondezas que aqui passam três horas por dia, depois do horário escolar.

Geograficamente, o Centro está localizado na Falagueira, mas foi a Damaia que os «adoptou». Não é um prédio, nem uma vivenda, nem uma barraca. É uma barracão de pedra. Lá dentro, com muito esforço, conseguiram delimitar-se três salas de aula; uma delas serve para jogos e noutra realizam-se aulas nocturnas de alfabetização. Aliás, aqui tudo estica para comportar uma série de coisas ao mesmo tempo.

Este Centro está implantado num bairro predominantemente habitado por naturais de Cabo Verde. As condições de vida são péssimas, as habitações miseráveis. Os moradores trabalham sobretudo nas obras e na venda de peixe. Muitos andam na recolha do papelão.

Se, agora, as condições de vida desta população, que aqui chegou antes do 25 de Abril, são más, pior eram há doze anos atrás. Nessa altura, apareceram algumas Irmãs Dominicanas do Rosário que se instalaram ali. Juntamente com a população trataram de resolver as necessidades primordiais, como água, esgotos e luz. Para que as crianças tivessem um lugar onde ficassem na ausência dos pais, criou-se o Jardim Infantil.

Os moradores queriam, também, um sítio onde pudessem tratar dos seus problemas que eram (e são) muitos. Foi implantado, então, o Centro Social. Para a construção do imóvel utilizou-se material oferecido por uma instituição alemã e todo o trabalho foi feito por voluntários. Actualmente, todas as outras despesas são suportadas pelo Centro, com excepção da água que é paga pela Câmara Municipal da Amadora.

O Centro funciona, hoje, como Atelier de Tempos Livres e, à noite, proporciona aulas de alfabetização aos mais velhos. Parece fácil, mas é tão difícil como remar contra a maré, ou contra o sistema...

Os «piquinotes» crioulos

São duas horas da tarde e, em frente ao Centro, já se agitam doze crianças. Malas às costas, vieram das escolas.

Algumas já almoçaram em casa, perto do local onde agora vão passar, no mínimo, três horas. A actividade do ATL desdobra-se em três tempos. Primeiro, na actividade pedagógica, fazem os trabalhos de casa e tiram, junto das monitoras, dúvidas sobre a matéria que lhes foi ministrada nas escolas. O segundo tempo é o recreio e o terceiro depende do dia. Assim, têm o dia de educação musical, o de expressão corporal, o dos trabalhos manuais, o da ginástica e da experiência de vida.

Todas estas actividades são feitas com uma vontade surpreendente. A verdade é que este ATL não é igual aos outros. Conforme nos diz uma criança, «aqui estamos mais à vontade. Na escola não temos nada. Só porrada. Parece um manicómio».

As condições em que estas crianças vivem são muito difíceis e fazê-las estar num sítio onde se sintam livres e possam ser criativas é tarefa difícil. A assistente social da zona diz-nos que tentam sempre vencer as dificuldades. «Tudo depende do acompanhamento do professor. Sabemos que estas crianças são muitas vezes postas de lado pela cor, ou porque falam crioulo, ou porque têm mais dificuldades e andam ao papelão», afirma.

A sobrevivência do ATL é uma luta constante. Qualquer actividade que se desenvolva ou a simples cobertura das despesas essenciais implicam o entusiasmo das monitoras e de pessoas que trabalham gratuitamente, como é o caso do psiquiatra Pedro Varandas, cujo trabalho de acompanhamento das crianças e dos habitantes do bairro é fundamental.

As crianças sentem-se acompanhadas e produzem trabalhos brilhantes. Só assim se compreende que na escola tenham más notas, raramente positivas e no ATL revelem capacidades muito superiores ao normal. É uma visão diferente da educação, orientada por objectivos que ultrapassam a matéria escolar.

A monitora Maria João Marques encara o Centro com uma perspectiva muito própria. «Eu vejo o Centro como um espaço aberto para os miúdos desenvolverem as suas capacidades, aprendendo numa perspectiva diferente daquilo que é uma escola oficial. O resultado é positivo, o que explica os muitos pedidos de ingresso que temos.»

Mas só na prática é que se compreende o trabalho realizado com aquelas crianças. E existem, de facto, inovações na forma como ensinam. Maria João Marques assegura que tentam acompanhar o programa das escolas. «Para não ser uma coisa muito séria e para que eles percebam o que na escola não entenderam, nós tentamos criar e representar, quer com sombras chinesas quer com teatro a situação que estão a estudar na escola.»

E dá um exemplo: «Numa aula sobre a organização do poder político nós criamos um jogo. Primeiro, eu esclareci os alunos sobre as funções de cada órgão de soberania. Depois, passámos à prática e fizemos umas eleições. O resultado destas eleições foi um Presidente da República, os ministros do governo e a oposição. O ministro da Educação (um aluno) resolveu criar uma lei que determina que a criançada só podia ir ao recreio depois de acabar os trabalhos de casa. Claro que houve uma grande contestação e muita confusão. No meio daquela algazarra, quando olhámos para o quadro, sua Excelência, o Presidente da República, tinha escrito "Declaro o estado de sítio". Foi a prova de que cada um se apercebeu das tarefas, poderes e deveres de cada órgão e, por mais que o tempo passe, vão-se lembrar disso.»

Uma luta constante

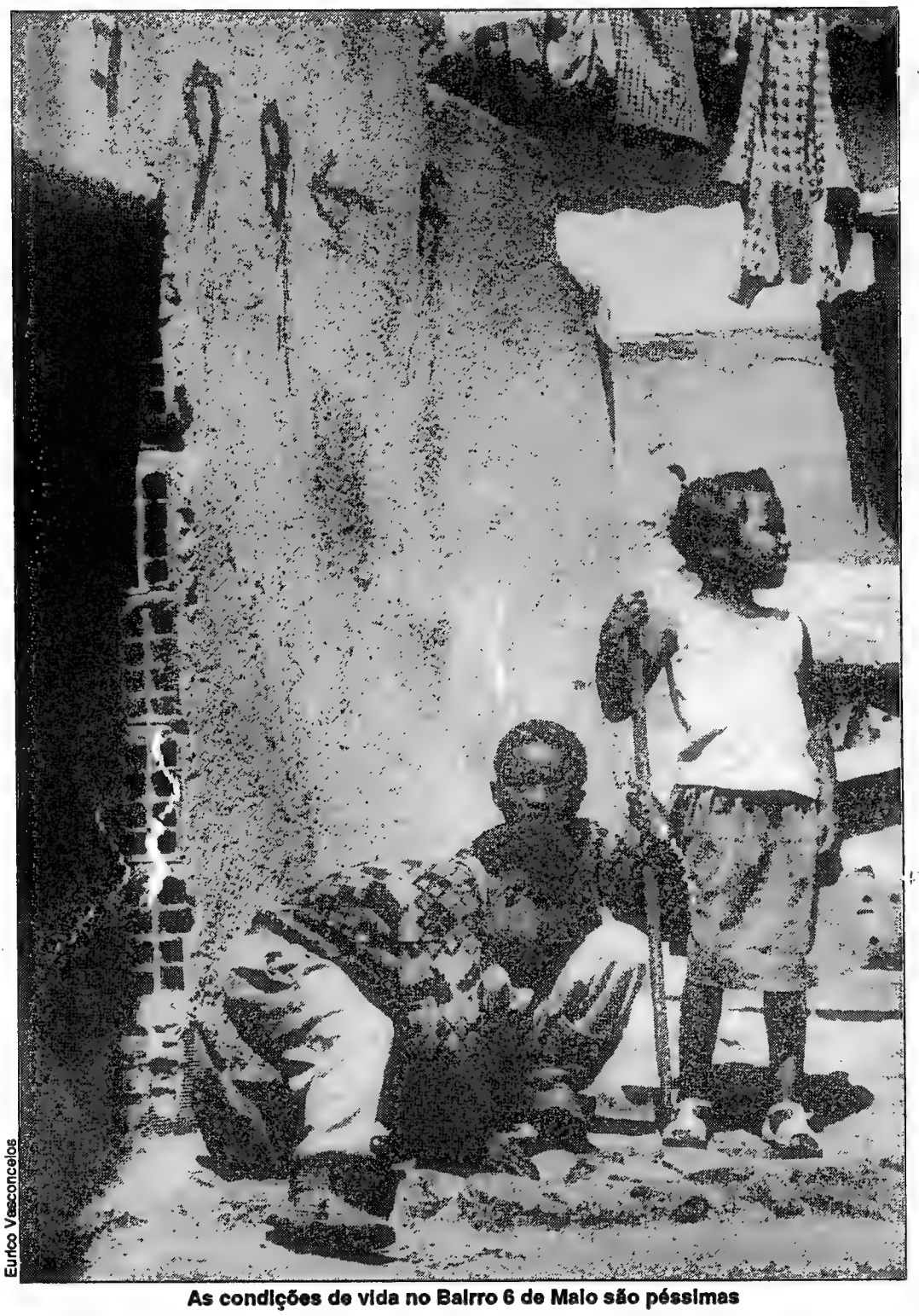
As dificuldades são muitas para estas crianças, que desde pequenas se sentem rodeadas de barreiras, vivendo num permanente confronto cultural. O crioulo é, sem dúvida, uma grande dificuldade. Um dos alunos diz que «na escola não podemos falar crioulo. Só em Português. Uma coisa que eu não compreendo é porque é que nós falamos crioulo se nascemos aqui e se este é o nosso país...».

O pessoal do Centro, mais que ninguém, está consciente deste problema. Maria João Marques diz: «nós não proibimos que eles falem em crioulo e muitas vezes aproveitamos expressões em crioulo para explicar uma ou outra frase. Isto tem de ser respeitado, pois as próprias crianças não compreendem porque falam crioulo se são portuguesas».

Sobre este confronto de culturas, a assistente social, Juana Echeverria, afirma: «no ATL nós tentamos ter em conta a cultura própria dos participantes, principalmente a sua forma de ser e pensar. Procura-se o conhecimento da outra cultura e respeitamo-la ao máximo, tentando com que eles aprendam com as bases que têm. A partir dos trabalhos que realizamos, nós temos, de facto, aproveitamento».

A própria situação socioeconómica desta população tem reflexos no modo de estar destas crianças a que muitos chamam «os marginais de amanhã», sem saber porquê. Maria João Marques assegura que estas crianças trazem desde sempre «uma carga muito negativa em relação à cor. Por serem pretos», sofrem discriminações. Por isso é que chamar-lhes «preto» é a maior ofensa e eles revoltam-se. A própria história e a própria mentalidade das pessoas, que nada fazem para a alterar, faz do «preto» um estúpido, um escravo, o da facada. Ora, para «ajudar», estas pessoas vivem em habitações degradadas.

«Nós nunca as encaramos como desgraçadinhas e nem gostamos que assim as tratem. É para tal que elas pagam frequências, com valores simbólicos (400 escudos por mês), e que nas actividades criativas tentamos que não se sintam tão mal. Por exemplo, um dia foi preciso cartão para os trabalhos manuais. Não houve dúvidas, fomos todos ao papelão...»



Eurico Vasconcelos

As condições de vida no Bairro 6 de Maio são péssimas

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

olharem os visitantes. Têm uns olhos
medida que nos vamos aproximando,
só um pensamento nos perturba:
não, não pode ser que sejam eles
os marginais de amanhã...

Factor preocupante para o empenho dos alunos é o seu aproveitamento escolar. Os resultados não são iguais no ATL e nas escolas. Para os alunos, as maiores dificuldades sentidas, na escola, são as relativas às matérias do Meio Físico e das contas.

Ai as notas...

O que acham eles sobre as suas notas? «Eu levo tudo certo e ela põe sempre "satisfaz pouco". Além disso, ela não nos deixa pensar. Mal faz uma pergunta, passa logo aos "queridinhos" — respondeu um.

A assistente social alega que a diferença de resultados na escola e no ATL «tem a ver com a responsabilidade do professor. Nós sentimos que há alunos que estão a trabalhar bem e que não são estimulados na escola».

Posição parecida tem a monitora Maria João Marques: «tudo depende da criatividade do professor. O professor sabe quando um aluno percebeu ou não e para isso tem de procurar fazer com que não seja a decorar que ele saiba as coisas. Por outro lado, pensar, imaginar, criar situações para que eles percebam as coisas, como um pequeno teatro, leva o seu tempo e isso são horas de trabalho que nós, sempre que podemos, dispensamos às crianças, porque o resultado é bom». Um teste de avaliação de Meio Físico e Social realizado na escola classificado "Satisfaz Muito Pouco" deixa pistas para o entendimento do problema.

Aqui vão as perguntas e respectiva avaliação: «Em quantas regiões se divide Portugal? Em onze regiões — *certo*; Escolhe e escreve duas regiões do Norte: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro — *certo*, Centro: Beira Litoral e Beira Baixa — *certo*, Sul: Baixo Alentejo e Algarve — *certo*; Em que região nasceste? Como se chamam os seus habitantes? Em Estremadura — *Um certo e três pontos de interrogação*; Escreve duas cidades dessa região: Lisboa e Setúbal — *Certo*; Qual é a capital do Portugal? É Lisboa — *certo*; Pensa e responde — De uma maneira geral, qual é a profissão das pessoas: que vivem à beira-mar? Pesca — *Ponto de interrogação*; Que vivem no interior? Agricultura — *Ponto de interrogação*; Que vivem nas cidades? Indústria — *Ponto de interrogação*; Que nomes damos aos portugueses que vão trabalhar para fora de Portugal? Que países escolhem para trabalhar? Imigrantes. França, Canadá, Estados Unidos da América, Alemanha... — *não tem classificação*; Para além da Escola Primária, que outros locais podes frequentar, para continuares a tua educação e instrução? Escola Secundária — *Dois pontos de interrogação*; O que é uma Biblioteca Pública? É para toda a gente — *Três pontos de interrogação*; O artesanato português é muito apreciado pelos turistas. Que tipo de trabalhos se podem fazer manualmente? Renda e bordados, barro, tapetes — *Um certo e três pontos de interrogação.*

Os «analfabetos cultos»

Na Prova Geral de Acesso, do corrente ano, os alunos tiveram que falar dos «analfabetos cultos». José Régio descrevia no seu texto as vantagens e desvantagens de saber ler. Para os alunos de alfabetização deste Centro, o mais importante não será «meditar os grandes autores», mas sim saber escrever o seu nome ou compreender os boletins de voto.

Para muitos parece fácil, mas são precisos três anos para que os homens e mulheres das casas circundantes saibam ler, escrever e entender vinte e cinco palavras e com elas desenvolver a sua escrita e compreensão.

Tal trabalho pressupõe um método. Conforme diz a monitora Maria João Marques, «respeitamos as vivência de cada um». Acrescenta: «Não tinha lógica começarmos a ensinar a estes alunos como escrever "o piu-piu foi com a menina...", porque as suas necessidades prendem-se com a sobrevivência.»

Como se processa esta aprendizagem? Através do método de Paulo Freire. Faz-se um levantamento junto da população sobre os interesses sociais de cada um e, a partir duma imagem e com diálogo, conseguem, alunos e professores, chegar ao conhecimento das palavras fundamentais, das quais parte todo o estudo.

A primeira palavra aprendida é VIDA, depois POVO, VILA, LAMA e por aí adiante, até complementar o primeiro nível com a vigésima quinta palavra, que é BICICLETA.

No segundo nível, lêem-se textos, fazem-se composições e, principalmente, dialoga-se muito, não só com os monitores, mas também com personagens que conduzem debates de acção social sobre os temas que mais interessam para esta população; saúde, planeamento familiar, trabalho, etc.

No terceiro nível, complementa-se o estudo anterior com textos e composições e assim terminam três anos de estudo em que as duas horas diárias proporcionaram, no mínimo, o cumprimento da missão de possibilitar a obtenção de um bilhete de identidade com nacionalidade portuguesa, ou a compreensão de um boletim de voto.

Neste ambiente de gente grande, sempre acontecem muitas histórias. Uma delas tem a ver com o Senhor António. Ele era daqueles que furavam o papel com a força que fazia para segurar o lápis. Mas o tempo foi passando e o sr. António já sabia escrever «An», depois «Ant». Quando conseguiu escrever «António», todos os seus colegas se levantaram e aplaudiram. Escusado será dizer que o sr. António, 60 anos, chorou.

Quando há campanhas eleitorais, registam-se perguntas curiosas neste bairro. Maria João Marques lembra que «no ano passado, muitos alunos vieram perguntar-me o que era a CEE, o que era isso de portas abertas... A preocupação deles era se "aquilo" ia-lhes aumentar ou não o ordenado, se os produtos iam aumenar ou se eles iam morar para um «apartemant», como um cunhado que emigrou para França...».

Apesar de grande participação e entusiasmo por parte dos alunos, a realização das aulas de alfabetização está em risco. De facto, os professores/monitores, se ganhavam pouco, agora não recebem nada. Desde Janeiro que não lhes é pago o ordenado e se a situação se mantiver até fins de Abril muitos vão sair, pois de boas vontades ninguém come.

Que leva os monitores a terem apego à sua actividade? Maria João Marques, que conta com sete anos de trabalho local, responde: «Com certeza que por dinheiro não é. Eu gosto de ver crescer. Gosto que as crianças que temos — cerca de 70 — tenham outra maneira de estar e pensar. Gosto de ver uma pessoa assinar o nome e de lembrar-me que, quando para aqui veio, nem sequer sabia pegar no lápis. E assim vieram os cerca de 120 que temos. Gosto de ver criar — e aqui nós criamos. Claro que não nos podemos transformar em material didático, de vídeo ou de desporto, de que precisamos para sobreviver. Mas esses subsídios que não temos deviam vir do Estado.»

O que os faz continuar é a vontade e a coragem de não desperdiçar o pensamento, a vontade e a dedicação que ali tantas crianças têm oportunidade de aproveitar. É o caso desta frase que o Carlos, quarta classe, escreveu no ATL, a propósito da Primavera: «O meu coração fica cheio de alegria, porque chega a Primavera, porque nesta altura todos deviam ser amigos, porque o mundo está mais bonito.»

Por termos os mesmos sonhos, «Carpe Diem» (aproveitem a vida — «Clube dos Poetas Mortos»)

Sandra Moutinho

Eurico Vasconcelos

As aulas do Centro Social imprimem uma perspectiva totalmente diferente aos programas escolares, constituindo um espaço aberto que atrai as crianças

Eurico Vasconcelos

O método de aprendizagem posto em prática nas aulas dos adultos baseia-se na vivência dos alunos e no reconhecimento de que as suas necessidades estão intimamente ligadas à sobrevivência

Eurico Vasconcelos

As crianças cabo-verdianas têm uma cultura própria que tem que ser tida em conta e respeitada. A partir daí, elas mostram-se capazes de bom aproveitamento escolar

Racismo e violência

Alguns dos alunos do ATL recusaram-se a falar receando represálias da professora da outra escola. Outros, no entanto, falaram. «A vossa professora bate-vos?» Resposta: «Sim.» «Por que razão?» «É só fazermos um barulhinho ou falar crioulo e ela bate-nos e dá reguadas, mas isso é por sermos pretos. Ela está armada em "Tuga" (branca).» Mais não adiantaram. Era visível o medo e, de repente, os semblantes soltos e divertidos deram lugar a feições preocupadas.

A monitora Maria João Marques confirma que «há racismo e muitos preconceitos, mesmo em relação a Cabo Verde que ainda, para alguns, não é visto como um país independente».

Segundo a opinião de Juana Echeverria «estas crianças são vítimas duma discriminação e as suas mães queixam-se desta situação. Queixam-se que batem nos seus filhos, que estes são postos de parte e estão desmotivados». Também sobre a violência do professor sobre o aluno esta assistente social diz que «nós, no ATL, tentamos respeitar as crianças e não as agredir fisicamente. Mas nas reuniões que temos com a população, muitos pais dessas crianças dizem que "isto sem pau não vai lá". Claro que uma palmadinha no rabo pode ser boa, mas onde não faça mal e esporadicamente».

E no ATL, batem-lhes? Um, mais atrevido, respondeu: «só uma palmadinha no cu, a brincar...» e olha para a monitora, que se ri.

S.M.

BREVES

Reis de Portugal em São Paulo

Uma exposição dos retratos de todos os soberanos de Portugal, 34 reis e duas rainhas, está a ser apresentada na galeria de artes da Casa de Portugal, em São Paulo. O autor dos retratos é português e usa o pseudónimo artístico de «Camol». Todos os quadros são a óleo e foram baseados em reproduções antigas de estátuas ou de outros retratos, mas para dar maior veracidade aos seus trabalhos o pintor usou os rostos de alguns portugueses residentes em São Paulo que têm semelhanças físicas com os reis de Portugal.

Regionalização de comemorações

O programa das comemorações do Dia da Terra (22 de Abril) e do Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho) terá este ano uma incidência regional, «em detrimento das grandes acções nacionais», disse uma fonte do Ministério do Ambiente e dos Recursos Naturais. A apresentação do programa será feita amanhã, no Palácio Foz, numa conferência de Imprensa que contará com a presença do ministro do Ambiente, Fernando Real.

Antiguidades na FIL

O desenvolvimento, a valorização e o incremento do mercado de antiguidades em Portugal são os principais objectivos do 9º salão de Antiguidades, que se iniciou hoje na FIL e decorrerá até ao dia 24 do corrente mês. Segundo uma fonte da Feira Internacional de Lisboa, Filantiguidades será uma exposição-venda e terá a participação de 70 expositores. As peças expostas distribuem-se por diversos ramos, nomeadamente mobiliário, faiança, pintura, ourivesaria antiga e livros e gravuras antigas.

Confederação de Quadros reclama mínimo de 115 contos

A Confederação dos Quadros Técnicos e Científicos reclamou um salário mínimo de 115 contos e um mínimo de cinco semanas de férias anuais para os quadros. Em comunicado, a direcção da confederação decidiu ainda reivindicar aumentos de 18 por cento para o ano em cursos e um horário máximo de 35 horas semanais para os quadros técnicos e científicos. Pretende, também, a garantia de dispensa dos quadros para acções de formação e um crescimento mais lento das taxas de IRS.

Todos de nariz no ar, durante vários dias, dois caças da Força Aérea Belga em patrulha, observadores qualificados à espreita. No termo da maior caça ao OVNI jamais realizada, os resultados reduzem-se a imagens e recordações

A montanha pariu um rato

O «Misterioso triângulo luminoso» voltou a apercer no céu da Bélgica, mas não se deixou «apanhar», apesar da caça que lhe foi movida pelo fim de semana da Páscoa, numa operação que terminou ontem.

Com efeito, a maior operação de caça aos objectos voadores não identificados (OVNI) organizada na Bélgica permitiu apenas recolher algumas dezenas de novos testemunhos do aparecimento do «Misterioso triângulo luminoso», o qual começou a ser visto regularmente no céu belga desde Novembro passado. Uma fonte da organização da operação afirmou que a única novidade terá sido o primeiro aparecimento do suposto engenho no Leste da França, o qual foi testemunhado por uma família francesa da região.

O referido OVNI, constituído por um conjunto de luzes de diferentes cores formando um triângulo e movendo-se em círculo, foi filmado em vídeo por um amador, na noite de 30 para 31 de Março, a 60 quilómetros de Bruxelas. As imagens foram transmitidas pela televisão belga na semana passada.

Na noite em que o «Misterioso triângulo» foi filmado, um radar da Força Aérea Belga captou igualmente um sinal não identificado e dois caças levantaram voo para averiguar de perto o objecto que, entretanto, se afastou a grande velocidade.

O OVNI é visto com mais frequência na região de Namur e na província de Liège, entre 50 a 100 quilómetros de Bruxelas.

A caça ao OVNI na Páscoa foi organizada pela Sociedade Belga de Estudos Espaciais (SOBEPS) e contou pela primeira vez com a colaboração da Força Aérea e polícia belgas.

Cinco horas de patrulhas

Os dois aviões que a Força Aérea Belga disponibilizou para a operação efectuaram um total de cinco horas de patrulhas, na sequência de alertas de testemunhas, mas não foi conseguida qualquer identificação suplementar ou aproximação do suposto engenho.

Uma unidade de observação no solo, dotada de material infravermelho, também fornecido pela Força Aérea, captou a imagem dum objecto triangular de 30 a 50 metros de envergadura, com pontos verdes, encarnados e brancos, apresentando no centro uma protuberância, indicou um informador do SOBEPS.

Mas serão de engenhos extraterrestres as misteriosas imagens que frequentemente são vistas no céu da Bélgica? A caça aos OVNI, que alguns afirmam ter sido a maior jamais organizada no Mundo, não permitiu responder a esta questão, a qual divide a comunidade científica da Bélgica.

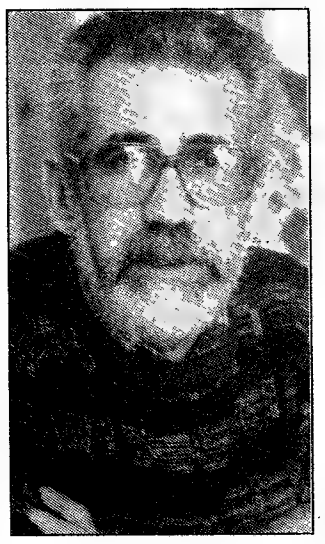
Na semana passada, dois astrónomos do Observatório Real de Uccle, arredores de Bruxelas, manifestaram publicamente o seu cepticismo. «É, no mínimo, estranho, que tenha sido reservado ao céu da pequena Bélgica o exclusivo das curiosas aparições», afirmaram os astrónomos Jean Dommanget e André Koeckelenbergh, em entrevista ao diário «La Libre Belgique».

CGTP vai debater fusão das centrais

A proposta do líder da UGT, Torres Couto, para fusão das duas centrais sindicais deverá ser debatida na reunião do Conselho Nacional da CGTP que se realiza na próxima sexta-feira. Segundo Manuel Lopes, membro da Comissão Executiva da CGTP, é natural que tal venha a acontecer, apesar da questão não constar da ordem de trabalhos, marcada muito antes da iniciativa de Torres Couto.

Manuel Lopes afastou a possibilidade de a sua central realizar os festejos do Primeiro de Maio em conjunto com os da UGT, assegurando que a eventualidade de apreciar esse problema estava «fora de hipótese» dado que «a reunião se realiza a pouco mais de uma semana das comemorações do Dia do Trabalhador».

O Conselho Nacional da CGTP vai debater a situação político-sindical, ponto dividido em cinco alíneas: «Concretização dos princípios programáticos aprovados pelo 6º Congresso no actual contexto político e social», «Desenvolvimento da acção reivindicativa», «25 de Abril, Primeiro de Maio e 20º aniversário da CGTP», «Informação e propaganda sindical» e «Campanha de sindicalização».



Manuel Lopes

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO MUNICÍPIO DE LISBOA

campo grande, 29, 1.º - 1700 lisboa · telefones 773448 e 761210

AO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
AO SENHOR MINISTRO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL
AO SENHOR MINISTRO DO PLANEAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

PRÉ-AVISO DE GREVE

O STML — Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa, com sede em Campo Grande, 29-1.º, 1700 LISBOA, promove nos dias 26 e 27 de Abril de 1990, das 0 horas do dia 26 às 24 horas do dia 27, uma GREVE que abrange os TÉCNICOS DE SERVIÇO SOCIAL, e que tem os seguintes objectivos:

— Pelo reconhecimento do grau de licenciatura
— Pela transição automática para a carreira Técnica Superior

Assim, ao abrigo do n.º 1 do art.º 2.º da Lei 65/77, de 26 de Agosto e nos termos do seu art.º 5.º, se comunica que os trabalhadores pertencentes à carreira de Técnicos de Serviço Social se deverão considerar em GREVE se outro motivo não declararem expressamente.

Lisboa, 17 de Abril de 1990

Pel'A Direcção
Ass. ilegível

GALERIA ALMADA NEGREIROS

Av. da República, 16 — 1094 LISBOA

ARTISTAS CALDENSES

ESCULTURA, PINTURA E DESENHO

DE 19 DE ABRIL A 18 DE MAIO

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

No tabaco está a virtude

O português Ruy Gonçalo de Vilas-Boas foi eleito conjuntamente com outros seis técnicos, Homem do Ano (1989) pela revista «Tobacco International», publicação dedicada à indústria do tabaco.

Nascido no Porto em 1939, Ruy Gonçalo de Valle Peixoto e Villas-Boas é licenciado em engenharia química e industrial, com tese sobre a química do tabaco.

Trabalhou nas empresas subsidiárias da Intar em Angola e Moçambique, tendo-se tornado, em 1974, gestor de produção da empresa.

Em, 1975 foi nomeado responsável pelo sector de pesquisa da Tabaqueira, sociedade com origem em várias empresas privadas do sector do tabaco.

ECONOMIA

Os comerciantes denunciam «anarquia reinante» e a situação «insustentável» do sector, marcada por greves, venda ambulante, cheques «carecas» e falta de apoio financeiro à modernização

Comércio de Lisboa revolta-se e ameaça autoridades

Os comerciantes de Lisboa lançam um «aviso solene» às autoridades e, se este «cartão amarelo» não bastar, ameaçam desde já ir mais longe, caso não vejam resolvidos alguns problemas que afectam a sua actividade e que, dizem, criam «uma situação insustentável». Vão mesmo mais longe ao afirmar: «É impossível viver com a anarquia reinante».

Esta posição foi divulgada pela União dos Comerciantes do Distrito de Lisboa, após reunião do seu Conselho de Presidentes.

Os comerciantes da capital queixam-se de prejuízos resultantes da demora na resolução de alguns conflitos laborais, em especial na Alfândega e nos transportes; da venda ambulante, «que se desenvolve de forma assustadora, sem regras e sem controlo»; do aumento constante dos cheques sem cobertura; e da falta de apoio à modernização do comércio.

«A situação tende a tornar-se insustentável e os comerciantes do distrito de Lisboa propõem-se reagir», diz a referida organização empresarial, que considera ser urgente «repor a legalidade».

Dando de barato que todos conhecem as consequências das greves na Alfândega e nos transportes, a União dos Comerciantes passa a referir que a venda ambulante «cria situações inadmissíveis»: a dificuldade de circulação devido a ocupação de passeios; a concorrência desleal à porta dos estabelecimentos por parte de quem não suporta os encargos da Segurança Social nem do fisco e não paga taxas, nem se preocupa sequer com a limpeza do local.

Comércio de Lisboa protesta contra «anarquia»

Por outro lado, considera que os cheques sem provisão proliferam e os comerciantes encontram-se entre os principais lesados sem que se preveja vir a existir por parte do Governo a necessária coragem política de criar mecanismos mais expeditos e mais punitivos.

Por outro lado, a modernização do comércio tarda. «Foi anunciado que viriam dinheiros da CEE para esse fim, mas os comerciantes ainda não podem servir-se deles.

Até agora só recebemos promessas do primeiro-ministro», afirma a União, que adianta estarem os comerciantes «a ficar impancientes».

Perante este quadro, considera que «o actual estado de coisas não pode manter-se», pelo que os comerciantes «vão reagir».

Para já com um alerta, «um aviso solene», na esperança de que as autoridades competentes «vençam a inércia em que caíram».

Depois, se isso não chegar, com «outras medidas que julgarem necessárias», de forma a garantirem o direito «ao bom exercício da sua actividade», no qual incluem os seus legítimos interesses e a defesa do consumidor.

BREVES

Inapa vai duplicar o seu capital

A Inapa vai aumentar o seu capital de 1,5 para três milhões de contos, por incorporação de reservas, «de forma a ser acompanhado o esforço de crescimento do grupo», o qual teve um lucro líquido de 1,25 milhões de contos em 1989.

Grupo Sonae apresenta o CascaiShoping

Foi ontem apresentado o CascaiShoping, novo centro comercial que está em construção na zona de Cascais, próximo do Autódromo do Estoril. Trata-se de mais um empreendimento do grupo Sonae, que conterá três grandes espaços comerciais (hipermercado Continente, Printemps e Conforama) e ainda 160 lojas, oito cinemas, área para restaurantes e uma outra para divertimentos, que inclui uma pista de gelo.

Marconi investe nos Açores

A Marconi vai concluir este ano nos Açores investimentos de 1,5 milhões de contos em telecomunicações, nomeadamente na digitalização de todo o tráfego de entradas e saídas e na criação, na ilha Terceira, de um centro de telecomunicações alternativo a São Miguel.

Sistel aumentou a facturação

A Sistel aumentou em 32 por cento a sua facturação de 1989, situando-a nos três milhões e 160 mil contos. Os resultados antes de impostos atingiu os 216 mil contos. Os meios libertos atingiram 585 mil contos e o *cash-flow* de exploração os 412 mil contos.

Grupo Orima cresce 28 por cento em 89

O grupo Orima facturou no ano passado cerca de 1,7 milhões de contos, o que significa um aumento de 28 por cento. Este grupo, actualmente constituído por apenas duas empresas, tem em vista reforçá-lo e alargar o seu âmbito.

Até alta costura o Japão compra

A casa de costura francesa de Jean-Louis Scherrer vai passar a ser controlada pelo grupo franco-japonês Hermès e Seibu.

Esta sociedade, constituída recentemente com 65 por cento de capital japonês e 35 por cento francês, detém 76,5 por cento do capital da Scherrer SA e da Scherrer Boutique. O conhecido costureiro J.L. Scherrer conserva 13,5 por cento, enquanto o grupo financeiro francês Worms fica com 10 por cento.

Scherrer que é o costureiro da rainha Nour da Jordânia e de Anne-Aymone Giscard d'Estaing, declarou, na semana passada em Paris, em conferência de imprensa, que não era um super-homem e que depois da intervenção cirúrgica a que se submeteu, sentiu necessidade de se aliar a outros.

Scherrer mantém o padrão clássico que criou, mas vai contratar um *manager* para dirigir o grupo, disse um representante da Seibu. Registe-se que o grupo Scherrer movimenta negócios no valor de 150 milhões de francos, tendo obtido, em 1988, benefícios de 1,6 milhões de dólares.

A grande parte das vendas sob licença efectuaram-se no Japão, país onde a Seibu tem o exclusivo de distribuição da Scherrer desde 1980.

«DL»/AFP

Polo Tecnológico avança em Lisboa

LNETI quer empresas no mesmo local a cooperarem entre si para produzirem inovação

A concentração num mesmo local de empresas que apostam no desenvolvimento da alta tecnologia, cooperando entre si, é o objectivo do Pólo Tecnológico de Lisboa, da iniciativa do LNETI - Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial.

De acordo com uma fonte ligada ao projecto, trata-se de conseguir «uma simbiose que produza inovação» e que, simultaneamente, possa «dar respostas ao Laboratório em campos de desenvolvimento e investigação tecnológica». Segundo a mesma fonte, o LNETI, ao construir junto de si um pólo tecnológico, está a dar corpo à criação de um parque tecnológico em Lisboa. «A ideia nasceu nos Estados Unidos, foi depois copiada pela Europa. Em Portugal pensou-se fazer um projecto deste tipo em 1984», explicou.

Para o efeito, o LNETI adquiriu em 1985 um terreno de 12 hectares no Campo do Lumiar, junto às suas instalações e, no ano passado, contratou uma empresa internacional de consultoria, a Tecnopole Service Development, para fazer um estudo sobre a realidade industrial portuguesa, sobretudo na área de Lisboa.

O relatório, agora concluído, foi ontem publicamente apresentado. As verbas para a implantação do projecto provêm do PIDDAC (Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central).

As empresas que pretendam instalar-se no Pólo Tecnológico poderão recorrer aos fundos do PEDIP, além de contarem com o apoio tecnológico do LNETI. No mês de Junho, o LNETI vai promover uma campanha de promoção do projecto, destinada a sensibilizar as empresas que, caso estejam interessadas, poderão apresentar a sua candidatura até finais de Julho.

Lusa

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

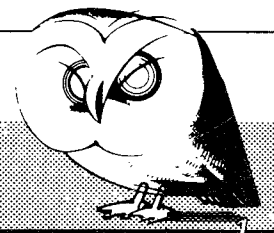
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$35	52$35
ALEMANHA FED. (marco)	87$70	88$90
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$048	4$298
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$10	128$60
(notas de 5 a 1000)	126$60	129$10
DINAMARCA (coroa)	23$00	23$40
ESPANHA (peseta)	1$346	1$466
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$45	150$95
(notas de 5 a 1000)	147$95	151$45
FINLÂNDIA (marka)	36$90	37$50
FRANÇA (franco)	26$10	26$80
HOLANDA (florim)	77$90	79$00
IRLANDA (libra)	236$00	240$00
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$880	$935
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	241$15	245$65
SUÉCIA (coroa)	24$10	24$60
SUÍÇA (franco)	98$70	100$20
VENEZUELA (bolívar)	2$631	3$431

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA



olhar de mocho

Lilás de sopeiras

Logo a seguir à guerra e persistindo durante quase toda a década de 50, a média burguesia urbana (deveria ser só a de Lisboa e do Porto já que Coimbra, de cidade ainda só tinha a terminação), chamava oficialmente às empregadas domésticas, «serviçais», mas o nome popular que até era lícito usar em família, pronunciava-se de outra maneira: «sopeiras». Qualquer família de média dimensão tinha a sua sopeira, e as mais abastadas permitiam-se ao luxo de exibir nos seus quadros de pessoal, duas ou três sopeiras. Como quase todas vinham da província e não sabiam ler nem escrever, as sopeiras gozavam do privilégio de serem enviadas, nos raros domingos de folga que o horário de trabalho concedia por ano, aos cinemas onde se exibiam filmes portugueses: os filmes eram falados em português, e isso era a condição necessária e suficiente para divertir as sopeiras - entendiam tudo o que se dizia, os filmes americanos legendados em português eram só para as classes altas que sabiam ler. E assim nasceu um género literário cinematográfico, único em toda a Europa - «filmes de sopeiras». Tanto dava que o filme fosse drama ou comédia, «Frei Luís de Sousa» ou «Leão da Estrela», as sopeiras viam na pantalha pessoas a falar e entendiam tudo.

«O Querido Lilás» ontem exibido no 2, em certa medida, ressuscitou o género literário. No filme, os normais critérios de análise de um produto cinematográfico, nada contam e para nada servem: nem a ficção, nem o enredo, nem os actores, nem a fotografia. Só uma coisa vale: é falado em português e num português que já não tem de se aperaltar para passar entre as malhas da censura prévia: português brejeiro. Se ainda existissem sopeiras e se a televisão pejada de novelas brasileiras ainda não tivesse ocupado o espaço de lazer destinado às empregadas domésticas, o «Lilás» deveria ser cumulado de elogios: produto nacional para a ocupação dos tempos livres dos analfabetos, o melhor que em Portugal se produziu sobre o pior que existe em Portugal, um *made in Portugal* onde nada há para entender, quem não rir é estúpido e como ninguém gosta de enfiar carapuças dessas, todos devem rir.

Mas há ainda um outro aspecto que tem a ver com a perspectiva da programação televisiva. Como no dia anterior, segunda-feira, terminou em beleza e glória, beleza e glória porque terminou, finalmente, o «Casino Royal» e o Herman José é comum aos dois, ao «Lilás» das sopeiras e ao «Casino» das neo-sopeiras democráticas e já não analfabetas, fica a impressão de que as duas peças, o filme e a série televisiva, formam um todo só, primeira e segunda parte, reverso e anverso da mesma medalha. Financeiramente até pode ser útil: o «Casino» ajudará a vender o «Lilás». E como não consta que os filmes de sopeiras tenham acabado, fica a esperança para um oscarzito para o melhor filme de sopeiras nacionais. Esse oscarzito será, se vier, inteiramente merecido.

José Sousa Monteiro

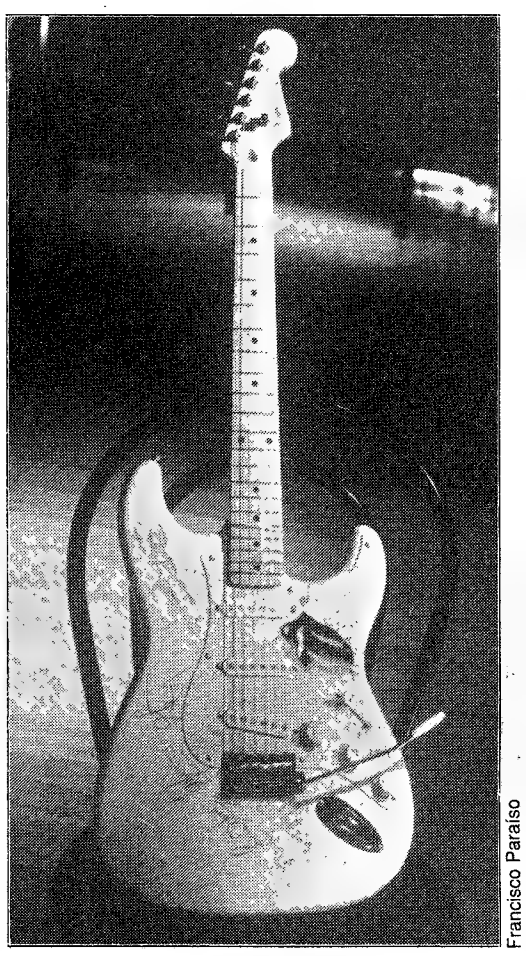
Sem o falado concerto, em Portugal, confirmado, Rolling Stones, com um vídeo e uma guitarra assinada, voltam a ser notícia

Com o tempo do seu lado

Uma guitarra Fender autografada pelos cinco elementos, quase lendários, dos Rolling Stones, vai ser levada a leilão. O beneficiário da iniciativa será o Centro Infantil Hellen Keller, de Lisboa. O acto, que decorrerá durante Maio, terminará numa sessão a 4 de Junho no palácio do Correio-Mor. A ideia, que tem como organizadores a CBS e a Rádio Comercial, concretizou-se por ter *caído nas boas graças* de Mick Jagger. Com o pretexto de mostrar a *preciosa* guitarra aos possíveis licitadores e ao público em geral, ontem, no Loucuras, os responsáveis por esta iniciativa reuniram admiradores da banda rock inglesa, para o visionamento de um vídeo sobre os 25 anos da carreira do grupo, completados em 89.

Se a curiosidade de ver de perto as assinaturas dos músicos era grande, sem dúvida que ver, em ecrã gigante e na íntegra, "25x5 - The Continuing Adventures of the Rolling Stones", foi o prato forte deste encontro.

As dúvidas, que eventualmente pudessem existir, sobre a sobrevivência da qualidade da produção musical do grupo foram afastadas. Durante 130 minutos, este vídeo permitiu aos presentes acompanhar o crescimento e precalços, alguns dramáticos, da vida dos Rolling Stones, oferecendo, ao mesmo tempo, a possibilidade de o fazer através dos temas e concertos por si realizados, durante duas décadas e meia de actividade profissional. Como uma viagem no tempo, são-nos mostrados excertos dos primeiros concertos, conferências de Imprensa, *tournées* internacionais dos Rolling Stones e o crescer de uma quase idolatria por si suscitada, de 1964 até 1989. Para que "25x5" não se resumisse a uma mera sucessão de documentos de filmoteca, estes são encadeados com comentários e confissões, actuais, dos elementos fundadores do grupo. Entre muitas coisas importantes, pelos músicos afirmadas ao longo dos tempos, são, contudo, as mais intímas que ficam na memória. São elas que nos dão o lado humano e sensível destes quarentões quase míticos e irreais. Se na altura da morte de Brian Jones os fãs do grupo terão tido um choque, os seus companheiros, contando-nos hoje como a viveram, fazem senti-la com outra dimensão - a da perda de um amigo. Muito mais eficiente do que qualquer campanha anti-dependência é a forma como Keith Richards relata a sua dolorosa experiência de viciado em heroína, que o chegou a levar à cadeia e o fez sentir à beira do vazio sem regresso. Ou ainda como, de forma mais ou menos explícita, falam da instabilidade afectiva provocada por uma vintena de anos *de estrada* e uma vida intensamente vivida. Hoje, com quarenta e alguns anos, sem a correria anterior de inúmeros concertos, quase todos recentemente casados, afirmam acreditar que na família encontram o equilíbrio, recuperam energias e conquistam tranquilidade. Não se trata de arrumar as botas ou calçar pantufas, porque ouvindo-os falar sobre o que os rodeia, sobre si próprios e o grupo, observando e escutando os seus concertos e a sua atitude, encontra-se, forçosamente, maturidade, mas, acima de tudo, uma grande coerência, de grupo e indivual, ao longo destes vinte e cinco anos.



Francisco Paraíso

Uma *preciosa* Fender, autógrafada pelos Rolling Stones, em Portugal, desde ontem, à espera de licitações

Relativamente à parte musical deste vídeo, até porque o critério de escolha dos temas que o integram é impecável - só o melhor -, podemos afirmar que tudo está na mesma: energia, revolta, criatividade e qualidade. Fazendo-nos sonhar com a possibilidade de assistir, este ano, a um concerto dos Rolling Stones, em Portugal. Curiosa também a evolução dos métodos de trabalho do grupo ao longo dos anos. Hoje, em locais partadisíacos como as Caraíbas, aproveitam o estúdio e rentabilizam o seu trabalho, gravando os instrumentais de base em simultâneo. Não perdem desnecessariamente tempo. Talvez este o segredo da sua união e juventude.

Os Rolling Stones obrigam o tempo, mesmo que ele não queira, como dizem na canção antiga, a estar do lado deles. Ah, isso é que está!

Maria José Belo Marques

Como vamos de realizações musicais, de língua portuguesa, em terra lusa?

Um termómetro musical

Desde o início do ano, e depois das normais edições discográficas para o Natal, se os concertos e trabalhos em vinil, de língua portuguesa, realizados entre nós, fossem medidos com um termómetro, poderíamos afirmar que a temperatura é baixa.

Discos de música moderna portuguesa há a registar, como o mostra, no período de quatro meses: Trabalhadores do Comércio; Telavive; V12, Colectânea Ama Romanta; Peste & Sida. Podendo-se avaliar, nesta área, a actividade editorial através de um feliz regresso da banda nortenha de Sérgio Castro, com um disco da sua responsabilidade e distribuído por uma multinacional - «Sermões a todo o Rebanho»». Ainda por um atribulado álbum de um grupo sempre em convulsão, com várias entradas e saídas de elementos - os Telavive, de título «Nuances», obviamente sofrendo a música com a falta de estabilidade do grupo. E também a estreia dos V12, não tão brilhante quanto se esperava pelas suas actuações ao vivo. Apesar de competente (sempre!) produção de Emanuel Ramalho, o grupo de speed metal podia trer feito melhor.

E de novo, prosseguindo o seu plano contratual com o álbum, dos Peste & Sida. Este trabalho não carece de comentários. O nome escolhido pelo grupo diz tudo: «Peste & Sida é que é» - et voilá! nus e crus, mostrando a sua verdadeira cara.

Por fim, mas não por último em importância, ou a compilação de um tema de cada um dos discos apresentados a público, em 89, pela editora independente de João Peste - Ana Romanta - que mais uma vez não deixou o seu rótulo de qualidade por mãos alheias.

Dos PALOP, para já, enquanto não temos a surpresa guineense Issabary em disco previsto para este ano, três belíssimos trabalhos: dois dos Tubarões, o grupo cabo-verdiano que este ano completou 21 anos de carreira e um de Waldemar Bastos - Anhola Minha Namorada.

Entre os concertos de artistas de língua portuguesa, em Portugal, os equívocos de Adelaide Ferreira, na Damaia, e Bonga, no Coliseu: o espectáculo de qualidade de Elba Ramalho e de Zezé de Nha Rinalda, de Cabo Verde, na Amadora.

O termómetro promete subir nos próximos dias 30 e 1.º de Maio os GNR «ocupam» o Coliseu para gravação de um álbum ao vivo. Para os meses seguintes estão previstos os últimos trabalhos em vinil e CD dos Madredeus e os «Gritos Mudos», dos Xutos & Pontapés. A Câmara Municipal de Lisboa promete segundo rumores à espera de confirmação ou desmentido, concertos na cidade com nomes importantes de áquem e além-mar. E dar apoio à organização do concurso de música moderna portuguesa, ameaçado com o encerramento do Rock Rendez-Vous.

As perspectivas são sorridentes, assim se concretizem, para ver se o ano de 90 faz esquecer o passado, que não fez subir o termómetro a temperaturas positivas.

M.J.B.M.

DISCOS

Um engenheiro de som australiano, coleccionador de velhos discos de 78 rpm, resolveu digitalizar tudo o que tinha na estante, fabricar um estéreo falso como Judas e, julgando preservar uma fatia da história da música em risco de perda, acabou por suscitar algumas sérias dúvidas. A BBC editou as consequências

Uma história de inverdades

As edições discográficas também têm as suas histórias de fundo. Podia-se começar esta prosa informando o leitor de que no fim da tarde de ontem a Dargil apresentou no cenário apropriado do Hot Clube, em Lisboa, o seu mais recente catálogo de importação, com os préstimos de um par de críticos da nossa praça, Raul Vaz Bernardo e José Duarte, especialistas nas velhas histórias do jazz e da música ligeira americana. Mas sobre as duas colecções assim publicitadas, «The Classic Years» e «Jazz Classics in Digital Stereo», é possível recuar um pouco mais, ir ao que propriamente interessa e contar que para o caso uma figura presente teve grande importância, um australiano, engenheiro de som: Robert Parker.

Parker juntou discos de 78 rotações desde os 12 anos, velhas preciosidades com mais-valias de importância não obstante a infelicidade de soarem um pouco como os ovos estrelados na frigideira ou de o mono de outras épocas se adequar mal aos decibéis que fomos somando nas aparelhagens *hi-fi*.. O espírito de documentalista acrescentou-o esta nossa personagem às novidades tecnológicas e aos truques de estúdio entretanto possibilitados. Assim como o *compact-disc* justificou a adaptação sonora dos clássicos do jazz e das antigas e grandes interpretações sinfónicas, reintroduzindo no mercado o que já estava esgotado e vestindo o velho com a roupagem da novidade, a *digitalização* implicada pelo novo suporte alterou processualmente a própria ideia que hoje temos da história da música.

Basta escutar alguns dos volumes agora postos em circulação pela Dargil, a importadora de serviço destas colecções com etiqueta BBC. Aquele que é dedicado ao Bing Crosby do período entre 1927 e 1934, quando mal ainda tinha iniciado a sua carreira cinematográfica e portanto a sua fama, dá-nos muito transparentemente a proporção das coisas: o disco ouve-se muito bem, os picos são quase nulos, mas há algo que não parece muito certo. Para simular a qualidade *stereo* anunciada na capa, o técnico australiano desviou a voz de Crosby do conjunto sonoro para um canal e deixou os instrumentos no outro. É o chamado «falso estéreo».

O procedimento parece simplista em demasia, e cada um de nós pode consegui-lo em casa, no seu próprio *deck*, sem grandes sofisticações. E aqui, quem atenta nos resultados hesita entre duvidar das efectivas capacidades dos sistemas digitais de tratamento de som e pensar que Robert Parker não foi muito bem sucedido neste seu projecto. A questão, porém, não é de tão evidente contorno: tenha-se em conta que neste trabalho de engenheiro «mas também de musicólogo», como a Imprensa especializada internacional já o classificou, Parker não teve acesso às matrizes das obras que foi coleccionando e tão somente ao objecto disco ele-mesmo.

Percebendo que não houve uma operação semelhante à que foi feita aos solos de Charlie Parker «tratados» para inclusão na banda sonora do filme «Bird», de Tavernier, a limpidez com que ouvimos estas recolhas é de facto extraordinária.

Mas neste ponto, outra dúvida nos pode assaltar. Retirar os picos e o estrelado a um registo exposto num velho suporte de vinil tem alguma coisa a ver com a tecnologia digital estéreo, como transparece do *marketing* destas edições? Estranho, pois julgávamos que bastava uma boa filtragem. Mas não, não nos enganamos, a ciência acústica é invocada nas notas de capa, e nestes termos - «Robert Parker desenvolveu nos últimos trinta anos um sistema único para extrair dos discos de 78 rpm um som estéreo de alta qualidade». A maquinaria usada tem um nome: é um Sony PCMF1 Digital Processor.

Vamos a outro exemplo da «golden age» contemplado pela BBC no seu propósito de mostrar *«how the great jazzmen really sounded»* e que é particularmente conseguido: um conjunto de dezasseis temas do pianista e regente de *dixieland* Clarence Williams, tal como no caso de Crosby mediados de 1927 a 1934.

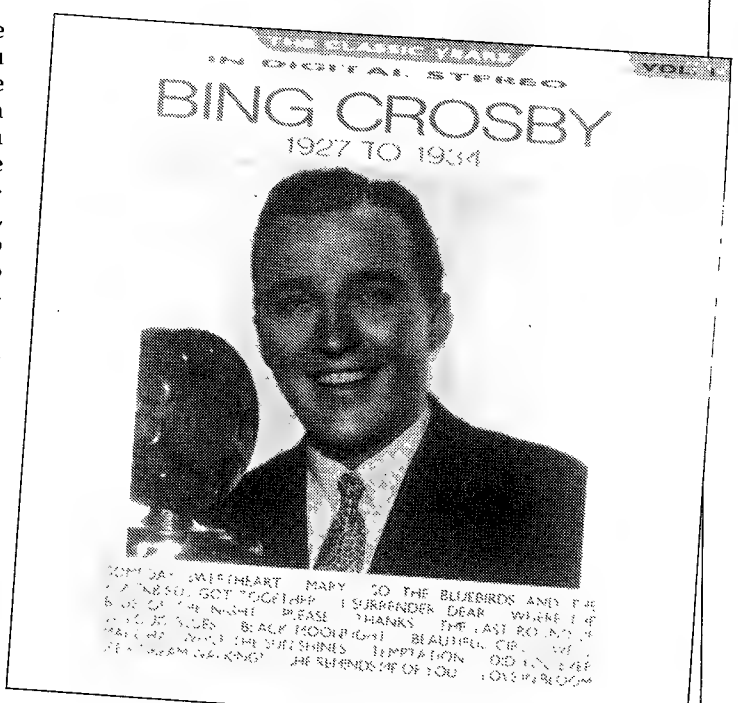
Os instrumentos soam distintamente e nunca como antes, e apercebemo-nos de certos registos a que nesses tempos os aparelhos eram insensíveis. Este é o lado positivo, porque há outro que nos parece exactamente o contrário: mais uma vez se nota que a artificialização do estéreo resulta afinal num truque inadmissível. À medida que os solos se sucedem, os intervenientes entram ou saem de cena, os naipes se organizam e manifestam, há em torno da música como que uma aura sonora, uma bolha de modulação, aura ou bolha essas que constante e irritantemente se «adaptam» às mudanças, abrindo ou fechando, incidindo ou alargando, tentanto a todo o custo equalizar o que obviamente não é equalizável. Há fins que não justificam os meios.

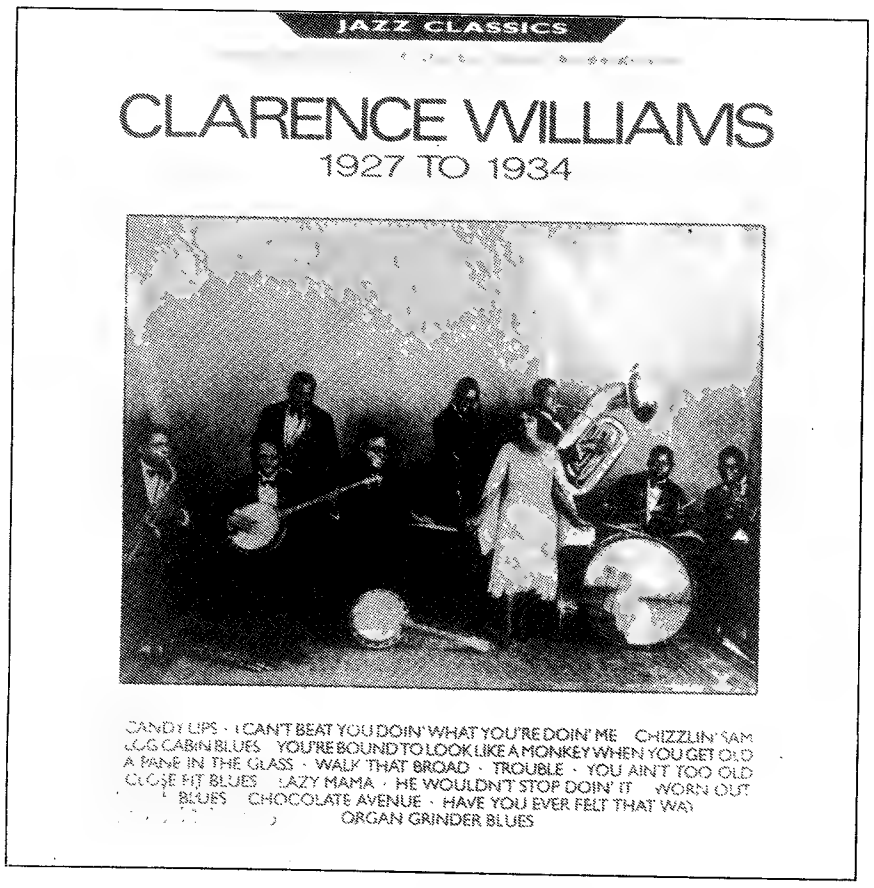
Tudo isto, que se repete na colectânea dedicada aos exilados de New Orleans que assentaram base em Chicago (nomeadamente Jelly-Roll Morton, King Oliver, Louis Armstrong, Bix Beiderbecke, Eddie Condon, Junee Cobb, Eddie South, Johnny Dodds e outros tantos), no disco que inclui as «*great original performances*» de Fats Waller, com o bónus de aqui o ouvirmos a tocar órgão de tubos, ou ainda no apanhado de vozes operáticas do lendário Caruso à diva Tetrazzini, passando pela fabulosa Amelita Galli-Curci, de 1904 a 1935, é razão suficiente para outras reflexões e considerandos de fundo. Até que ponto as contemporâneas exigências ao nível da performatividade audio, com todas as suas vantagens, os deslumbres provocados pelas redescobertas e o mais, são desculpa para a inverdade?

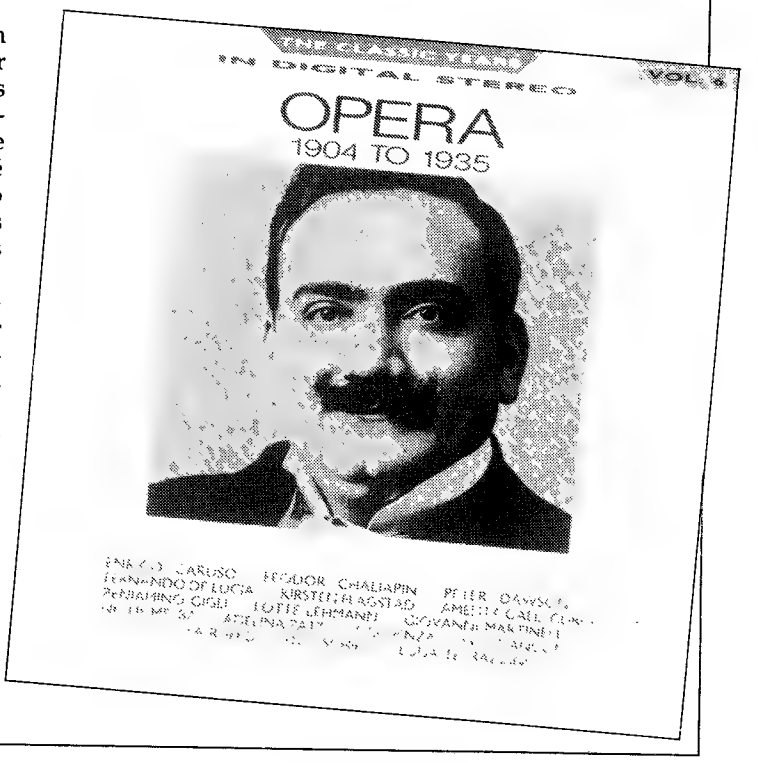
Robert Parker disse que ao desenvolver o seu projecto de digitalização dos clássicos procurou nunca mexer na música em si, e se tal posição só o honra, pela assunção de uma perspectiva acima de tudo preservadora, talvez não tenha sabido evitar de todo a falsificação da realidade musical histórica. Poderíamos até sublinhar o direito que temos de não ouvir a velha música como se tivesse sido gravada em estúdio ontem, mas a questão nem precisa passar por aí: as canções e as composições de «Jazz Classics in Digital Stereo» e «The Classic Years» perderam *patine* , iludem a história no desrespeito pelos seus envolvimentos e circunstancialismos, receberam uma conotação póstuma que se sobrepôs à inicial, e viram a sua autenticidade destituída.

É certo que assim ficamos a conhecer melhor os músicos que tanto costumamos referir e citar, o que é óptimo, mas não chega. Digamos mesmo que as imperfeições do trabalho desenvolvido por Parker servem para garantir que estas duas produções disponham ainda de uma medida humana. O estéreo digital puro, partindo dos tão limitados vinis de 78 rotações, se fosse realizável seria uma monstruosidade.

Rui Eduardo Paes







BREVES

Manoel de Oliveira na Selecção Oficial do Festival de Cannes

«Non, ou a Vã Glória de Mandar», o mais recente filme de Manoel de Oliveira, acaba de ser escolhido para a Selecção Oficial do Festival de Cinema de Cannes, que decorrerá entre 10 e 21 de Maio próximo.

Depois de «Le Soulier de Satin» e «Os Canibais», esta é a terceira vez que Manoel de Oliveira estará presente na Selecção Oficial de Cannes, o mais importante e prestigiado festival internacional de cinema, e este ano ao lado de nomes como Federico Fellini e Akira Kurosawa.

Produzido por Paulo Branco, «Non, ou a Vã Glória de Mandar» conta com interpretações de Luís Miguel Cintra, Diogo Dória, Miguel Guilherme, Luís Lucas, Carlos Gomes, António S. Lopes, Mateus Lorena, Lola Forner, Raul Freire e ainda Rui de Carvalho, Teresa Meneses e Leonor Silveira.

A acção do filme tem início durante a guerra colonial, entre um grupo de militares em que se destaca o alferes Cabrita, antigo licenciado em História, que durante uma acção militar é gravemente ferido. É ele que evoca, primeiro em conversa com alguns dos seus homens, e depois de ferido, em sonhos, algumas das batalhas mais célebres da história de Portugal.

Morreu a escritora Anne Philipe

A jornalista e escritora francesa Ane Philipe, viúva de Gérard Philipe, faleceu na noite de domingo para segunda-feira, vítima de uma hemorragia cerebral, anunciaram hoje, em Paris, parentes próximos.

Anne Philipe, étnologa, jornalista e escritora, era pouco conhecida do grande público, devido a uma descrição voluntária que a acompanhou durante toda a vida.

Gillespie parte mais cedo

O músico de «jazz» norte-americano Dizzy Gillespie que se encontrava em Portugal para rodar o filme «O Inverno em Lisboa» voltará mais cedo aos Estados Unidos, revelou ontem ao «DL» o produtor executivo Tino Navarro. Assim, Dizzy partirá hoje e não amanhã, conforme fora anunciado aos jornalistas. Este imprevisto obrigou a equipa técnica a trabalhar mais intensivamente nos últimos dias.

«Lisboa e a expansão marítima»

A pasta didáctica «Lisboa e a expansão marítima - séculos XV e XVI» dedicada ao 3º ciclo do Ensino Básico foi apresentada ontem à tarde na Casa dos Bicos.

Incluída no conjunto de iniciativas desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, esta pasta é constituída por uma colecção de diapositivos, por textos referentes às vantagens didácticas da visita de estudo, à sociedade lisboeta de quinhentos e a cada um dos locais, cuja visita é aconselhada: porto de Lisboa, mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, Museu Nacional de Arte Antiga e o Jardim-Museu Agrícola Tropical. De referir que os materiais contidos na pasta procuram estimular o espiríto crítico de alunos e professores.

Câmara Municipal de Almada comemora 25 de Abril

A Câmara Municipal de Almada festeja o décimo sexto aniversário do 25 de Abril com um diversificado programa cultural a iniciar no próximo dia 23, com um espectáculo intitulado «25 de Abril, o Tempo dos Poetas». Terá lugar às 21 e 30 na Academia Almadense. No dia 24, Vitorino, Janita Salomé, Pedro Caldeira Cabral e a Banda Africana do Ritz actuarão à mesma hora na Praça São João Baptista. No dia 25, às 10 horas da manhã, terá lugar uma cerimónia de homenagem às vítimas do regime fascista.

Falar de Cinema

A página de ontem Falar de Cinema não surgiu assinada. Tratava-se, como os leitores terão subentendido, mas não justifica o lapso, de textos da autoria de Lauro António. Ao nosso crítico e aos nossos leitores as nossas desculpas.

O secretário de Estado da Cultura presidiu ontem à tarde no Palácio da Ajuda, à oficialização de «Europália» que, entre Setembro e Dezembro de 1991, será protagonizada pela história e a cultura portuguesa, na capital belga, graças a financiamentos privados

A cultura como promoção

O comissário português para a «Europália-91», Rui Vilar, definiu, no decorrer da assinatura da Convenção, as linhas dominantes da concepção e preparação deste festival: dar a conhecer a riqueza humana de um país com oito séculos de história; evidenciar as raízes europeias da cultura portuguesa; salientar o papel universalista de Portugal, como portador dos valores da cultura europeia nos seus contactos com outras civilizações; mostrar diferentes modos como a acção dos portugueses permitiu incorporar influências de outras culturas e trazê-las até à Europa; revelar as potencialidades de Portugal, como país jovem apostado em participar activamente na construção europeia.

Presidida pelo secretário de Estado da Cultura, a cerimónia reúniu a vice-comissária, Fátima Ramos, o Barão Staerck, comissário-geral para a «Europália-91 Portugal» e Jean Godeaux, presidente da Fundação Europália Internacional, e ex-governador do Banco da Bélgica.

Tendo por origem remota a Exposição Universal de Bruxelas, de 1958, a «Europália» é um festival bienal de artes e cultura promovido por entidades belgas, desde 1969, que se realiza durante três meses, em Bruxelas e noutras cidades belgas, tendo por objectivo apresentar a cultura de um país, nos seus múltiplos aspectos.

Depois de se terem apresentado sucessivamente a Itália, a Holanda, a Grã-Bertanha, França, a RFA, a Bélgica, a Grécia, a Espanha e a Áustria, em 1989 a «Europália» abriu as portas a um país não europeu, o Japão, "o que lhe contribuiu para lhe conferir uma dimensão mais universalista", segundo afirma o comissariado.

Ainda no decorrer da cerimónia de assinatura da Convenção, que ontem teve lugar no Palácio da Ajuda, o comissário-geral, Rui Vilar, afirmou que "a «Europália» vai justificar e permitir o lançamento de trabalhos de investigação, a realização de encomendas a artistas e criadores, tal como irá contribuir para a protecção do nosso património, na medida em que vai obrigar a restauros e recuperação de muitas peças".

Francisco Paraíso

Rui Vilar, comissário da «Europália-91 Portugal», discursa na cerimónia de oficialização da Convenção

O comissariado português, que conta com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e em particular com o da representação diplomática portuguesa na Bélgica, distribui-se por quatro directores responsáveis pelas seguintes áreas sectoriais: exposições, Simoneta da Luz Afonso; literatura e teatro, Eduardo Prado Coelho; música e bailado, José Ribeiro da Fonte; cinema, rádio, televisão e acções de animação, Miguel Lobo Antunes.

Luísa Clode, directora do Museu de Arte Sacra da Madeira, e Francisco de Oliveira Martins, inventarista de Património Cultural da Direcção Regional dos Assuntos Culturais, são os elementos designados pelos governos das Regiões Autónomas.

Na área das exposições foi contemplada toda a arte portuguesa desde o período medieval ao contemporâneo. A Manuel Castro Caldas, da Fundação Luso-Americana, coube a tarefa de organizar a exposição de arte contemporânea. Pedro Dias, da Universidade de Coimbra, prepara o núcleo de arte manuelina. O volume de peças a apresentar, quase todas provenientes do Museu Nacional de Arte Antiga, poderão levar ao encerramento do museu no período em que decorre a «Europália», Setembro a Dezembro, de 1991.

Contando com uma dotação do Orçamento de Estado destinada, essencialmente, a assegurar as despesas de funcionamento e os necessários restauros, a «Europália Portugal», à semelhança das anteriores, deverá basear-se, em larga medida, em financiamentos privados, isto é, no recurso ao mecenato. As empresas portuguesas terão uma oportunidade privilegiada (na «Europália», de 85 e 87, registou-se milhão e meio de visitantes) para se promoverem na tribuna europeia. A coordenação da acção de mecenato cultural está a cargo de Adelaide Rocha.

O comissário-geral da «Europália Portugal», Rui Vilar, a terminar o discurso da assinatura da Convenção, afirmou que "um acontecimento como a «Europália» realizado nas vésperas da presidência portuguesa das Comunidades Europeias e da data simbólica da concretização dos objectivos do Acto Único Europeu é uma oportunidade única em termos políticos, económicos e culturais".

Jorge Fallorca

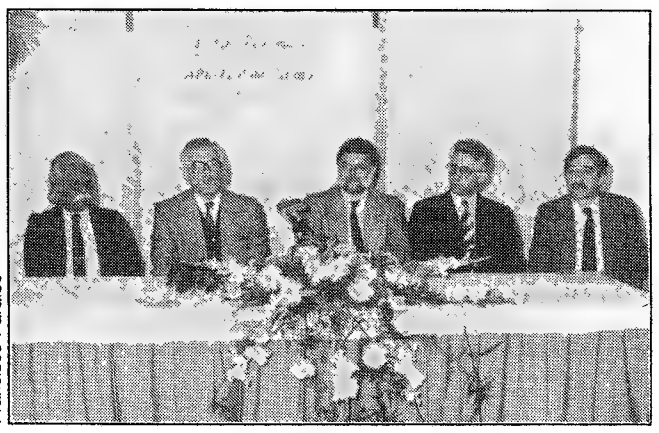
Grande Prémio de Ensaio da APE já este ano

O 1º Grande Prémio de Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores, no valor de mil contos, será ainda este ano atribuído pela primeira vez, destinando-se a galardoar um livro publicado integralmente e em primeira edição, nos anos de 1988-89.

O presidente da APE, Fausto Lopo de Carvalho, em conferência de Imprensa efectuada ao fim da tarde de ontem, começou por se referir às dificuldades com que se tem confrontado aquela associação, as quais têm sido resolvidas, em grande parte, com os apoios de diversas entidades, apontando o caso dos Telefones de Lisboa e Porto, que patrocinam, em regime de exlusividade, o grande prémio agora instituído.

Foram adiantadas algumas razões para a criação do terceiro Grande Prémio APE, que vem na sequência dos dois existentes, relativos ao romance e novela e à poesia.

Com efeito, não havendo tantos ensaístas como poetas e romancistas, existe no entanto em Portugal um trabalho importante na área do Ensaio, cujo mérito deve ser reconhecido e estimulado. Por isso a direcção da APE resolveu criar o novo prémio, para o que obteve a boa cooperação dos TLP.



Francisco Paraíso

Fausto Lopo de Carvalho anuncia o novo grande prémio, acompanhado por dois representantes dos TLP e ainda por Orlando Costa e Correia Tavares, também da direcção da APE

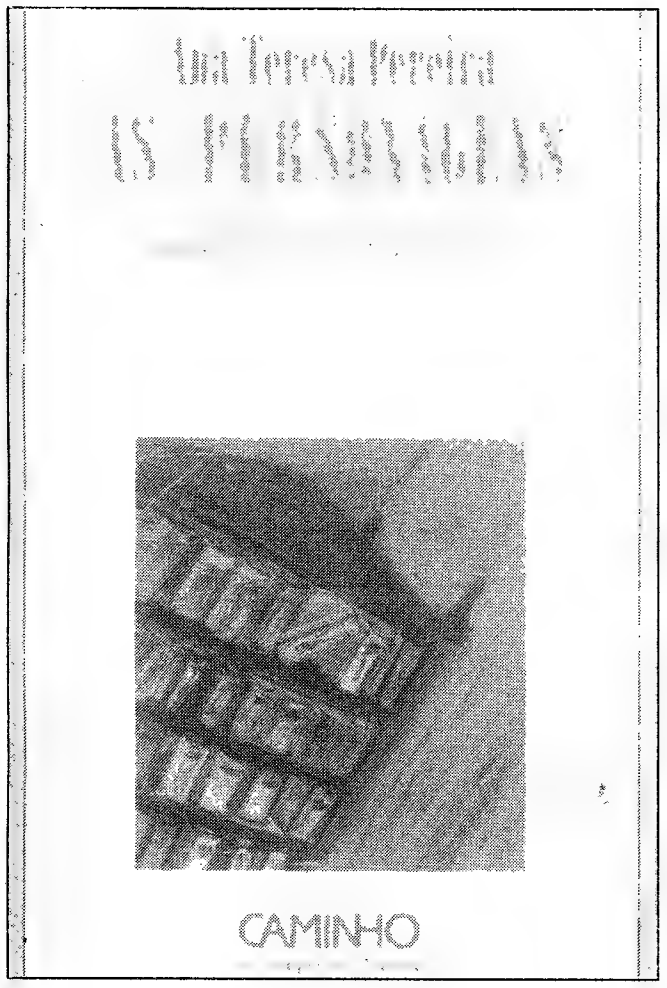
Atendendo à menor quantidade de ensaios publicados anualmente em relação à poesia e à ficção, o Grande Prémio de Ensaio será atribuído de dois em dois anos (a um único livro e não ao eventual conjunto da obra do respectivo autor), sendo admitidos a concurso ensaios literários em português e de autores portugueses.

Para além do presidente da APE, falou também o administrador dos TLP, Melo Franco, que sublinhou o interesse que esta empresa sempre tem dedicado a iniciativas de índole cultural, recordando que o Grande Prémio da Poesia, atribuído a Eugénio de Andrade, foi igualmente possível graças ao patrocínio dos CTT/TLP, empresa que entretanto se desdobraria.

«As Personagens» de Ana Teresa Pereira

Matar o artifício

LIVRO ABERTO



Ana Teresa Pereira, em 1989, ganhou, com o romance «Matar a Imagem», o Prémio Caminho de Literatura Policial (título, confessemos desde já, que não tivemos oportunidade de ler) - e de imediato a crítica oficial (e não só) afirmou que tinha emergido «subitamente nas nosas letras» uma escritora «com um ímpeto pouco comum», revelando «uma habilidade extrema e um talento já amadurecido», de «grande, muito grande bom gosto». Surge-nos agora a autora, através da mesma casa, com a obra «As Personagens», que, segundo dados insertos na contracapa, a Associação Portuguesa de Escritores, naquele mesmo ano, havia recomendado para publicação. Um início de carreira, por conseguinte, promissor...

A fim de nos pronunciarmos, com toda a consciência, sobre «As Personagens» (que neste momento nos assediam), falta-nos, quanto a nós, um dado indispensável: a leitura, precisamente, de «Matar a Imagem». Que a escritora e os leitores nos perdoem a ausência desse dado - e, reconhecendo em nós essa falha, avancemos, passo a passo, na interpretação do novo título que nos oferece Ana Teresa Pereira.

Não nos encontramos, não, abismados por «As Personagens», embora reconheçamos à autora virtualidades, imaginação criativa e (na maioria das páginas) um estilo seco e preciso. Tudo nos é endereçado muito a descoberto (o que, em certa medida, é um propósito assumido), mas tão e tanto que o leitor, por vezes, se sente vazio, seguindo labirintos de cujas saídas se apercebe com antecipação. Estamos, na medida do possível, perante *essências*, isto é, perante o que precede a *existência* - e, porque assim, não raro nos vemos a acompanhar uma geometria fina e fria (as deambulações das *personagens* antes de serem *pessoas*), que, embora nos pondo problemas, nos tolhe a emoção, ou por outras palavras, nos embacia a alma do leitor que somos.

Um certo vazio

Dir-se-ia que, à semelhança de Heidegger em «Ser e Tempo», obra em que o filósofo se lamenta de o *ser* (a existência) ter caído no esquecimento há milhares de anos, Ana Teresa Pereira igualmente busca esse mesmo *ser* das coisas e das pessoas, para tal utilizando, como acima já escrevemos, as personagens como *essências*. Por mero acaso ou não, não deixa semelhante processo de ser aliciante - mas a obra máxima de um filósofo é a obra máxima de um filósofo e a eventual transposição dessa obra em *grandeza* para a medida sempre *curta* do romanesco (medida aqui utilizada sem carácter pejorativo) deixa o leitor, como dissemos mais acima, a vogar em espaços vazios, interligados (não vamos citar numericamente páginas de «As Personagens») por expressões-muletas como, por exemplo, «acendeu um cigarro», «encolheu os ombros», «teve um sorriso», etc. Em termos breves: subsiste a geometria das *essências*, e de maneira nenhuma o aroma acre e doce da *existência*... Tenta-se «ver» a essência das coisas em vez de as experienciar com pleno empenhamento existencial e paciência - como notou (e bem) um dos estudiosos de Heidegger (George Steiner).

No entanto...

Evidentemente que nada nos pode afirmar que Ana Teresa Pereira teve o intuito de buscar o *ser* como Heidegger o buscou - mas a verdade é que as *personagens* que a autora nos apresenta, por vezes de maneira repetitiva, não nos dão aquele travejamento (que podemos adjectivar de esboço) que irrompe (alguns exemplos clássicos, isentos de ordem cronológica) nas páginas de «O Vermelho e o Preto» (Sthendal), «O Idiota» (Dostoievski), «A Montanha Mágica» (Thomas Mann), «Guerra e Paz» (Tolstoi), «Jean Christophe» (Romain Roland), «O Primo Bazílio» (Eça de Queiroz), «Amor de Perdição» (Camilo Castelo Branco), «Menina e Moça» (Bernardim Ribeiro) - e por aqui (com lapsos) nos fiquemos...

Será que pretendemos dizer que «As Personagens» não merecem leitura? De maneira nenhuma - e bastaria o primeiro conto (do qual o livro tira o título) para creditar Ana Teresa Pereira como escritora que desde já se anuncia. Como leitor, só um reparo (reparo que vem sendo exposto, aliás, ao longo destas linhas) lhe fazemos: que mergulhe na existência, fora de quaisquer exercícios de estilo, e nos ofereça um título que, pela carne e pelo espírito, se torne num ponto de referência na moderna literatura portuguesa. Em resumo: que «mate a imagem» de um certo artificialismo que por agora ainda se detecta nas páginas de «As Personagens». - Capa de Rui S. Romão.

Pedro Alvim

A Harpa de Ervas

Quando é que pela primeira vez ouvi falar da harpa de ervas? Muito antes do Outono em que nos instalámos na árvore da China. Portanto, num Outono anterior. E foi com certeza Dolly quem mod disse; mais ninguém seria capaz de dar esta designação: uma harpa de ervas.

Saindo da cidade pelo caminho da igreja, depressa se alcança o outeiro de lousas brancas como ossos e de flores bronzeadas: é o cemitério baptista. Está ali enterrada a nossa gente: os Talbos, os Fenwicks. Minha mãe jaz perto de meu pai, e as sepulturas dos parentes, vinte ou mais, espalham-se em volta como raízes estendidas de uma árvore petrificada. Abaixo da colina existe um campo de certa planta índia que muda de cor com as estações: ide vê-la nos fins de Setembro, quando se apresenta rubra como um pôr do Sol, e as sombras escarlates, semelhantes a labaredas, oscilam sobre ela, e os ventos outonais sopram nas folhas secas entoando música de suspiros humanos: uma harpa de vozes.

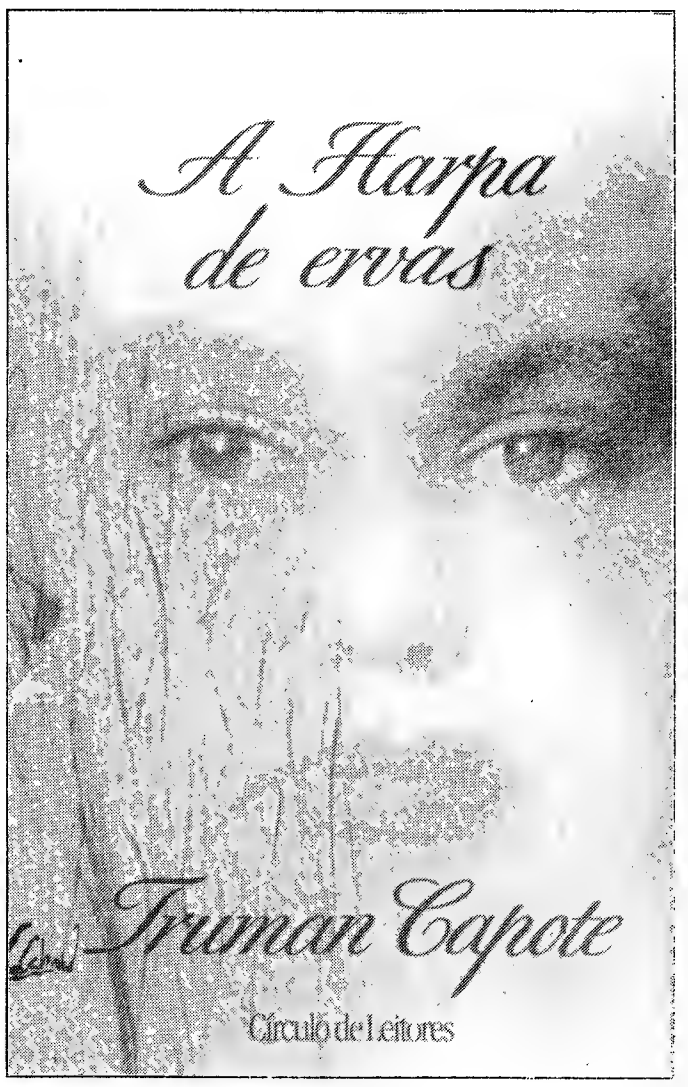
No extremo do campo principia o negrume de River Woods. Devia ter sido num desses dias de Setembro, quando lá nos encontrávamos a colher raízes, que Dolly observou: «Ouves? É a harpa de ervas, sempre a contar histórias: conhece a de cada pessoa da colina, de todos quantos aqui viveram e, depois de morrermos, contará também a nossa.»

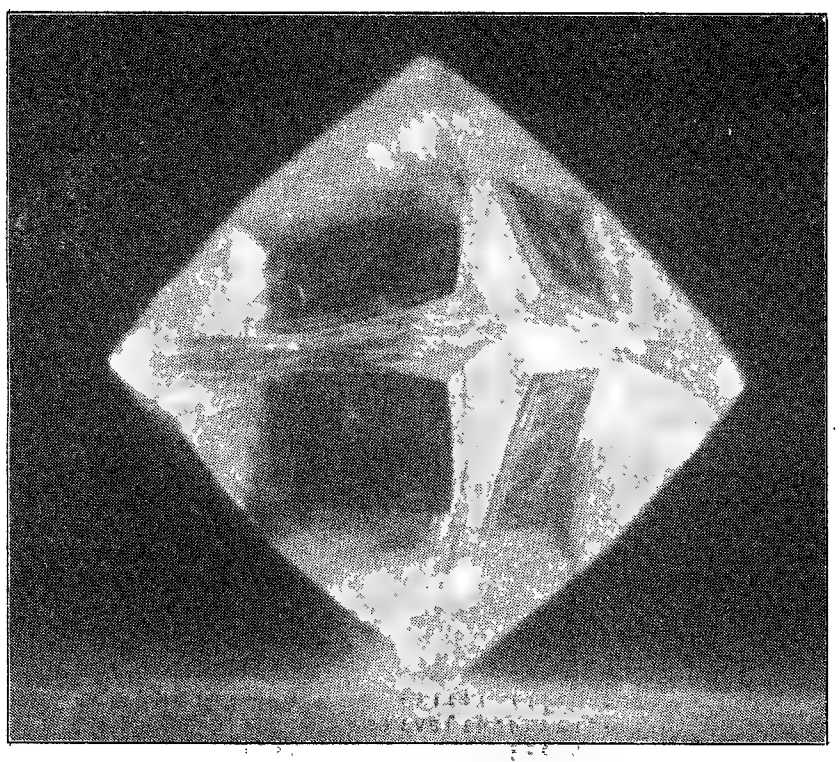
A seguir ao falecimento de minha mãe, meu pai, caixeiro viajante, mandou-me viver com as primas, Verena e Dolly Talbo, duas irmãs, ambas solteiras. Por motivos que jamais se esclareceram, Verena e meu pai não se falavam. Talvez o pai pedisse dinheiro a Verena e ela lho recusasse; ou então emprestou-lho e ele nunca o devolveu. Não há dúvida que a questão proveio de dinheiro, pois outra coisa lhes não interessava, em especial a Verena, a pessoa mais rica da cidade. A drogaria, a loja do fanqueiro, uma bomba de gasolina, mercearia, um edifício ocupado por escritórios, tudo isto era dela; mas a verdade é que tamanho lucro não havia contribuído para lhe adoçar o temperamento.

(...) Creio que se queriam muito um ao outro, meu pai e minha mãe. Ela costumava chorar sempre que o marido empreendia uma viagem para vender frigoríficos. Casara aos dezasseis anos e não chegou aos trinta. Na tarde em que morreu a pobrezinha, meu pai, clamando em altos brados o seu nome, rasgou o fato e saiu nu para o quintal.

Foi no dia seguinte ao enterro que Verena veio à nossa casa...

(«A Harpa de Ervas», Truman Capote, Círculo de Leitores, 1990, tradução de Cabral do Nascimento).





Homenagem a Spinoza

Lentes poliu para de Holanda
os míopes que delas precisavam
para a escrita comercial do açúcar
e saborearem os cantos delicados
das pinturas. Judeu sem sinagoga
e sem península ibérica de avós,
moral geómetra os ângulos mediu
aos teoremas da vida humana em lentes
tão convexas que até o latim lhe
é como hebraico morto.
E sem de deus teólogo traçou
as linhas da cidade constituída
segundo as leis dos anjos da razão.
E Bento se chamava este coitado
de suma gentileza de existir-se
e de pensar-se em glória a paciência triste
de polir lentes sem ter deus nem pátria.
Mas só assim é que os cristais flamejam
em pura transparência apavorada.

(«Exorcismos», Jorge de Sena, 1972)

Manuela Gonçalves

Uma colecção versátil e funcional

Consoante as estações, a vinda do frio ou do calor, compete ao criador de moda inventar a roupa que vamos vestir. Tecidos, cores e formas contribuem para afirmar um estilo, a marca de distinção que exprime a identidade, aquilo que torna o autor imediatamente reconhecível. Manuela Gonçalves tem personalidade, ela interpreta à sua maneira as tendências gerais, os "dikats", as emergências de um discurso fascinante que visa, como fim último, proclamar a beleza. Porque se destinam à temperatura primaveril que entretanto progride, até se chamar Verão, outro objectivo na mira, algumas das peças da sua colecção revelam, sem falsos pudores, a pele. A morfologia da carne. Longe da vulgaridade, mostram pernas e costas com uma naturalidade encantadora.

A transparência instala-se nas calças amplas que podem ser usadas sobre calções. E, assim, a ousadia provocante, remete para uma dimensão erótica. Mas, neste jogo do descobre e cobre, fala-se uma linguagem subtil. As roupas, penduradas nos cabides, constituem um quadro de perfeita harmonia cromática, combinam-se, sem dissonâncias, sequências de pastéis com tons quentes e intensos. Preto e branco, enlaçados, evocam composições geométricas. O diálogo dos opostos. Sedas selvagens, algodões, ráfias, viscoses, são os tecidos que Manuela Gonçalves explora, imprimindo-lhes cortes que rompem com as regras do clássico. Versatilidade e assimetria definem o seu estilo. Um estilo fluido e funcional, a favor da transgressão de certos obstáculos fisicos, técnicos e estéticos. Uma proposta de vestuário linear, embora sofisticado, onde, por vezes, se insinuam caprichos momentâneos e efémeros, como os favos grandes que sobressaem nas blusas e saias.

Rui Vasco

O passar da mensagem

Quanto à nova colecção, que inclui cento e tal peças, sem contar com as camisas e calças, não está limpa de influências. Diz a criadora: «tentei fugir às cores da moda e a algumas soluções banalizadas nesta estação». Claro que é impossível ignorar completamente as tendências, ainda que Manuela Gonçalves se oriente mais pelas suas intuições. «Nunca parto de uma ideia fixa, as coisas vão evoluindo à medida do fazer». Se em determinadas peças, se observam detalhes de aberturas e encanastrados, um fenómeno de moda, essas divagações sobre o tecido, obedecem a um critério de funcionalidade. Não estão ali na qualidade de reforço de uma intenção decorativa. Os atilhos servem para apertar as roupas, cuja característica é permitirem variações no vestir. Consolida-se o triunfo absoluto da relação dialéctica entre o enunciado estético do criador e a busca de eficácia.

Na perspectiva de Manuela Gonçalves o tecido é fundamental. Dele depende o espírito da colecção, assegura o passar da mensagem de moda que paira no ar. «Desta vez misturei tecidos, aparentemente inconciliáveis, e também cores... contra os meus hábitos. Claro que a escolha, em termos de tecidos, se apresenta limitada, pois nem sempre há no mercado o que pretendo». Os delicados voos da tarnsparência exigem chiffon ou musseline que, na coleçcão exposta na Loja Branca, se evidenciam, quando a criadora os coloca nas mangas dos macacos com capuz.

Uma artificiosa resolução esta do toque vaporoso, casualmemte reveladora dos braços. Muito interessantes ainda os encontros das camisas de renda com as t. shirts. Juntam-se numa aliança que, à primeira vista, parecia impensável. O chique anula o lado prático, mas o contrário também é válido.

Lourdes Férla

Falar de Cinema

«Um pé esquerdo» cheio de força e coragem

O MEU PÉ ESQUERDO (My Left Foot) - R: Jim Sheridan (Irlanda, 1989); A: Jom Sheridan e Shane Connaughton, segundo livro de Christy Brown; F (cor): Jack Conroy; M: Elmer Bernstein; Mont: J. Patrick Duffner; Dir. art: Austen Spriggs; P: Noel Pearson; I: Daniel Day Lewis, Brenda Fricker, Alison Whelan, Kirsten Sheridan, Cyril Cusack, Declan Croghan, etc. D: 103 m; Dist: Filmes Castello Lopes; Est: Quarteto (6-4-1990); Cl: **** (M/12 anos).

O Meu Pé Esquerdo, de Jim Sheridan, que acabaria por ser uma das grandes revelações do ano de 1989, com direito à consagração dos Oscars (dois no activo, para o melhor actor, Daniel Day Lewis, e a melhor actriz secundária, Brenda Fricker, depois de ter sido nomeado para cinco possíveis estatuetas, entre as quais as do melhor filme, melhor realização e melhor argumento adaptado), parte de um argumento de Jim Sheridan e Shane Connaughan, baseado na autobiografia de Christy Brown, que é a personagem interpretada por Daniel Day Lewis e que lhe valeu ter destronado Tom Cruise mesmo sobre a linha da chegada, também ele interpretando a figura de um deficiente físico, Ron Kovic.

Mas, enquanto Christy Brown nasceu em Dublin com uma paralesia cerebral que lhe afectava a motricidade de quase todo o corpo (o pé esquerdo era o único membro que respondia à sua vontade), Kovic conquistou a sua nos campos do Vietname, defendendo os EUA. Há presentemente uma tendência generalizada para depreciar actuações de intérpretes que componham figuras de deficientes. Sobretudo depois dos mesmos serem galardoados com o Óscar que alguns (mais mal intencionados) dizem já premiar «a melhor interpretação de aleijado do ano». Começa realmente a ser um hábito premiar surdas mudas, autistas e outros, mas este facto não pode por si só anular a qualidade da representação de um actor como Daniel Day Lewis, sobre cujos ombros repousam nesta obra muitas e diversas responsabilidades, saindo-se de todas elas a contento: era necessário interpretar o papel de um homem que viveu desde sempre com enormes dificuldades de comunicação, como também fazê-lo por forma a não suscitar apenas uma velada pena pela sua situação.

Day Lewis consegue humanizar a figura, torná-la densa e complexa, impedindo qualquer tipo de fácil adesão emocional. Christy Brown não é o vulgar «doente bonzinho» por quem todos os espectadores vertem lágrimas de consideração. Muito pelo contrário: responde agressivamente com o seu palavrão, bebe whisky às escondidas por uma palhinha que traz no bolso interior do casaco, idealiza formas não muito católicas de arranjar carvão para a família nas noites gélidas do inverno irlandês, anda à tareia em «pubs», provoca cenas em restaurantes, atira-se a qualquer mulher que lhe passe pela frente, revolta-se contra a prepotência do pai, enternece-se com a mãe e deixa crescer a raiva sempre que a isso é impelido.

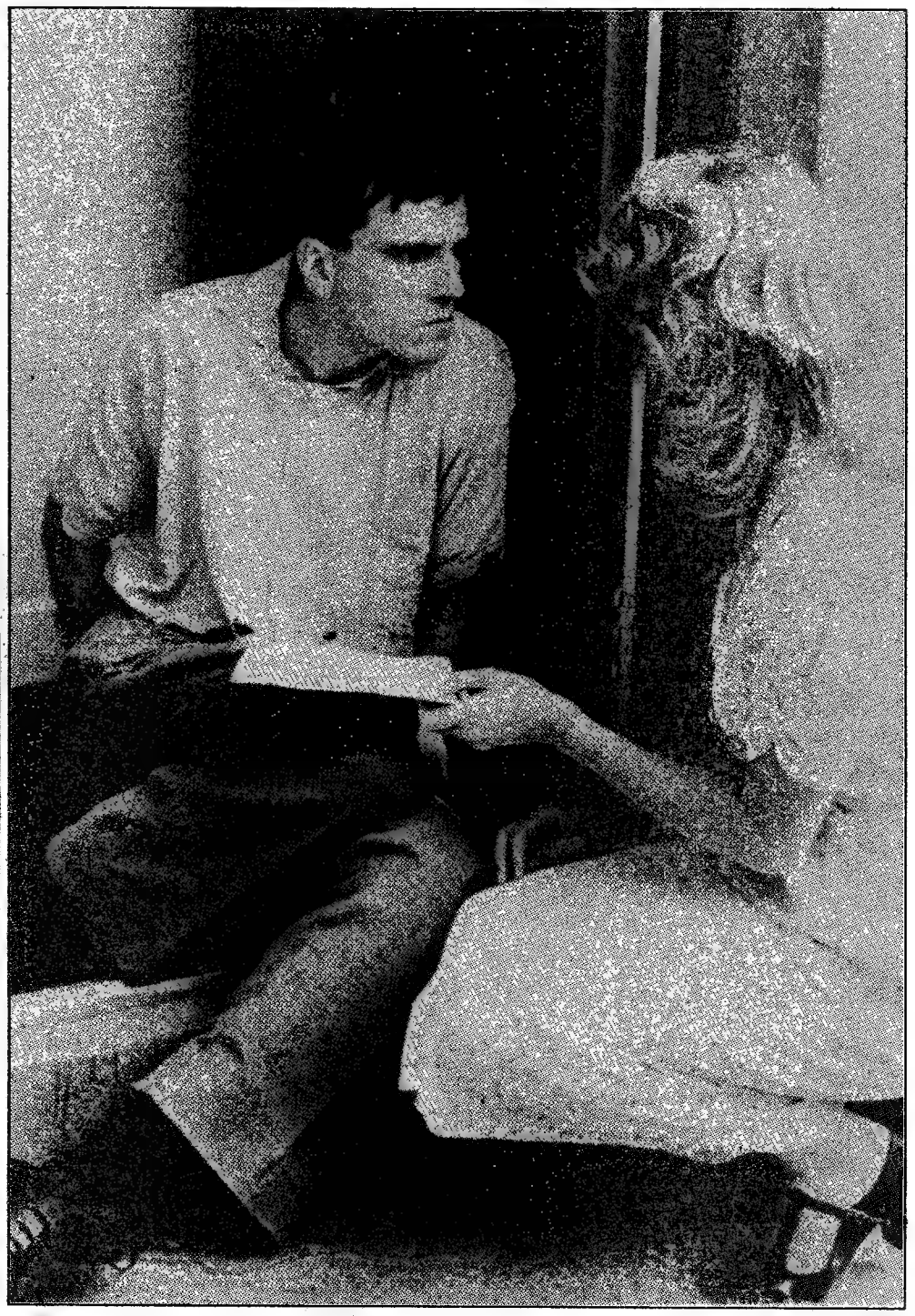
Christy Brown, cedo o percebemos, é apenas um homem. Um homem a que deram menos possibilidades de uma vida normal e que por isso mesmo terá de conquistar a sua própria forma de vida. O que o filme de Jim Sheridan testemunha é precisamente essa corajosa procura de uma identidade e dos meios de a confrontar com os outros. O que torna Christy Brown diferente é a sua quase total impossibilidade de comunicação. Por várias razões. Porque ele tem menos meios de comunicar que um homem vulgar, mas também porque tem de fazer aceitar a sua diferença. E ao falar-se em diferença estamos a compreender o que terá levado um irlandês a interessar-se por esta aventura pessoal, que rapidamente se transforma em algo de mais vasto. Veja-se a figura do pai de Christy: não será também ele alguém carente de comunicação, alguém que só a mulher parece entender completamente, e que o «traduzirá» para os filhos: «É esta a maneira dele dizer que vos ama!»

Christy Brown é assim o símbolo que, partindo de um caso real, tende a estender-se a outros casos igualmente muito reais: a Irlanda, por exemplo.

Christy é o representante de uma minoria que procura uma voz e que a encontra quando começa a pintar e a escrever, quando é convidado para exposições e sessões de beneficiência, quando canta as canções nacionalistas do pai, quando declara o seu amor a uma médica ou a uma enfermeira, quando consegue realizar-se como homem. É essa a lição de *My Left Foot*, o que Jim Sheridan logra de forma por vezes notável, na economia de meios, na eficácia da escrita, na recusa de qualquer primarismo, na descrição social de uma Irlanda operária e suburbana, onde se integra Chrosty Brown.

A «doença» não se confina aos membros que não reagem, à boca que se recusa a pronunciar as palavras certas, mas a «doença» está também na imagem da mãe grávida, subindo as escadas, com o filho às costas, na promiscuidade, nas carências, na fome. Christy tem consciência disso: ele procura aprender a falar, mas também tenta minorar os efeitos do frio (episódio do carvão) e da falta de dinheiro (cena da entrega à mãe das libras ganhas com os direitos autoriais do livro). Jim Sheridan, através do «Pé Esquerdo» de Christy Brown, procura dar voz a algo mais do que um «anormal»: ele reivindica o direito à diferença.

Injusto seria terminar esta nota sem uma referência muito especial ao trabalho de Brenda Fricker, na figura da mãe, uma personagem que nos recorda que John Ford era irlandês. A sua aparentemente discreta presença é a força de uma família, o grande suporte a que nos momentos de crise todos se agarram, a voz de uma sabedoria ancestral que indica o caminho.



«O Meu Pé Esquerdo», de Jim Sheridan

Jim Sheridan

De origem irlandesa, trabalhou no teatro com grande sucesso como encenador e director artístico do Projects Art Centre (Dublin, 1976-1980) e do New York Irash Arts Centre (Nova Iorque, 1982-1987). Escreveu diversas peças, entre as quais «Spike in the Firt World War» que triunfou no Festival de Edibungo em 1983. Formou-se em cinema na New York Film School.

«A ementa do dia»

*****

NASCIDO A 4 DE JULHO, de Oliver Stone
TEMPO DE GLÓRIA, de Edward Zwick

****

O CLUBE DOS POETAS MORTOS, de Peter Weir
CINEMA PARAÍSO, de Giuseppe Tornatore
ALWAYS-SEMPRE, de Steven Spielberg
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DESTA, de Peter Greenaway
O MEU PÉ ESQUERDO, de Jim Sheridan
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER, de Steve Kloves
UM AMOR INEVITÁVEL, de Rob Reiner

***

A GUERRA DAS ROSAS, de Danny de Vito
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS, de Joe Johnston
FLORES DE AÇO, de Herbert Ross
NEGÓCIO DE FAMÍLIA, de Sidney Lumet
MISS DAISY, de Bruce Beresford

*

AMIGOS E DETECTIVES, de Roger Spottiswood
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys

Deficientes que ganham «óscares»

As crianças têm o costume de mimar gestos e expressões de deficientes que vêem passar a seu lado. Invariavelmente, os pais, ou quem delas está perto, ralham-lhes e dizem-lhe mesmo que não se deve fazer isso, pois «Deus pode castigá-las» e ficarem tal qual aqueles que copiam. Os Óscares de Hollywood parecem contradizer estas recomendações. Não só não sofrem qualquer maldição, como ainda por cima são galardoados com a apetitosa estatueta dourada. Senão vejamos alguns exemplos:

Para lá dos casos actuais de Daniel Day Lewis (*O Meu Pé Esquerdo*, de Jim Sheridan) e de Tom Criuse (*Nascido a 4 de Julho*, de Oliver Stone), ambos nomeados para o Óscar do «melhor actor» de 1989, que o primeiro ganhou, temos o também recente Dustin Hoffman, autista em *Encontro de Irmãos* (1988), de Barry Levinson. Mas há ainda os exemplos de Cliff Robertson, deficiente mental em *Charly* (1988), de Ralph Nelson; de Arthur Kennedy, cego em *Luz nas Trevas* (1951), de Mark Robson; de Jon Voight, paralítico em *O Regresso dos Heróis* (1978), de Hal Ashbylde Harold Russell, que perdera realmente as duas mãos na II Guerra Mundial em *Os Melhores Anos da Nossa Vida* (1946), de William Wyler.

Também entre as mulheres há vários casos citáveis: Marleen Matlin, surda na vida real, representava-o em *Os Filhos de um Deus Menor* (1986), de Randa Haines; de Jean Negulesco; Patty Duke, a miúda cega-muda em *O Milagre de Anne Sullivan* (1962), de Arthur Penn.

Lauro António

DESPORTO

Benfica-Marselha: jogo do ano é às 21, na Luz

Vamos a eles, Benfica!

Pronto: as espingardas estão carregadas, os exércitos estudam os últimos pormenores tácticos para as suas manobras, resta deixar correr algumas horas e, logo, mal baterem as 21 horas e o árbitro holandês Langhenove apitar pela 1.ª vez, começa o grande diálogo. Restará saber *quem tramará quem*: Benfica ou Olympique de Marselha, um estandarte vai ficar no penúltimo degrau que dá para o festim em Viena de Áustria.

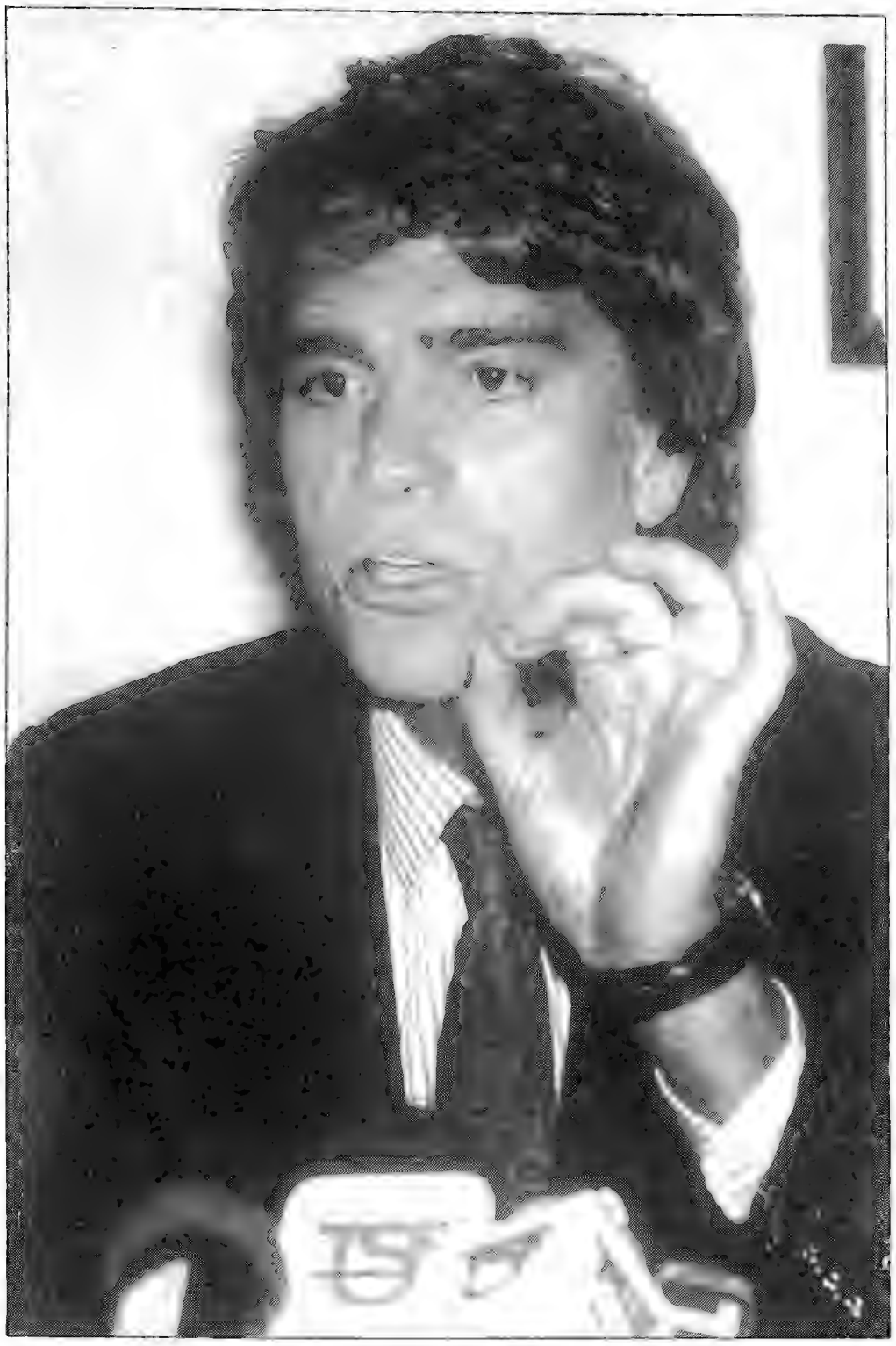
Últimos aprontos

Portugueses e franceses realizaram os derradeiros treinos. E, para Eriksson, uma dupla notícia: Diamantino lesionou-se e vai ficar fora da escala mas, quanto ao sueco Thern, o departamento médico da Luz deu luz verde para a sua utilização a 100 por cento.

Sob orientação do recuperador Manuel Jorge, o centrocampista nórdico foi submetido a variados exercícios físicos: correspondeu perfeitamente e, a partir desse instante, Eriksson passou a contar com o compatriota para o jogo com os marselheses. O contrário acontece com Diamantino: piorou da lesão na região lombar («produto» de uma queda) e recolheu a casa, para repouso absoluto. Por último, diga-se que também César Brito está bem: o seu problema muscular já lá vai.

Assim, 18 jogadores «encarnados» estão no 1.º estágio ordenado por Eriksson esta temporada: Silvino; José Carlos, Samuel, Aldair e Veloso; Hernâni; Vítor Paneira, Thern e Valdo; Lima e Mats Magnusson (mais que provável turma inicial para o duelo) e ainda Dias Graça, Paulo Madeira, Fernando Chalana, Pacheco, Abel, César Brito e Vata, saindo deste grupo, perto da hora do jogo, dois elementos que não podem estar incluídos no lote dos 16 a indicar ao juiz.

Durante o derradeiro treino rubro, deu nas vistas a quase ressurreição de Chalana, com o *pequeno genial* a rubricar jogadas de alta classe. A preparação dos atletaas incidiu especialmente em lances de corrida pelos flancos para, depois de trocas de bola entre médios e extremos, o esférico ser centrado para Lima, Magnusson ou Vata, para além de Valdo ter executado uma larga dezena de *pontapés livres* e de diversos jogadores (Magnusson, Valdo, Pacheco, Hernâni, Chalana) irem cobrando grandes penalidades. Curiosidade: Valdo chegou a competir contra uma barreira metálida que simulava jogadores contrários, obrigando o brasileiro a fazer ondear a bola até a esfera ir direita às malhas.



Tapie: o patrão-dono de Mozer e companhia

Mas, também houve lances em que, com um rápido toque para os lados, o couro era proporcionado a colegas que arrancavam ao som do apito do árbitro.

Um bom milhar de adeptos e muitos jornalistas presenciaram este treino, alguns comentando a forçada ausência de Ricardo que, castigado pela UEFA com suspensão por um jogo, é a grande baixa no «team» da águia. Obrigado a entregar o lugar de *polícia* do relampejante Jear.-Marie Papin a Samuel, fica no ar a questão sobre quem conseguirá vencer esse particular duelo: o menino guineense nascido a 3 de Agosto de 1966 ou o rapagão que veio do Bruges para o Marselha e, nascido a 5 de Novembro de 1963, tem uma larga experiência internacional e está no topo dos marcadores de golos do campeonato francês?

Cobrança de «cantos» e marcação de castigos máximos ocupou larga parte do tempo concedido a Gerard Gili para o treino dos seus alunos, realizado precisamente à mesma hora em que vai ter lugar o embate, sob luz artificial que os franceses consideraram modelar. Muitas vezes Gerard Gili chamou os seus jogadores obrigando-os a repetirem lances de bola parada, especialmente cruzamentos para junto do 2.º poste, onde Mozer acorria para tentar o golpe fatal. Quanto aos *penalties* (inclusive para a hipótese do jogo terminar empatado, mesmo depois de 30 minutos extra) Gili distinguiu como cobradores Papin, Waddle, Mozer, Francescoli e Sauzée, esse mesmo, o normal camisa sete que, tal como (frutuosamente para as cores do Olympique aconteceu em Marselha) enfiou Mats Magnusson numa camisa de onze varas.

O treino marselhês deu a sugestão da equipa ir jogar basicamente com o olhar no contra-ataque, esperando num ápice fazer a charneira entre uma situação difícil e a vanguarda de atiradores, especialmente através do perigoso Waddle que, sendo um esquerdino, costuma subitamente ir colocar-se no flanco direito e dali arrancar, como um furação, direito à baliza contrária. Aliás, são famosos os seus pontapés livres: ainda no sábado, perante o Bordéus, saíram dos pés do *astro* britânico os dois golos que deram o KO dos antagonistas.

Curioso que, durante esta sessão de treino, alguns assistentes não se escusaram a endereçar a Mozer remoques sobre o seu comportamento disciplinar no jogo da 1.ª mão, especialmente porque as violentas cargas sobre Vítor Paneira e Hernâni transitaram em julgado face à benevolência do árbitro inglês Courtney que, em contrapartida, foi demasiado rigoroso quando, ainda mal se apresentavam cumprimentos, exibiu o cartão *icterícia* a Veloso, intimidando o capitão benfiquista que apenas no período final do duelo voltou ao seu estilo e (aí, sim) ultrapassando amiúde o normal tom da virilidade, ficando então a dever-se ao olhar distante do apitador o facto do Benfica não terminar com dez artistas em palco.

E vale a pena lembrar que, face à bela hipótese do Benfica poder estar na final austríaca, há jogadores que não podem ver mais qualquer cartão colorido, pois isso iria obrigatoriamente afastá-los do Platter: casos de Vata, Thern, Veloso e José Carlos, o mesmo se podendo dizer (em relação à bandeira tricolor) que Papin, Mozer e Di Meco também estão em situação paralela.

Palavras no ar

Após o treino, diversos jogadores marselheses confiaram declarações. Mozer, afirmando-se «*muito chateado com a Imprensa portuguesa que está sendo manobrada contra mim*«, lá foi dizendo que está «*sensibilizado, emocionado e sentimentalmente dividido pelos dois emblemas*«, adiantando que, no sábado, irá ao Brasil fazer os necessários exames médicos requeridos por Lazaroni para todos os seleccionados brasileiros que vão participar no mundial.

Sempre acompanhados pelo empresário Manuel Barbosa (o homem que representa os interesses de Mozer e Hernâni e trouxe para Portugal brasileiros de cartaz: Valdo, Ricardo, Lima) os futebolistas do Marselha desfilaram velozmente perante os jornalistas, com Papin e Francescoli de bocas cerradas, enquanto ape-

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC

Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã, 27 anos ao serviço da Electrónica

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES, 24 h de atendimento

Reparamos hoje, em sua casa, o seu ***TV*** *ou* ***VIDEO***
Frota equipada com rádio-telefone, para maior RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

☎ 899762 - 899826 - 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B
R. de Macau, 8
LISBOA

Treino marselhês: adaptação à luz da Luz

nas um elemento da direcção benfiquista (o vice-presidente eng.º Abreu Rocha) cumprimentava Le Maire, homólogo do Marselha. Palavras simplesmente de circunstância, que continuaram no jantar oferecido pelo Benfica a Bernard Tapie e colegas num restuarante da capital.

Antes, o treinador gaulês Gili afirmou:

— *Estamos num belo momento de forma e não passa pela cabeça de ninguém que o Marselha consinta, sequer, um empate em Lisboa! Já marcámos hotel para Viena de Áustria...*

Mais moderado é o inglês Chris Waddle:

— *Vai ser muito difícil, mas ganhamos a eliminatória. Acredito que, antes da meia hora, estaremos com vantagem no «placard».*

A família de Mozer e a mulher de Duílio falaram-lhe da última actividade benfiquista. Waddle comentou:

— *É isso: estamos com muito melhor movimentação global e com imensa força e determinação.*

Através da Imprensa francesa, soube-se que o Marselha tem todas as possibilidades de alinhar inicialmente com o fraco Juan Castañeda na baliza (um bombom que pode sabiamente ser explorado pelos atiradores benfiquistas, já que dificilmente segura uma bola desferida com força), um quarteto atrasado comandado por Mozer e integrando Manuel Amorós, Sauzée (o encarregado de controlar Magnusson) e Di Meco, Deschamps em «trinco», linha intemediária com Germain ao lado de Tigana e um terceto atacante Waddle, Jean Pierre Papin e Enzo Francescoli que está em permanente rotatividade, ensarilhando a defesa contrária com as suas desmarcações. Como suplentes, às ordens de Gili encontram-se o muito jovem guarda-redes Guillaume Warmuz, Diallo, Vercruysse (que deve entrar em campo, especialmene se a equipa tiver necessidade de se acantonar na cobertura das suas malhas), Alain Roche e Eric Mura.

Todas as cautelas

Sabe-se como é rígido o sistem de segurança dos dois «teams», que serão permanentemente apoiados por um pequeno exército policial, tal como está dito e redito que, a partir das 18 horas, mal se abram os portões da Luz, será realizado um apertado controlo a todo o público, com «examinadores» estrategicamente colocados em todas as bancadas, acessos e parques para estacionamento de veículos.

Considerado «*um jogo de alto risco*», devendo reunir a maior lotação de sempre num estádio português, este Benfica-Marselha deverá render mais de 600 mil contos ao clube da águia, sem contar com os direitos de transmissão que, só pela cedência ao Canal 1 de França, orçaram em 70 mil contos. Aliás, o embate será irradiado para outros países: Espanha, Itália, Tunísia, Grécia, Argélia, Áustria, Suíça, Angola e Moçambique, para além de também directamente ir contemplar Açores, Madeira e Macau. Quanto ao continente português as negociações não foram satisfatoriamente concluídas, tudo levando a crer que, nas poucas horas que restam para começar o jogo, RTP e Benfica cheguem a acordo, embora persista a ideia de que, pelo menos em diferido, a partida poderá ser transmitida para todo o país, dependendo (apenas) de meia dúzia de baos vontades que terão de lembrar-se dos muitos portugueses que, não podendo deslocar-se à Luz, gostariam de ver o campeão lusitano ganhar as esporas de ouro para a viagem até Viena de Áustria.

Tapie falou

Numa pequena conferência de Imprensa apressadamente organizada, o discutido e muito controverso Bernard Tapie, presidente do Olympique de Marselha, tentou aliviar a imagaem do mau comportamento tido para com os dirigentes portugueses em Marselha.

— *Queremos conquistar o vosso público com uma grande exibição. Esse é o primeiro objectivo* — declarou, entre gozão e à boa maneira de senhor feudal, que falava das suas propriedades, dos seus tesouros, das suas mulheres tal como dos seus escravos. «*O público português, como percebe de futebol, rapidamente vai ver qual a melhor equipa em campo.*»

«*Sinceramente: fiquei muito espantado com as declarações de João Santos após o jogo, em Marselha. Disse um punhado de coisas que não corresponderam minimamente ao que ia proferindo durante o jogo e contrariaram frontalmente a gentileza com que estivera a nosso lado, sempre bem disposto e alegre. Depois de ter perdido o jogo é que mudou totalmente... E, o curioso é que, antes do encontro, o Benfica já sabia que não existiria qualquer controlo 'antidoping'. Ninguém fez segredo disso...*»

Tapie virou-se depois para camaradas da Imprensa francesa:

— *No nosso último jogo, com o Bordéus, vocês acusaram-nos de racistas. Como isso é possível se, apenas nas minhas empresas, tenho milhares de colaboradores negros?*

Com ar de censura:

— *A Imprensa está a influenciar os jogadores do Olympique. Parece que anda aborrecida por irmos ser campeões da França! Caramba: o dia tinha de chegar!*

Quanto ao duelo desta noite:

— *Bem: a mim, nem aos atletas do Olympique, faz qualquer diferença aquilo que os portugueses chamam de «Inferno da Luz». Os rapazes jogam com os pés e com a cabeça, não é com os ouvidos. E como somos superiores, o triunfo irá para Marselha.*

A ver vamos, como diria o ceguinho. Há prémios fabulosos oscilando na balança: perto de oito mil contos oferecidos por Tapie a cada um dos marselheses, com o treinador ganhando direito a prémio duplo. Por banda dos portugueses (e sem contar com a habitual ajudazinha extra saída dos bolsos de Jorge de Brito) estão dois mil contos à porta da carteira de cada benfiquista para além da TETRA, Construção Ld.ª (responsável pela transmissão do encontro para Angola, que assegurou em exclusivo financeiro que envolveu alto montante) ainda ter uma muito especial oferta para os representantes benfiquistas: uma vivenda no valor 25 mil contos, no empreendimento urbanístico das Vilas do Solar, no planalto de Santo António dos Cavaleiros, a escassos cinco quilómetros de Lisboa. Uma achega mais para todos os jogdores da *águia* dêem o melhor do seu esforço oara o derrube ao orgulhoso Tapie e à sua multimilionária formação de empregados futebolistas.

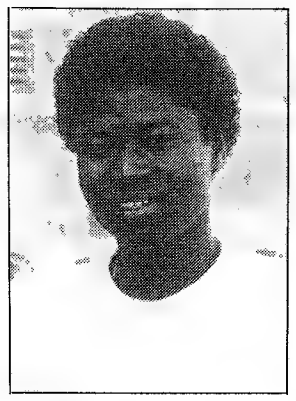
Restará dizer que o árbitro é o holandês Marcel Langenhove que, em bastidores normalmente bem informados, é considerado um cidadão com certa vulnerabilidade perante os prazeres do mundo, especialmente se eles se podem obter mediante o pagamento em boa moeda corrente. Espera-se que esta noite, incorruptível, seja exclusivamente um perfeito fiel de balança. É só isso que se pede a quem vai comandar o mais empolgante desafio do ano entre as nossas paredes.

Neves de Sousa

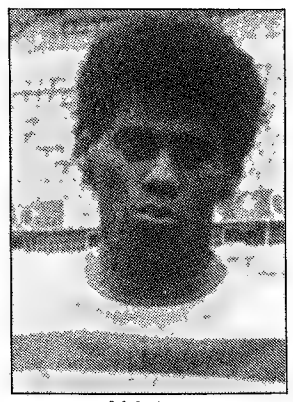
Os nossos homens para a vitória

Silvino

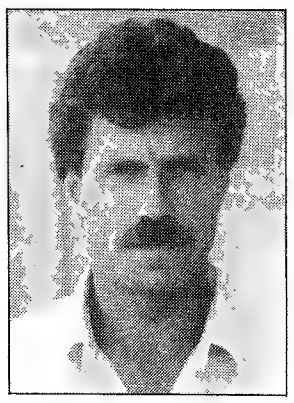
José Carlos



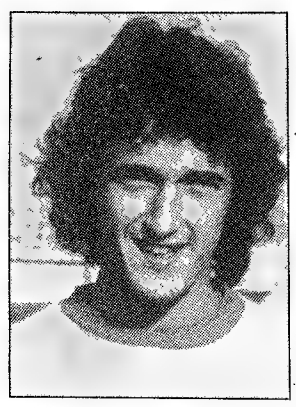
Samuel



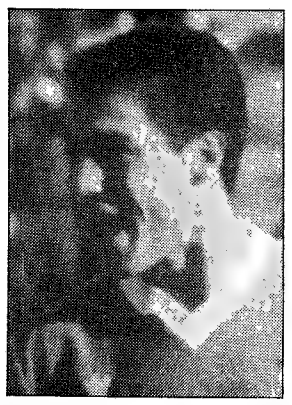
Aldair



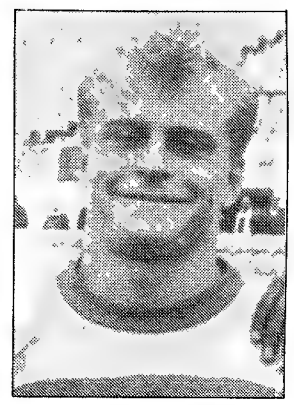
Veloso



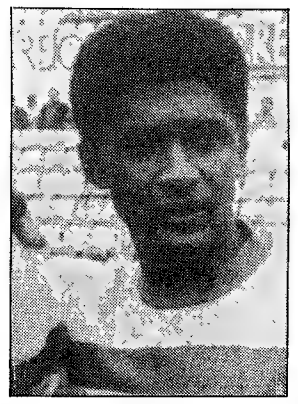
Hernâni



Vítor Paneira



Thern



Valdo

Lima

Magnusson

Carreira europeia do Benfica

O «palmarés» do Benfica nas provas da UEFA, onde consta a conquista, por duas vezes, da Taça dos Campeões Europeus, é o seguinte:

ÉPOCA	PROVA	FASE
1957/58	Taça dos Campeões	1.ª Eliminatória
1960/61	Taça dos Campeões	Vitória
1961/62	Taça dos Campeões	Vitória
1962/63	Taça dos Campeões	Final
1963/64	Taça dos Campeões	Oitavos-de-final
1964/65	Taça dos Campeões	Final
1965/66	Taça dos Campeões	Quartos-de-final
1966/67	Taça das Feiras	Oitavos-de-final
1967/68	Taça dos Campeões	Final
1968/69	Taça dos Campeões	Oitavos-de-final
1969/70	Taça dos Campeões	Oitavos-de-final
1970/71	Taça das Taças	Oitavos-de-final
1971/72	Taça dos Campeões	Meia-final
1972/73	Taça dos Campeões	Oitavos-de-final
1973/74	Taça dos Campeões	Oitavos-de-final
1974/75	Taça das Taças	Quartos-de-final
1975/76	Taça dos Campeões	Quartos-de-final
1976/77	Taça dos Campeões	1.ª Eliminatória
1977/78	Taça dos Campeões	Quartos-de-final
1978/79	Taça UEFA	1/16 Avos de final
1979/80	Taça UEFA	1.ª Eliminatória
1980/81	Taça das Taças	Meia-final
1981/82	Taça dos Campeões	Oitavos-de-final
1982/83	Taça UEFA	Final
1983/84	Taça dos Campeões	Quartos-de-final
1984/85	Taça dos Campeões	Oitavos-de-final
1985/86	Taça dos Campeões	Quartos-de-final
1986/87	Taça das Taças	Quartos-de-final
1987/88	Taça dos Campeões	Final
1988/89	Taça dos Campeões	?

Gaspar Ramos, Toni e Eriksson: no banco vai sofrer-se

Luz: jogo de alto risco

O jogo de hoje entre as equipas do Benfica e do Marselha é considerado de «alto risco» pelo que será rodeado da máxima segurança. Em termos práticos, esta designação significa que o Benfica é obrigado a mobilizar um dispositivo de segurança que evite a ocorrência de qualquer incidente. Cerca de 800 polícias estarão fardados no estádio, enquanto à civil, outros 100 tratarão de zelar pela integridade física dos apoiantes da equipa francesa, que serão colocados na lateral sul. O Marselha terá a seguir-lhe os passos um corpo de 20 agentes da ordem, que se renderão por turnos, de modo a estarem de serviço 24 horas por dia. Nas suas deslocações em Lisboa, os franceses são escoltados por motociclistas da GNR.

O Benfica colocou à disposição do Marselha cerca de 250 bilhetes (os mesmos que os franceses cederam ao Benfica) reservando um camarote para nove dirigentes (aos restantes serão dados lugares na bancada central).

Os portões abrirão cerca das 18 horas, de modo a evitar aglomerações de público junto às entradas. Como jogo de «alto risco» não serão permitidas as entradas no estádio de garrafas, latas de bebidas e objectos cortantes ou ponteagudos que possam ser utilizados como arma.

Dois pelotões da Polícia de Intervenção estarão de prevenção junto ao campo de treinos do Estádio benfiquista, enquanto um helicóptero estará reservado para o caso de ser necessário proceder à evacuação de feridos.

O jogo principia às 21 horas, devendo o Benfica e o Marselha chegar ao Estádio da Luz, cerca das 19 horas, altura em que procederão a um contacto com a relva, após o que recolherão às cabinas, iniciando os exercícios de aquecimento 40 minutos antes do princípio do desafio. No final da partida, o Marselha será escoltado até ao hotel, enquanto os jogadores do Benfica regressarão a casa nos seus automóveis que, entretanto, ficarão guardados nas garagens do estádio. Desaconselhados estão todos os pedidos de autógrafos, pois em nenhum caso os intervenientes da partida estarão a menos de cinco metros do público.

Waddle: cuidado com ele!

O avançado inglês Chris Waddle, um dos ídolos dos adeptos franceses de futebol desde que no último Verão se transferiu do Tottenham para o Marselha, acredita que o seu actual clube é o melhor da Europa. Waddle, autor dos dois tentos da vitória do Marselha sobre o Bordéus (2-0), no sábado, ambos na cobrança de livres directos, disse ao «L'Equipe», que o Marselha é superior ao AC Milão, actual campeão europeu.

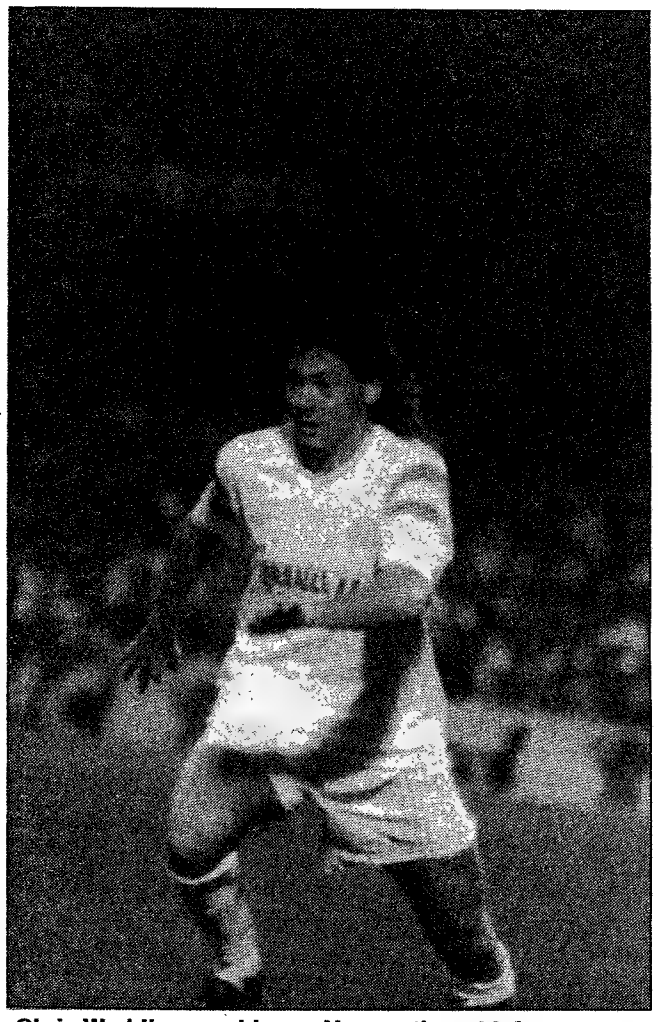
Após arrebatarem ao Bordéus a liderança da Liga, os campeões franceses visitam hoje, num sublime apuro de forma, o Estádio da Luz, onde o Benfica terá de superar a desvantagem de 2-1 que trouxe de França para atingir a final da Taça dos Campeões da Europa.

«*Vi os dois outros semifinalistas (o AC Milão e o Bayern de Munique) na televisão; e mudei de ideias*« — afirmou Chris Waddle ao prestigiado jornal desportivo francês. «*Entre os quatro semifinalistas, o Marselha é o melhor. E se, receio algum, é mais o Bayern do que o Milão. Os germânicos são uma equipa sólida em todos os aspectos*« — adiantou Waddle, sem fazer qualquer referência ao Benfica, como se o encontro da Luz fosse uma mera questão de calendário.

«*A equipa italiana sofreu um rude golpe com a suspensão de Donadoni. Na ausência de Gullit* (lesionado), *Donadoni é, juntamente com Van Basten e Baresi, uma das pedras-chave do Milão*« — referiu o avançado inglês.

Waddle, por quem o presidente do Marselha (Bernard Tapie) pagou, no último ano, 45 milhões de francos (cerca de um milhão de contos), produziu ultimamente uma série de exibições soberbas, que muito tem contribuído para o rendimento da equipa.

«*É muito simples. Tal como Glenn Hoddle, meu antigo colega no Tottenham e actualmente jogador do Mónaco, penso que o futebol francês ajusta-se mais às minhas características do que o inglês. Em Inglaterra vive-se muito à base dos passes compridos e aqui tiro mais partido dos dribles*« — disse Waddle. O avançado britânico especificou que prefere jogar sob marcação, pois a sua rapidez e facilidade de movimentação permitem-lhe iludir o «polícia» e explorar melhor os espaços livres. «*Sinto que estou a render muito mais em França do que em Inglaterra e espero manter este bom nível no Mundial de Itália*« — disse ainda o jogador do Marselha, ao «L'Equipe».



Chris Waddle: nascido em Newcastle, a 14 de Dezembro de 1960, tem 1 e 83 de altura, pesa 72 quilos e é considerado o melhor ponta do futebol europeu

Hoje: por essa Europa

As três competições europeias (Taça dos Campeões, Taça das Taças e Taça UEFA) conhecem hoje os seus finalistas, após a realização da 2.ª «mão» das respectivas meias-finais.

No Estádio da Luz, o Benfica recebe os franceses do Marselha com a obrigatoriedade de virar um resultado que, na 1.ª «mão» lhe foi desfavorável (1-2). Fosse só o resultado o único obstáculo do Benfica e poderia dizer-se ser de fácil ultrapassagem. Contudo, o grande obstáculo dá pelo nome de Marselha e, na memória dos adeptos de futebol estará ainda a exibição rubricada no encontro de há 15 dias. Aos jogadores e adeptos do Benfica é exigida grande dose de paciência, devidamente temperada com a necessária audácia, para se poderem arriscar no momento certo. O Marselha apresenta-se no Estádio da Luz na sua máxima força, enquanto o Benfica tem a lamentar a ausência por castigo de Ricardo e por lesão de Diamantino.

Na outra meia-final da Taça dos Campeões, o Bayern Munique recebe o AC Milão com a necessidade de rectificar um resultado desfavorável (0-1). No AC Milão será de assinalar a ausência de Donadonni (castigado pela UEFA), enquanto os germânicos se apresentarão com todo o melhor bloco. O equilíbrio será a tónica dominante desta partida, onde o favoritismo do Bayern está longe de ser um dado adquirido, pois a malícia italiana costuma surgir quando menos se espera.

Na Taça das Taças, com arbitragem do português Rosa Santos, a Sampdória (Itália) recebe o Mónaco (França) dispondo da «vantagem» de ter conseguido na 1.ª «mão» um empate a dois golos. Os italianos partem com natual favoritismo, pois não só possuem melhor equipa como também têm, por seu lado, o bom resultado registado há duas semanas.

Na outra partida desta prova, o Dínamo de Bucareste (Roménia) recebe o Anderlecht (Bélgica) e tem por missão rectificar o anterior desaire (0-1). É um resultado que, na prática, se pode considerar rectificável, mas que, tendo em conta o valor das duas formações, se afigura mais complicado.

Jean Pierre Papin, 27 anos de idade, 1,74 de altura e 70 kg de peso. Um perigo mortal para Silvino

A Taça UEFA é, por hábito, a prova que mais surpresas provoca, sendo frequente a equipa tida por favorita sucumbir perante uma outra aparentemente inferior. A Juventus, onde pontifica o português Rui Barros, desfruta da vantagem de 3-2 na sua deslocação ao terreno do Colónia (RFA). Os italianos, que há 15 dias estiveram a vencer por 3-0, consentiram dois golos na ponta final do desafio e estão agora a braços com extremas dificuldades para garantirem lugar na final.

A Fiorentina, apesar do «nulo» (0-0) frente ao Werder Bremen, assegurou já a sua presença na final da Taça UEFA, ao beneficiar do golo marcado no encontro da primeira mão em Bremen. O encontro realizado em Perugia, devido às obras de remodelação do seu estádio, com vista ao próximo Mundial, foi caracterizado por alguma violência sendo previsível que a comissão de disciplina da UEFA venha a sancionar o clube de Florença.

Arbitrou o francês Riquet e as equipas apresentaram as seguintes formações:

Fiorentina: Landucci; Piolo (Volpecina, 9), Delloglio, Malusci e Pin; Battistini, Nappi, Dunga e Buso (Callegari, 89); Baggio e Di Chiara.

Werder Bremen: Reck; Wolter, Otten, Bratesth e Schaaf (Hermann, 71), Borowka (Bode, 78), Eilts, Votava e Riedle; Neubarth e Rufer.

MODALIDADES

ATLETISMO: na pista do Estádio José de Alvalade vai ter lugar, a 21 e 22 do corrente, a final do campeonato distrital do «DN«/Jovem. Por seu turno, a estafeta Cascais-Lisboa está planeada para a manhã de 22 deste mês.

HÓQUEI EM PATINS: a Federação de Patinagem, em colaboração com a Câmara Municipal de Leiria, realiza-se, de 19 a 22 do corrente, no Pavilhão Municipal de Leiria, um torneio inter-regiões para atletas iniciados, concorrendo Coimbra, Leiria A e Porto (Série A), Alentejo, Aveiro e Setúbal (Série B), Madeira, Lisboa e Porto — talentos (Série C), Leiria B, Ribatejo, Minho e Açores (Série D).

HÓQUEI EM CAMPO: até ao dia 20, estão abertas as inscrições para um curso de monitores promovido pela Associação de Lisboa. Informações pelo telefone 346 42 49. Curso aberto a maiores de 18 anos.

AUTOMOBILISMO: com o objectivo de pôr fim a dúvidas sobre o clube organizador das provas de velocidade inscritas no calendário nacional para, os dias 28 e 29 do corrente, 9 e 10 de Junho, 7 e 8 de Julho, 25 e 26 de Agosto, 5 a 7 de Outubro e 9 e 10 de Novembro, e, sem prejuízo de eventuais mudanças de datas, conforme acordado na assembleia que reuniu todas as marcas organizadoras de campeonatos e troféus (BMW, Citröen, Ford, Renault, Seat e Toyota) esclarece-se que as mesmas foram atribuídas, por ocasião da reunião geral de clubes, à Associação de Comissões de Desportos Motorizados do Estoril que entregou (em tempo oportuno) os respectivos projectos de regulamento. A ACDME contará com o apoio e colaboração da Comissão Desportiva Nacional. Igualmente se informa que não tendo sido possível, atempadamente, conhecer com exactidão as provas que poderiam integrar o Campeonato Nacional de Velocidade-iniciados foi decidido, para 1990, substituir esta competição pelo Troféu Toyota iniciados, evitando novos investimentos aos participantes numa altura tão adiantada da época.

BASQUETEBOL: hoje, pelas 15 horas, no 14.º Cartório Notarial (Rua Nova do Almada, 80, 2.º, Lisboa) terá lugar a escritura dos Estatutos da futura associação de ginástica de Lisboa, com uma comissão instaladora integrando representantes do Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio Clube, Ateneu Comercial de Lisboa, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal. Após a assinatura da escritura processa-se uma confraternização de colectividades e jornalistas nas instalações do Lisboa Ginásio, prevendo-se troca de impressões sobre o decorrer da última assembleia geral federativa.

Ainda em basquetebol; entre 25 e 27 do corrente, tem lugar em Bari (Itália) o torneio de qualificação para o apuramento europeu feminino, a que concorrem as turmas de Portugal, França, Holanda e Itália. Jogos no 1.º dia: Holanda-França e Itália-Portugal.

SPORT-SOCIETY

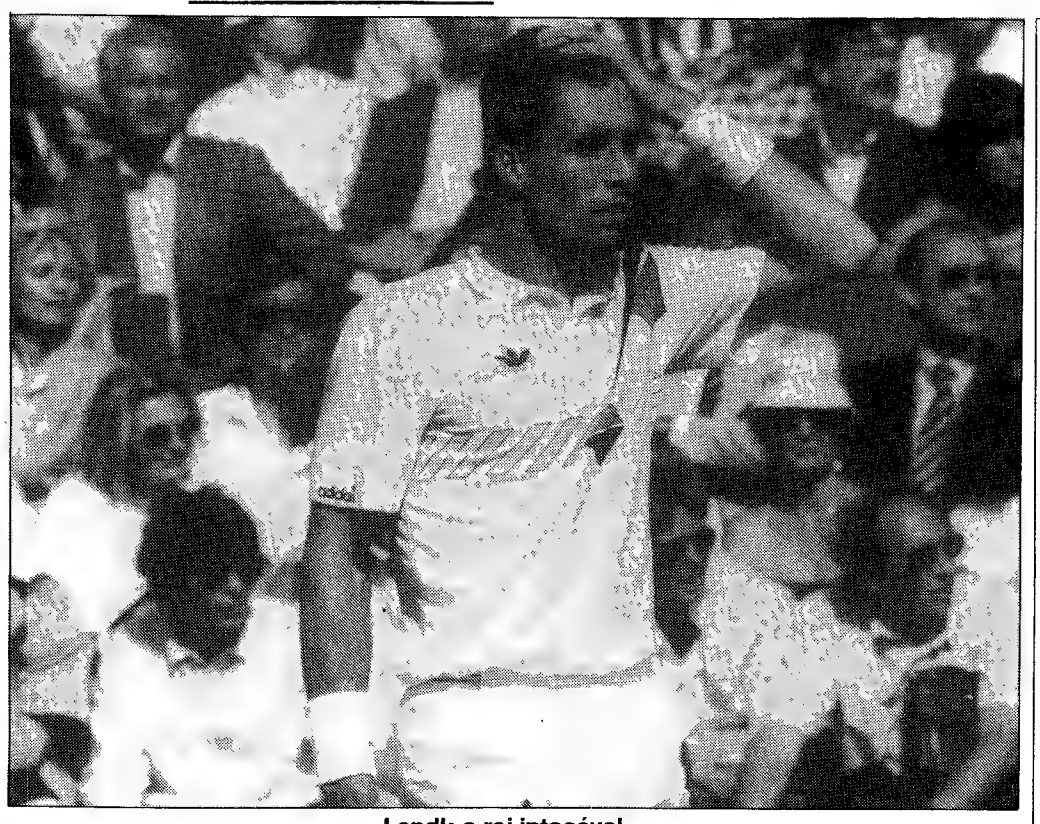
ANDEBOL: a Associação Nacional de Clubes de Andebol reúne-se com a Comunicação Social, pelas 19 e 30 de 20 do corrente, no Restaurante Tia Matilde (Rua da Beneficência, 27, Lisboa) com assistência de todos os clubes deste agrupamento.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

RECRUTAMENTO DE PROFESSOR CATEDRÁTICO

A Universidade de Évora torna público que está aberto, pelo prazo de 30 dias, a partir da data da publicação do respectivo edital no «Diário da República», concurso documental para recrutamento de 1 Professor Catedrático para Ecologia da Produção Agropecuária, Agricultura Comparada (Agrossistemas) e Ecologia Aplicada II.

Ao concurso podem candidatar-se os Doutorados por Universidades portuguesas, ou com habilitação equivalente, em especialidade consdierada como adequada ao grupo de disciplinas para que é aberto concurso, que contem, pelo menos, cinco anos de efectivo serviço na qualidade de docentes universitários, e satisfaçam os demais requisitos constantes de edital publicado ou a publicar no «Diário da República» (II Série).

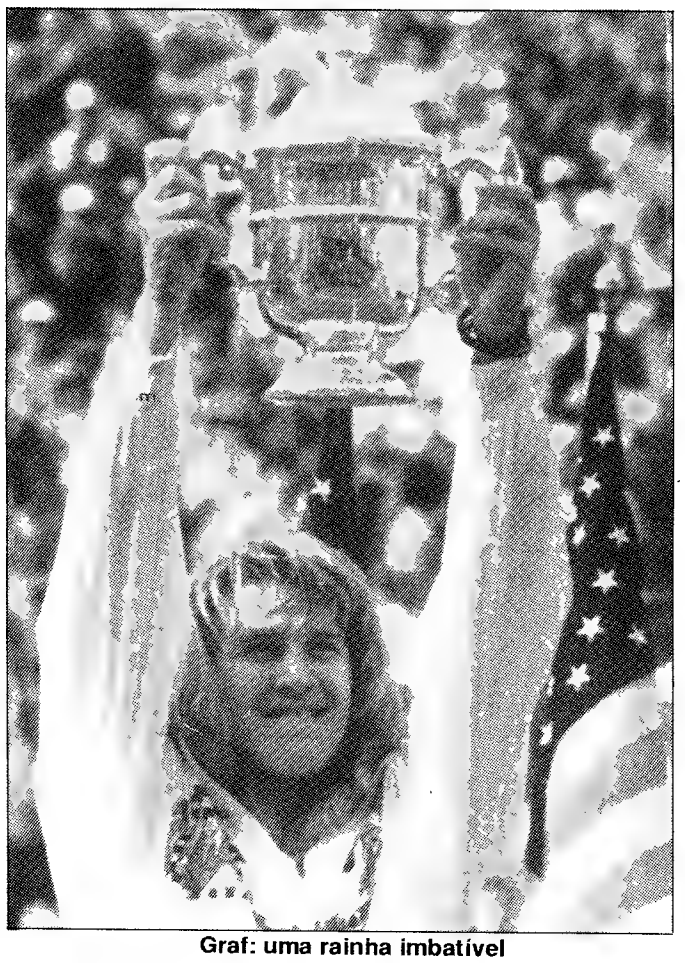


Lendl: o rei intocável

Os melhores do mundo

Os dez primeiros tenistas do «ranking» mundial, segundo da lista divulgada pela Associação de Tenistas Profissionais (ATP), são os seguintes: 1.º Ivan Lendl (Checoslováquia), 3,201 pontos; 2.º Stefan Edberg (Suécia), 2,891; 3.º Boris Becker (RFA), 2,776; 4.º André Agassi (EUA), 1,825; 5.º Brad Gilbert (EUA), 1,650; 6.º Aaron Krickstein (EUA), 1,517; 7.º Jay Berger (EUA), 1,271; 8.º John McEnroe (EUA), 1,256; 9.º Andrés Gomez (Equador), 1,226 e 10.º Michael Chang (EUA), 1,218.

As dez primeiras tenistas do «ranking» mundial são: 1.ª Steffi Graf (RFA); 2.ª Martina Navratilova (EUA); 3.ª Monica Seles (Jugoslávia); 4.ª Gabriela Sabatini (Argentina); 5.ª Arantxa Sanchez Vicário (Espanha); 6.ª Zina Garrison (EUA); 7.ª Mary Joe Fernandez (EUA); 8.ª Conchita Martinez (Espanha); 9.ª Manuela Maleeva (Suíça) e 10.º Katerina Maleeva (Bulgária).



Graf: uma rainha imbatível

Golfe

O australiano Greg Norman consolidou a liderança do «ranking» mundial de profissionais de golfe, divulgado em Londres, ao alcançar o 4.º lugar no Open de Hilton Head. Os dez primeiros classificados: 1.º Greg Norman (Austrália), 18,65 pontos; 2.º Nick Faldo (Inglaterra), 17,78; 3.º Severiano Ballesteros (Espanha), 15,28; 4.º Curtis Strange (EUA), 14,13; 5.º Mark Calcavecchia (EUA), 12,65; 6.º Payne Stewart (EUA), 12,26; 7.º Ian Woosnam (País de Gales), 12,21; 8.º Paul Azinger (EUA), 11,77; 9.º Jose Maria Olazabal (Espanha), 11,36 e 10.º Tom Kite (EUA), 10,78.

Os campeões europeus do ténis de mesa

O sueco Mikael Appelgren tornou-se, pela 3.ª vez campeão europeu de ténis de mesa em singulares masculinos e a búlgara Daniela Guerguelcheva arrebatou o título feminino. Após liderar a Suécia, com vitórias no europeu e mundial de equipas, Appelgren derrotou o polaco Andrezej Grubba (cabeça de série) por 21-15, 13-21, 21-15 e 21-19, na final do Campeonato da Europa, em Gotemburgo. Appelgren, campeão europeu em 1982 e 1988, concluiu invicto os 12 encontros disputados durante a competição para se tornar o 1.º tricampeão da Europa de ténis de mesa.

Na final de singulares femininos, a búlgara Daniela Guerguelcheva venceu a suíça (de origem chinesa) Yong Tu, por 12-21, 21-15, 21-18 e 21-16, conquistando para o seu país o 1.º título europeu na variante.

Ilija Lupulesku e Zoran Primorac (Jugoslávia) vice-campeões olímpicos em Seul, venceram os campeões mundiais Joerg Rosskopf e Steffen Fetzner (Alemanha Federal) na final de pares homens, com os parciais de 22-20, 22-20.

Os franceses Jean-Philippe Gatien e a chinesa Ewang Xiaoming venceram na variante de pares mistos, derrotando na final o belga Jean-Michel Saive e a húngara Gabriella Wirth, por 21-13 e 25-13.

VAI ACONTECER

ACADEMIA OLÍMPICA PORTUGUESA: de hoje até dia 22, na Aldeia das Açoteias (Albufeira, Algarve) decorre a 3.ª sessão anual deste agrupamento, com uma acção de formação destinada a sensibilizar os jovens para a problemática do movimento olímpico, que irá ter 25 participantes (oriundos de todas as regiões do País, incluindo as Regiões Autónomas e Macau). Há a registar, ainda, a presença de representantes de Cabo Verde.

FUTEBOL: amanhã, pelas 21 horas, na sala de assembleias da Associação de Lisboa (Rua dos Fanqueiros, 150-2.º) é dada posse aos novos membros das órgãos sociais, seguindo-se uma comunicação do dr. Moisés Ayash sobre «A indústria do futebol em Portugal e as conveniências dos seus intervenientes».

EM AGENDA

O SPORT LISBOA E CAMPOLIDE, completando hoje 65 anos de existência, promove na próxima 6.ª feira, pelas 21 e 30, uma sessão solene que terá a presença de diferentes entidades, oficiais e particulares.

Do lote de realizações integradas no programa de festas desta colectividade, que vão até ao dia 24, haverá baile, teatro, cinema, fado, colóquio, concerto, desporto (com torneios internos de jogos de mesa, a participação nos IV Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa em atletismo e ténis de mesa), nas III Jornadas Desportivas e Culturais da Freguesia de Campolide com atletismo, pesca desportiva, futebol de salão e ténis de mesa, a realização do concurso de pesca desportiva Rio Tejo (com a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa), a apresentação da Marcha de Campolide 1990 (dia 12 de Junho, à noite, na Av. da Liberdade), excursão à Barragem do Roxo e um almoço de confraternização entre associados.

•

O Clube Atlético de Queluz tem novo elenco directivo. Membros da direcção: Fernando Gil de Andrade, Carlos Antunes Pinto, Octávio Firme, Margarida Moreira, Alberto Santos, Manuel Moreira, Álvaro Silva, Manuel Pinto, Mário Pinto, Adérito Alves, António Rodrigues, Vítor Lopes, Américo Rodrigues e Anabela Machado. Mesa da assembleia geral: Carlos Dias, Augusto Simões, António Oliveira, José Galvão, Deolinda Bernardo e Luís Machado. Conselho fiscal: Amândio Bento, Horácio Maurício, José Luís Fernandes e Rogério Basílio.

Itália vai abrir portas

Mundial: Brasil joga na experiência

Os 22 jogadores convocados para a selecção brasileira que vai ao «mundial» de futebol de Itália, têm uma média de idade de 26,18 anos, uma das mais altas de sempre da equipa «canarinha» na história deste campeonato. A média de idade da selecção brasileira, que participou nos anteriores campeonatos do Mundo foi apenas duas vezes superior à actual: no Chile, em 1962 (28 anos) e em Espanha, em 1982 (27,36 anos).

O futebolista brasileiro mais veterano no «mundial» italiano será o centro-campista Tita (Vasco da Gama) que tem 32 anos, seguido do seu companheiro de equipa, o guarda-redes Acácio (31). O mais novo do «escrete» é também jogador do Vasco da Gama, equipa que cede cinco homens à selecção: trata-se do centro-campista Bismark (22 anos).

As idades dos restantes jogadores brasileiros convocados por Sebastião Lazaroni é a seguinte: Careca e Mozer (29 anos), Alemão, Zé Carlos e Mauro Galvão (28), Renato e Ricardo Rocha (27), Bebeto, Branco, Valdo e Dunga (26), Jorginho e Ricardo Gomes (25), Aldair, Muller, Romário e Silas (24), Mazinho e Taffarel (23).

No que se refere à experiência internacional, Tita é também o mais veterano, tendo vestido a 1.ª camisola da selecção em 1979, embora nunca tenha participado no «mundial». Por sua vez, Careca (Nápoles) disputou os mundiais de 1982 (onde se lesionou, no 1.º jogo), e de 1986. Por outro lado, a selecção de Lazaroni é a 2.ª mais baixa na história do futebol brasileiro, com uma média de 1,78 metros de altura (a mesma do México-86) e supera apenas em dois centímetros a que disputou o Alemanha-1974.

«Lombardia Pass» para turistas

A região da Lombardia colocará à disposição dos turistas um passe regional, o «Lombardia Pass», por ocasião do campeonato mundial de futebol. Trata-se de um bilhete regional que, ao preço de 100 000 liras (cerca de 12 300 escudos), poderá ser utilizado livremente em todos os transportes urbanos e suburbanos da Lombardia, entre 7 de Junho e 8 de Julho. Uma semana antes do início do Itália-90 será inaugurado o primeiro troço (2,8 km, da Via Sondrio ao Duomo) da 3.ª linha do metropolitano de Milão, que será assinalada a amarelo.

3.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR JUIZ DE DIREITO DO 3.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA DA 2.ª SECÇÃO:

FAZ SABER que nos autos de Execução de Sentença sob o n.º 4939/A a correr termos pela 2.ª Secção deste Tribunal em que é exequente JOSÉ DE ALMEIDA NAZARÉ, residente na Rua Dr. Sousa Martins, n.º 12-4.º Esq.º 2675 Odivelas, correm éditos de 30 DIAS, citando os executados GILBERTO AUGUSTO MEDEIROS DE AZEVEDO E CASTRO e mulher FERNANDA DUARTE RIBEIRO MEDEIROS, com última residência conhecida na Quinta dos Campos, lote 13 r/c Esq.º 2775 Carcavelos e actualmente em parte incerta, para no prazo de 5 DIAS, decorridos que sejam o dos éditos e a contar da 2.ª e última publicação do anúncio, deduzirem oposição à execução, nomear bens à penhora ou pagar à exequente a quantia de 139 862$00 e legais acréscimos, sob pena de ser devolvido à exequente esse direito. Como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à sua disposição nesta Secretaria.

Lisboa, 90. ABRIL. 06

O Juiz de Direito,
Dr. Arnaldo António da Silva
A Escrivã Adjunta,
Maria Alice Ramos

«DL» 1.ª Pub 18/4/90

Clube Xenon teve Eriksson à mesa

O Clube Xenon organizou o 11.º Troféu Internacional de Lisboa (TIL), torneio de futebol de cinco que se realiza anualmente. Cerca de 200 rapazes, representando os seus clubes, fizeram parte integrante de um convívio, onde não faltaram tertúlias musicais, números cómicos e visitas a vários pontos turísticos de Lisboa. Estiveram presentes 18 clubes de Portugal (Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Viseu) e de Espanha (Madrid, Barcelona, Sevilha, Córdova e Badalona).

Na final da categoria B (13-14 anos) defrontaram-se o Clube Xenon (Lisboa) e o Pádua (Barcelona), tendo o êxito tocado aos espanhóis que venceram por 5-4. Na final da categoria A (14-15 anos) estiveram presentes o Pádua (Barcelona) e o Miralta (Madrid), tendo os catalães vencido por 8-2.

Na sessão de encerramento esteve presente o treinador benfiquista Eriksson.

Paulo Futre: pazes feitas com o Atlético de Gil y Gil

Paulo Futre, que há duas semanas admitiu a hipótese de abandonar o Atlético de Madrid, com o qual tem contrato até 1993, continuará no clube madrileno — assegurou o seu primo e representante João Menício, que explicou, em declarações publicadas pelo jornal «El Pais», que os desejos de Futre de mudar de clube foram uma «*reacção momentânea e involuntária*». «*No fundo* (adiantou João Menício) *tratou-se de atitude própria de um homem jovem que está habituado a ganhar e que caiu numa depressão ao verificar que o seu clube ficava sem títulos outra temporada.*» Futre foi contratado pelo Atlético de Madrid em 1987, por quatro anos, tendo renovado recentemente por mais duas temporadas, mas não ganhou até agora qualquer título pelos «colchoneros».

Menício considerou impossível que qualquer clube do mundo pudesse cumprir junto do Atlético de Madrid a cláusula de rescisão do contrato, cifrada em 2,5 milhões de pesetas (cerca de 3,325 milhões de contos).

Futre atravessou, durante as últimas semanas, uma crise que o conduziu a polémica com o presidente do clube (Jesus Gil y Gil) e a anunciar a intenção de abandonar o Atlético de Madrid. O futebolista internacional português contraiu uma pequena lesão com hematoma interno numa perna, que o manteve afastado dos jogos e dos treinos da equipa madrilena, num momento em que acontecia a troca de treinadores, com Joaquim Peiró a assumir o lugar do demitido Javier Clemente. Então, o presidente Jesus Gil y Gil criticou, primeiro numa reunião, mais tarde publicamente, o futebolista português, acusando-o de falta de interesse e pouca rentabilidade em função do que ganhava, o que terá provocado em Futre uma crise psicológica.

João Menício disse ao jornal «El Pais» que a lesão do jogador foi real e não uma invenção de Paulo Futre, produto da desmotivação por jogar sob a pressão das duras críticas de que foi alvo.

Futre e Gil y Gil não se reuniram desde que o presidente do Atlético o convidou para passar um fim-de-semana na sua quinta nas proximidades de Madrid, proposta que o futebolista português rejeitou. Porém, no último domingo, Jesus Gil y Gil encontrou-se com João Menício e esta transmitiu-lhe o desejo de Futre de esquecer o ocorrido e reaparecer rapidamente na equipa, o que poderá acontecer já no domingo, frente ao Celta de Vigo.

O Atlético de Madrid está em 2.º lugar no campeonato espanhol a nove pontos do já campeão Real Madrid, e não perdeu ainda qualquer jogo desde que Joaquim Peiró assumiu o comando da equipa, há seis jornadas.

Futre foi na última semana, tema de outra polémica, após o empresário português Manuel Barbosa ter afirmando ao jornal «Marca» que negociaria esta semana a transferência do futebolista, para o qual tinha já oferta de importante clube. Manuel Barbosa disse ao jornal desportivo espanhol que falara com João e Paulo Futre e que este lhe pedira que procurasse um clube. O jornal «Marca» especulava (inclusive) com a possibilidade de uma troca pelo uruguaio Francescoli ou o jugoslavo Stojkovic, ambos do Olympique de Marselha, que estaria interessado nos serviços de Futre. Contudo, na mesma edição do jornal, Futre negou que tivesse falado há pouco tempo com Manuel Barbosa e afirmou que queria «*tranquilidade*» e pensava «*voltar a jogar quanto antes*».

Feirense-Setúbal: Efeitos suspensivos

A Federação de Futebol notificou o Vitória de Setúbal de que foi admitido o recurso do clube sadino à decisão de mandar repetir o encontro Feirense-Setúbal, do campeonato nacional da 1.ª divisão. O documento foi feito pelo jurista Vítor Hugo Valente, tendo sido dirigido ao pleno do Conselho de Justiça.

«*Tendo sido admitido o recurso, com efeitos suspensivos da decisão anterior, o resultado mantém-se (3-4, a favor do Vitória) até à decisão do pleno*» — referiu o responsável setubalense. O jogo Feirense-Setúbal é referente à 21.ª jornada do campeonato.

Vitória de Setúbal vence em França

O Vitória de Setúbal venceu o torneio internacional de futebol júnior de Guyancourt (França), ao derrotar, na final, o Racing Paris (por 3-0). A competição contou com a participação de 16 equipas em representação de diversos painéis.

«Magriço» José Carlos afastado do Fafe

As «chicotadas» continuam. Devido aos maus resultados averbados (nove triunfos, oito empates e dez derrotas) e com o previsível afastamento da luta pela subida à divisão de honra, os dirigentes do Fefe deram crédito aos protestos dos seus consócios e afastaram o «magriço» José Carlos do cargo de treinador da sua equipa.

Indisciplina e violência no jogo Gil Vicente-Freamunde

O encontro Gil Vicente-Freamunde, disputado no passado sábado, em Barcelos, foi caracterizado por excessiva indisciplina e a violência ultrapassou as bancadas e desceu às ruas da localidade, tendo sido danificadas diversas viaturas. No centro da ocorrência esteve o árbitro Mário Leal, que não soube impedir em tempo oportuno a excessiva virilidade utilizada pelos futebolistas e quando se recordou de que lhe cabia o papel de coordenador e disciplinador do espectáculo, já era bastante tarde. A batalha campal generalizou-se e dela foram protagonistas jogadores, adeptos de um e outro emblema e agentes policiais.

Nomear um árbitro sem boas credenciais para um jogo de alto risco foi mais um erro dos muitos que têm vindo a ser protagonizados pelos actuais dirigentes da arbitragem nacional.

Travões ao Cartão Jovem

Os jogos União da Madeira-FC Porto, Tirsense-Sporting e Feirense-Benfica, da 29.ª jornada do nacional de futebol da 1.ª divisão estão vedados ao Cartão Jovem, cujos portadores terão ao seu dispor bilhetes ao preço reduzido de 400 escudos nos restantes seis jogos da jornada, num total de 2900 entradas. Nas partidas Chaves-Guimarães, Setúbal-Beira Mar, Belenenses-Nacional e Braga-Marítimo existirão 500 bilhetes para os possuidores do Cartão Jovem e no jogo Estrela da Amadora-Penafiel foram reservadas 400 entradas.

S. Tomé e Príncipe: Taça

O Vitória de Riboque qualificou-se para a final da Taça de S. Tomé e Príncipe, ao vencer fora os Operários, por 3-0, em jogo de desempate das meias-finais. No 1.º encontro, as duas equipas tinham empatado (2-2). Na final, marcada para dia 28, o Riboque vai defrontar o 6 de Setembro que, nas meias-finais, derrotou o Andorinha, por 2-0.

Inglaterra: Lineker vai fazendo golos

Um solitário golo de Gary Lineker (o 25.º do avançado inglês na presente época) permitiu ao Tottenham vencer fora o Millwall (0-1) e ascender ao 4.º lugar do campeonato da Inglaterra. O tento de Lineker (obtido aos 49 minutos) confirmou o ponta de lança como o melhor marcador da Liga. Resultados dos outros encontros: Chelsea-Crystal Palace, 3-0; Coventry-Queen's Park Rangers, 1-1; Everton-Derby, 2-1; Norwich-Manchester City, 0-1; Nottingham Forest-Luton, 3-1. Classificação actual: Liverpool, 33 jogos/66 pontos; Aston Villa, 34/65; Everton, 35/58; Tottenham, 35/57; Arsenal, 33/54; Chelsea, 35/54; Southampton, 34/49; Nottingham Forest, 35/48; Norwich, 35/48; Queen's Park Rangers, 35/47; Wimbledon, 32/44; Manchester City, 35/44; Derby, 34/43; Manchester United, 33/41; Crystal Palace, 34/41; Sheffield Wednesday, 35/40; Luton, 35/34; Charlton, 34/40 e Millwall, 35/26.

Irlanda: Taça

O St. Patrick conquistou o seu 1.º título de campeão irlandês nos últimos 34 anos, ao derrotar o Droghera United (2-0). Foi a 4.ª vez, em 61 anos de historial, que o St. Patrick arrebatou o troféu, que lhe dá o direito de ser o representante da República da Irlanda na próxima edição das Taça dos Campeões Europeus.

Holanda: campeonato

O PSV Eindhoven manteve o comando do campeonato holandês ao vencer em casa o FC Utreque (por escasso 1-0), enquanto o Ajax goleava, em Amesterdão o Den Bosch, por 6-0. Outros resultados da 31.ª jornada: Roda JC-Vitesse, 0-1; FC Twente-Feyenoord, 1-0; Maastricht-Fortuna Sittard, 1-1; Den Haag-Groningen, 2-2; Sparta-Haarlem, 0-1 e Nec Nijmegen-Willem II, 2-2. Classificação: PSV Eindhoven, 31 jogos/45 pontos; Ajax de Amesterdão, 30/44; Vitesse, 31/38; FC Twente Enschede, 31/38; Roda JC, 31/37; Volendam, 30/34; Fortuna Sittard, 31/34; RKC Waalwijk, 30/33; Groningen, 31/32; Den Haag, 29/29; Sparta Roterdão, 31/27; Feyenoord, 31/26; FC Utreque, 31/26; Maastricht, 31/26; Willem II, 31/23; Den Bosch, 30/23; Nijmegen, 30/23; Haarlem, 30/14.

I Série N.º 90
Dia 18 de Abril
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministérios da Defesa Nacional e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 301/90:
Define os portos e áreas da Região Autónoma dos Açores em que a pilotagem é obrigatória.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 129/90:
Transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva n.º 83/182/CEE, do Conselho, de 28 de Março de 1983, relativa às isenções fiscais aplicáveis em matéria de importação temporária de certos meios de transporte.

Ministérios das Finanças, da Agricultura, Pescas e Alimentação e da Educação

Portaria n.º 302/90:
Institui para vigorar no continente e nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, durante o ano de 1990, uma ajuda comunitária ao leite escolar.

Ministérios das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 303/90:
Altera o quadro de pessoal do Centro de Saúde Mental de Évora.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 130/90:
Transpõe para a ordem jurídica nacional as Directivas n.ºs 77/489/CEE e 81/389/CEE, do Conselho, de 18 de Julho de 1977 e de 12 de Maio de 1981, relativas à protecção dos animais em transporte internacional.

Ministério da Indústria e Energia

Portaria n.º 304/90:
Estabelece o valor mínimo da garantia do seguro obrigatório de responsabilidade civil, a celebrar pelas entidades instaladoras de redes de gás ou montadoras de aparelhos de gás para o ano civil de 1990, em 30 000 000$.

Ministérios da Indústria e Energia e do Ambiente e Recursos Naturais

Portaria n.º 305/90:
Fixa a necessária correspondência entre o disposto nos artigos 22.º e 23.º do Decreto-Lei n.º 189/88, de 27 de Maio, e o regime de preços de energia eléctrica consubstanciado no sistema tarifário celebrado por convenção.

Ministério da Educação

Portaria n.º 306/90:
Aplica os regimes de reingresso, mudanças de curso e transferência previstos na Portaria n.º 826/82, de 30 de Agosto, aos estudantes do ensino superior que sejam praticantes de alta competição.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 307/90:
Actualiza as remunerações dos órgãos de fiscalização dos concursos de apostas mútuas organizados pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu pouco nublado e vento moderado de Norte, soprando por vezes forte no litoral Oeste. Subida das temperaturas máximas, estando previstas 20 graus em Lisboa, 19 no Porto e 25 em Faro.

Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga a cavado com ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã: Céu pouco nublado ou limpo. Vento Norte fraco a moderado.

Depois de amanhã: Períodos de céu muito nublado. Vento Norte moderado a forte. Aguaceiros nas regiões do Norte e Centro. Pequena descida da temperatura.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste forte a muito forte. Mar grosso a alteroso com ondulação Nordeste de 3 a 4 metros na Costa Norte e mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Sueste de 2 metros na Costa Sul.

No Funchal: - Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco.

Amanhã: - Períodos de Céu muito nublado e vento Nordeste forte, soprando geralmente fraco no Funchal.

Depois de Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste forte, soprando geralmente fraco no Funchal.

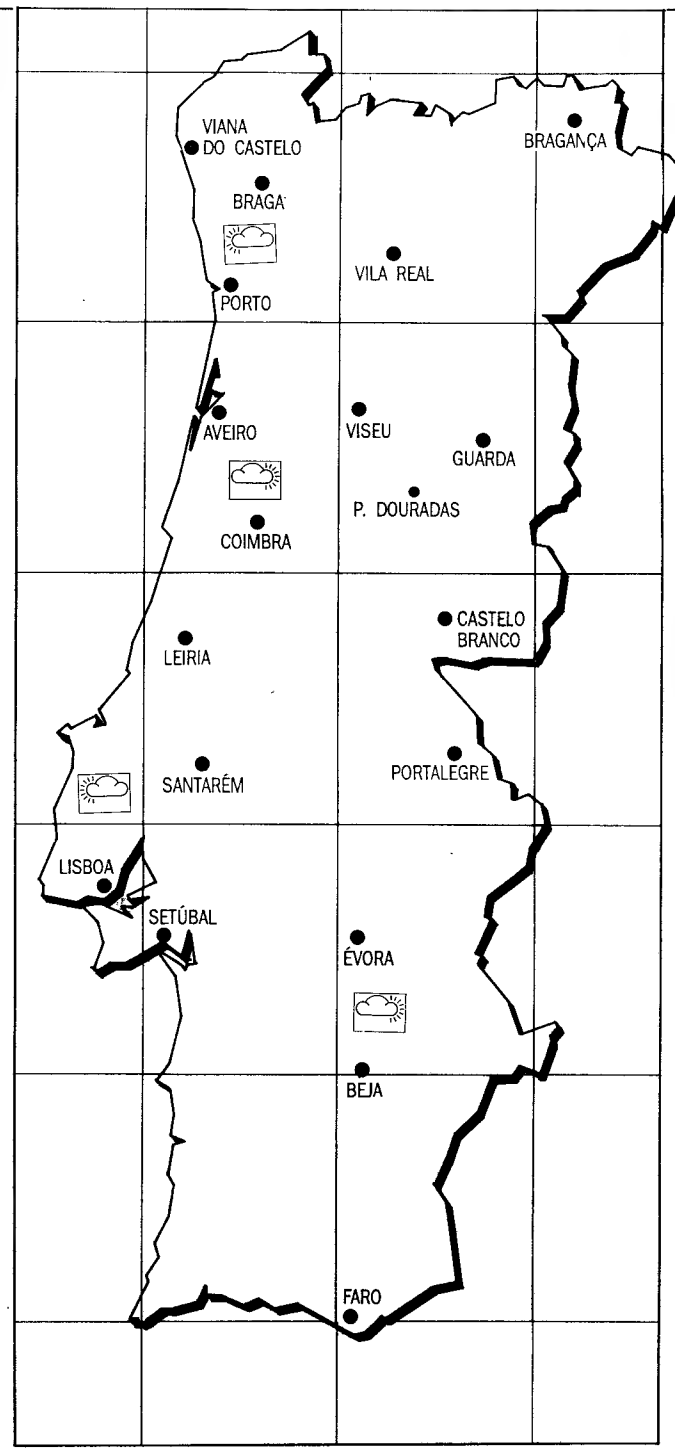
AÇORES

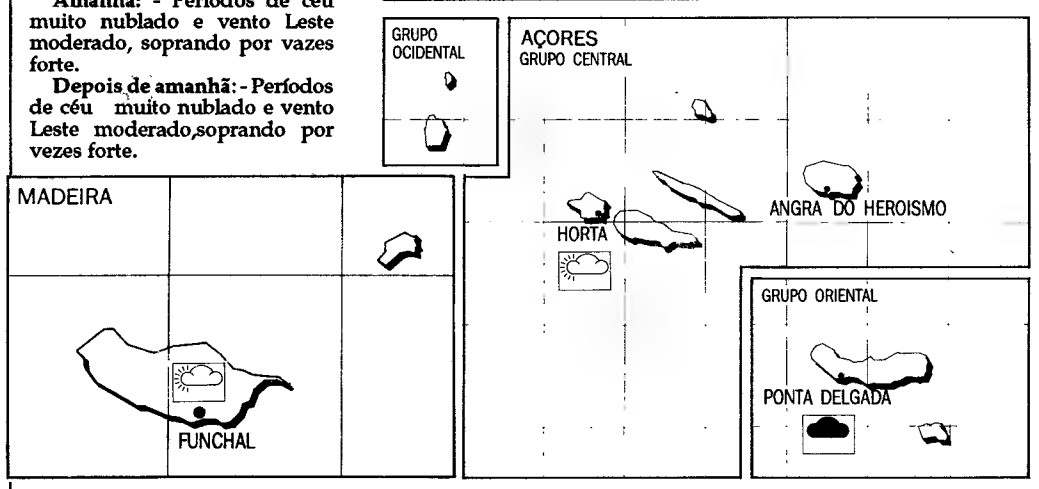
Grupo Ocidental: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado. Mar cavado com ondulação Norte de 1 a 2 metros.

Grupos Central e Oriental: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado, soprando por vezes forte. Mar cavado a grosso com ondulação Norte de 2 metros.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado, soprando por vazes forte.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado, soprando por vezes forte.





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.41	2,6m	02.54	1,5m
22.09	2,8m	15.22	1,6m

Amanhã

11.10	2,7m	04.23	1,5m
23.22	2,9m	16.53	1,6m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	-	0	P. nub.
V. Castelo	-	9	P. nub.
Vila Real	-	4	P. nub.
Porto	-	7	P. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	-	6	P. nub.
C. Carvoeiro	-	11	Limpo
C. Branco	-	8	P. nub.
Portalegre	-	10	P. nub.
Lisboa	-	10	P. nub.
Évora	-	8	P. nub.
Sines	-	9	Limpo
Beja	-	8	Limpo
Faro	-	14	Limpo
Sagres	-	12	P. nub.
P. Delgada	-	13	M. nub.
Horta	-	15	M. nub.
Funchal	-	15	P. nub.

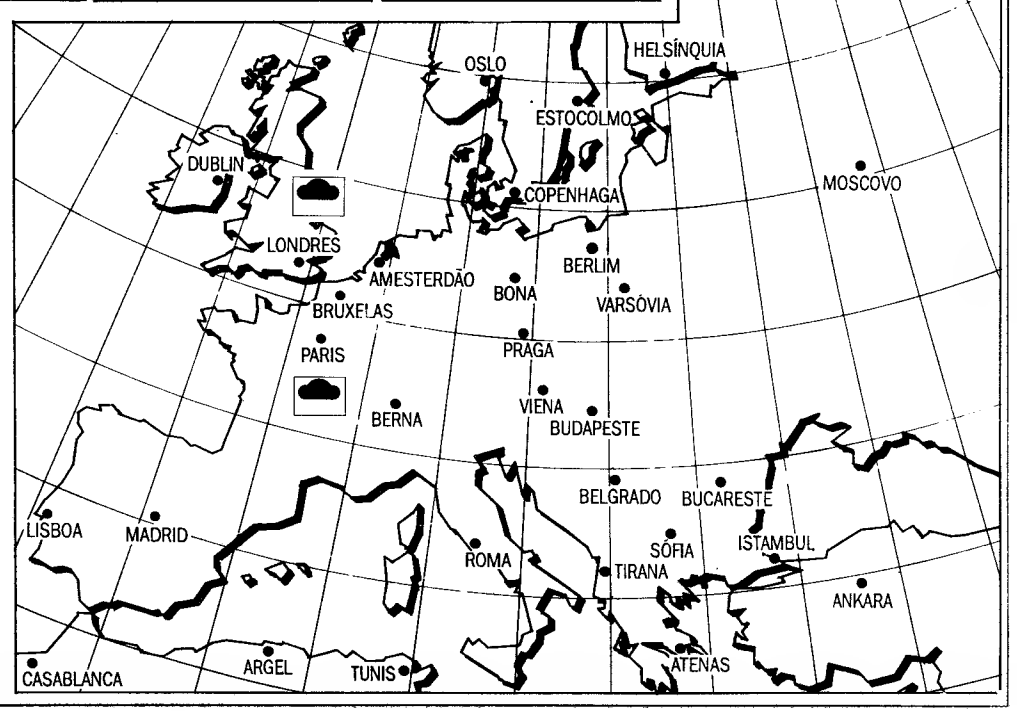
EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	-	3	P. nub.
Londres	-	3	P. nub.
Paris	-	2	Chuva
Bruxelas	-	4	Chuva
Amesterdão	-	5	Chuva
Genebra	-	4	M. nub.
Roma	-	10	Bruma
Oslo	-	0	Ch. e neve
Copenhaga	-	6	P. nub.
Estocolmo	-	4	M. nub.
Berlim	-	4	Nebliua
Viena	-	5	M. nub.
Varsóvia	-	10	M. nub.
Atenas	-	14	P. nub.
Moscovo	-	10	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-6	15	Limpo
Houston	15	22	Trovoada
Los Angeles	11	21	Limpo
Montreal	-4	5	Limpo
Nova Iorque	4	11	Limpo
S. Francisco	10	16	P. nub.
Toronto	-2	8	Limpo
Vancover	7	17	Limpo
Washington	-	-	-
Hong Kong	18	24	Chuva
Melbourne	11	18	Chuva
Pequim	7	16	Chuva
Perth	12	23	Limpo
Singapura	24	32	Aguaceiros
Sydney	15	20	Limpo
Tóquio	12	16	Aguaceiros
Wellington	8	19	Aguaceiros

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alameda D. Afonso Henriques: Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Bairrão, Rua Prior do Crato, 27, Tel. 661321; **Anjos (ao Cinema Roxy):** Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; **Av. Roma (Bairro São Miguel):** São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; **Baixa:** Morão, Rua Assunção, 17-19, Tel. 878269; **Belém - Altinho:** Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 363193; **Chelas - Zona N.º 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Estados Unidos:** Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; **Lapa:** Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Luz - 2.ª Circular:** J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, Tel. 726069; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Sebastião:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A - Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; **Alvalade:** Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; **Arco Cego:** Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; **Benfica - Portas Benfica:** Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; **Campo de Ourique:** Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Madre de Deus:** Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Penha de França:** Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; **Príncipe Real - São Bento:** Confiança, Praça das Flores, 59-60, Tel. 670401; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** São Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Permanente; Dias & Brito, Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Vasconcelos, Est. Part. Henr. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 295, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Pragal, R. Dir.ª Pragal, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Normal, Av. Alfredo Silva, 116, Tel. 2073035. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

MENOS DESPESAS COM O ESPAÇO

pede o senador Edmund Muskie

OS MELHORES VOLANTES EM COIMBRA

Sines recusam-se a falar aos jornalistas em Tavira

Menos despesas com o espaço

Deveria ser reduzido o esforço financeiro para a conquista espacial a fim de permitir enfrentar as realidades internas - declarou ontem à noite Edmund Muskie, senador do Maine e antigo candidato à vice-presidência dos estados Unidos, a propósito do malogro da Apolo-13.

Bancários: novo contrato

Ao cabo de quase um ano de luta sindical, os bancários acabam de conseguir algumas das regalias que reivindicavam, aguardando, agora, apenas a homologação do seu novo contrato pelo ministro das Corporações. «Vantajoso, apesar de tudo» - dizem os bancários.

Novo sismo no golfo do Alasca

Pela terceira vez em oito dias, registou-se forte tremor de terra no golfo do Alasca - anunciou o centro nacional de detecção sísmica. O fenómeno verificou-se às 2 e 16 (hora de Lisboa) e atingiu o grau 6 da escala de Richter.

EFEMÉRIDES

1792

• O poeta português, Tomás António Gonzaga, é condenado a degredo perpétuo em Moçambique, sob a acusação de ter participado na tentativa de revolta conhecida por «inconfidência mineira».

1949

• É proclamada a República do Eire (Irlanda).

1951

• Morre o marechal Óscar Carmona, que foi Presidente da República Portuguesa.

1955

• Principia a conferência afro-asiática de Bandung (Indonésia) que daria origem ao Movimento dos Países Não-Alinhados. Morre, em Princetown (EUA) o físico e matemático Albert Einstein.

1957

• Representantes da Birmânia, Ceilão, India, Indonésia, Iraque, Japão e Síria reúnem-se, pela primeira vez, em Nova Deli, no âmbito do Comité Consultivo da Ásia.

1978

• O Senado norte-americano aprova a cedência gradual do canal do Panama a este país.

1983

• Um carro armadilhado explode defronte da embaixada dos EUA em Beirute, causando 28 mortos e 105 feridos.

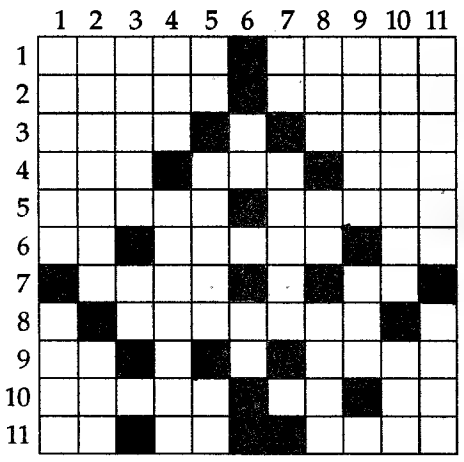
1987

• Morre Cecil Harmsworth King, 86 anos, antigo editor britânico que fundou e dirigiu um império de 220 publicações, incluindo o jornal «Daily Mirror».

1988

• É anunciado, em Lisboa, o desaparecimento de Evo Fernandes, antigo secretário-geral da Renamo.

PALAVRAS CRUZADAS



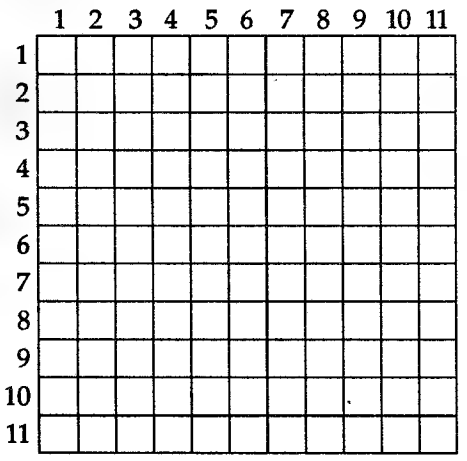
PROBLEMA N.º 17901

HORIZONTAIS:

1 - Pista. Apagas.
2 - Prendeis. Serra de Portugal.
3 - Lusitano. Acaso.
4 - Tempo do verbo haver. Filtra. Ave pernalta.
5 - Cidade do Japão. Surripiai.
6 - Abreviatura de Santíssimo. Freguesia do concelho de Torres Novas. Reis.
7 - Engano. Apelido.
8 - Ataviara.
9 - Prefixo de privação. Tosto.
10 - Cobres. Antiga unidade monetária da Alemanha. Abreviatura que se usa em música.
11 - Preposição e artigo. Samário (s.q.). Pequena enseada.

VERTICAIS:

1 - Gritarias. Satanás.
2 - Tratasse por tu. Recusa.
3 - Peneira. Batráquio.
4 - Irmão do pai. Deslizavas.
5 - Ósmio (s.q.). Animação. Samário (s.q.).
6 - Porco. Pertences.
7 - Apelido. Excita.
8 - Arara. Autores. Ramada.
9 - Executam. Sadias.
10 - Efeminara. Solitários.
11 - Curais. Coisa encharcada em água.



PROBLEMA N.º 16711

HORIZONTAIS:

1 - Cobalto (s.q.). Rio de Portugal. Antes de Cristo.
2 - Planta gramínea, cultivada nos terrenos húmidos. Folha de parreira.
3 - Óleo de sardinha (Prov. minh). Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!
4 - Fita. Série de arcos.
5 - Reis. Atar. Brisa.
6 - Letra grega. Cantiga.
7 - Agora. Tirar uma carta do baralho, no jogo da bisca.
8 - Acredita. Fundador do Islamismo.
9 - Nome do trono imperial da Etiópia. Verbal.
10 - Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso. Idem. O mesmo que três.
11 - Arsénio (s.q.). Gostariam muito de.

VERTICAIS:

1 - Apelido de um dos vice-reis da Índia. Pesquisa.
2 - Verbais. Guarneces com orla ou cercadura.
3 - Escarnecer. Crava.
4 - Terra dos Somális. Membro de ave.
5 - Arraial (ant.).
6 - Concluiria.
7 - Artífice. Doutor.
8 - Batráquio. Alcunho (fig.).
9 - Artéria. Ajusta.
10 - Terra lavrada. Armaria.
11 - Disfarçar (fig.). Ave também conhecida por fura-bucho.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17.900

HORIZONTAIS: 1 - Acabo. Pisas. 2 - Lama. O. Roma. 3 - Alistaremos. 4 - Paga. Nara. 5 - Ado. Mesão. 6 - Adia. 7 - Ariscas. 8 - Ambas. Amear. 9 - La. Arre! 10 - Mirar. Pr. Pg. 11 - Os. Me. Garoa.
VERTICAIS: 1 - Alapa. Salmo. 2 - Calado. MAIS. 3 - AMIGO. Ab. 4 - Basa. Aramam. 5 - Adis. Re. 6 - Oaú. Si. A. 7 - Maçã. Pg. 8 - Irene. Amara. 9 - Somas. Ser. 10 - Amoras. Arpo. 11 - Sasão. PREGA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16.710

HORIZONTAIS: 1 - Raba. Regina. 2 - Épico. Saras. 3 - Na. Aprova. 4 - Arara. Ia. Ad. 5 - To. Co. Clã. 6 - Qui. Calma. 7 - Urra. Chaves. 8 - Piara. 9 - Ogro. Ar. Cu. 10 - Te. La. Adoro. 11 - Casam. Sós.
VERTICAIS: 1 - Rena. Quioto. 2 - Apar. Ur. Ge. 3 - Bi. Atirar. 4 - Ácaro. Olá. 5 - Ás. 6 - Cacia. 7 - Espiolharam. 8 - Gara. Mar. 9 - Iró. Cavacos. 10 - Naval. Uro. 11 - Asada. Só. Os.

PROVÉRBIO: O MAIS AMIGO A PREGA.

CARTAZ

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Filme de Rob Reiner
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

ALFA 5
CAMPO DE SONHOS
Filme de Phil Aldeu Robinson
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
.T. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
M/6 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A -T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 -T. 776098
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
PRAZERES INDECENTES
Hard-core-1ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 -T. 324194
JEANS TONIO
Filme de Mário Imperoli
M/13 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
BAPTISMO DE FOGO
M/18 anos - Às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 -T. 573407
SUPER GIRLS EM 3-D
Hard-core-1ªescalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO
De Jiri Truka, às 18.30
UM SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO
De Max Reinhardt, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F -T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

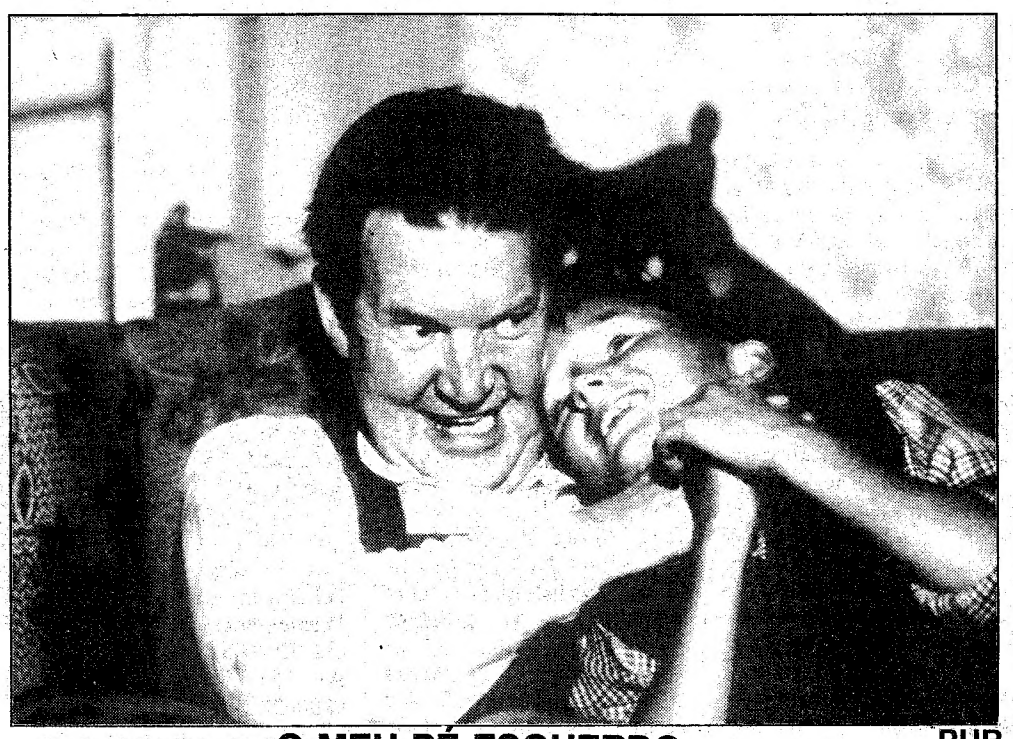
FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA



O MEU PÉ ESQUERDO
Em exibição Quarteto Sala 1 — Qualidade — **PUB** Maiores 12 anos

Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 19.15 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A -T. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14, 16.30, 19 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/12 anos - Às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
A HONRA DO CAMPEÃO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
R. dos Condes, 13 - T. 325309
RATA BORRALHEIRA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de Stª Antão - T. 326305
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30

7ª ARTE
Av. da República - T. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.45, 17, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade,9 - T. 3468446
CAMPO DE SONHOS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

A L M A D A

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Sala 1
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.15 e 21.45 horas.

O PESCADOR
Telef. 2905350

GEOBRA — GABINETE DE ESTUDOS DE DECORAÇÃO E OBRAS, S.A.

Capital Social
Esc.: 2 000 000$00
Registada na Conservatória Comercial de Lisboa sob o n.º 40 716

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCAÇÃO

Convoco a Assembleia Geral da Geobra — Gabinete de Estudos de Decoração e Obras, S.A. para se reunir em sessão ordinária, às 9.00 horas do dia 30 de Abril de 1990, em Lisboa, na Rua dos Açores, n.º, 54-1.º, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Apreciar e aprovar ou modificar o relatório do Conselho de Administração, Balanço, Contas e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 1989.
2.º Eleger os Corpos Sociais.
3.º Tratar de assuntos de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 16 de Abril de 1990.

O Presidente da Assembleia Geral
Artur Guimarães

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução ordinária n.º 6909, 1.ª secção.

Exequentes — TEÓFILO CARAPETO DIAS.

Executado — JOSÉ ANTÓNIO FIGUEIREDO BENITO GARCIA, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Av. do Lago, 146-B, bloco 2, r/r dt.º, Monte Estoril.

Lisboa, 5 de Abril de 1990

O Juiz de Direito,
Ass. ilegível

O Escrivão de Direito,
Ass. ilegível

«DL» 1.ª pub. 18/4/90

JUNTA DE FREGUESIA DE CAPARICA

EDITAL N.º 10/90

BENTO SILVEIRA RAÇÕES, Presidente da Junta de Freguesia de Caparica, faz público que, de acordo com o Regulamento dos Cemitérios, serão exumados (LEVANTADOS), no Cemitério do Monte de Caparica, a partir de 7 de Maio de 1990, os seguintes covais:

23.ª Secção, n.ºs — 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 31; 32; 33; 34; 35; 36; 37; 38; 39; 40; 41; 42; 43; 44; 45; 46; 47; 48; 49; 50; 51; 52; 53; 54; 55; 56; 57; 58; 59; 60; 61; 62; 63; 64; 65; 66; 67; 68; 69; 70; 71; 72; 73; 74; 75; 76; 77; 78; 79; 80; 81; 82; 83; 84; 85; 86; 87; 88; 89; 90; 91; 92; 93; 94; 95; 96; 97; 98; 99; 100; 101; 102; 103; 104; 105; 106; 107; e 108.

Pelo que ficam avisados os responsáveis destas sepulturas que, devem proceder ao respectivo levantamento até ao dia 7 de Maio de 1990, dirigindo-se à secretaria do Cemitério de 2.ª a 6.ª-feira, das 9 horas às 12 horas ou das 14 horas às 17 horas.

Caso não compareçam, a Junta de Freguesia procederá aos levantamentos e os restos mortais serão trasladados para a Vala.

E para constar se passou o presente «Edital» que vai ser publicado e afixado nos lugares de estilo desta Freguesia.

Caparica, 6 de Abril de 1990.

O Presidente,
Bento Silveira Rações

CARTAZ

A DANÇA DE 2 VIDAS
M/12anos - Às 15.30 e 21.45

C A S C A I S

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841744
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
VALMONT
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS

Sala 1
Telef. 2479144
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA

Sala 1
Av. das Descobertas - T. 4439759
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

S I N T R A

AMADORA
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T 4934871
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
Encerrado p/descanso do pessoal

QUELUZ
KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

SALA 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

SALA 3
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO
LISBOA

ABC

Parque Mayer
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom às 16.00
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLESIAS
De Filipe La Féria

A BARRACA
(Cinearte)

Largo de Santos, 2 - T. 665360
Dias 17 e 18 às 21.30
CALAMITY JANE
De Helder Costa

CHAPITÔ

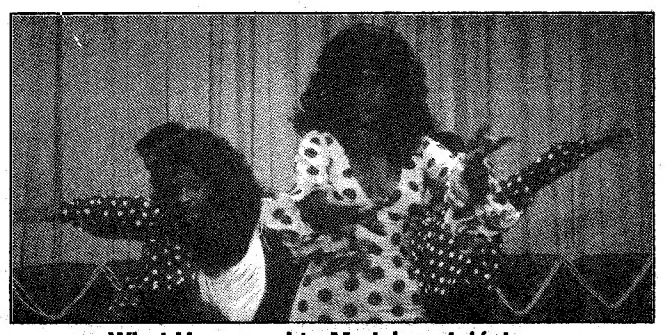
R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes

CINE - TEATRO
DA ENCARNAÇÃO

T. 8510203
De 4ª a 6ª às 21.30.
Sáb. às 15.00 horas.
O MONTE
Pelo grupo de teatro amador «O Culto da Máscara»

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.



«What Happened to Madalena Iglésias», agora em cena no ABC

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb às 21.30.
Dom. Feriados. às 17.00
O FIM
De António Patrício

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - T. 897017
3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45.
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Pedroso, 16-A - Algés - T. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Sáb. e Dom. às 17.00
AS PULGAS
De Cunha Leiradella, pela Comp. Persona.

MUNICIPAL S. LUIZ

R. António Mª Cardoso - T. 327172
Às 21.30
QUADRANTE
Com Paulo Autran

TRINDADE

R. Nova da Trindade - T. 320000
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
CASINO ESTORIL

T. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30
sáb. às 18.00 e 21.30.
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria

ODIVELAS
TEATRO
DA MALAPOSTA

T. 9873299
De 3ª a sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky

PORTO
TEATRO SÁ
DA BANDEIRA

T. 2003595
5ª às 21.30,
6ª e sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas

EXPOSIÇÕES

I N A U G U R A M

CARMINA SAMUEL - Pintura
Mãe d'Água - Praça das Amoreiras (Inaugura dia 19, às 19 e 30)
COLECTIVA DE ESCULTURA - Artistas caldenses
Galeria Almada Negreiros/SEC (Inaugura dia 19, às 18 horas. 10/20 horas, excepto segundas-feiras)
HELENA ALMEIDA - Pintura tridimensional e obras em papel
Galeria Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Poiais, 111 - (Inaugura dia 19, às 22 horas. 11/13 e 15/19 horas, excepto domingos. Até 19 de Maio)
JOÃO SANTIAGO - Pintura e desenho
Casino Estoril (Inaugura dia 20, às 22 horas. Diariamente entre as 15 e as 24 horas. Até 7 de Maio)
MARIA GABRIEL - Desenhos recentes
Galeria Arcada - Estoril (Inaugura dia 19, às 22 horas. 11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 14 de Maio)
UNO HOFFMANN - Trabalhos recentes
Centro de Arte Moderna (Inaugura hoje, às 18 horas)

L I S B O A

150ª ANIVERSÁRIO DO MONTEPIO GERAL - Exposição que ficará assinalada pelo carácter censório que levou à exclusão de um trabalho de João Queiróz e a solidariedade dos que retiraram as suas obras. Convidados os artistas que a organização considerou jovens e representativos da dinâmica da arte portuguesa contemporânea, o resultado revela-se caótico. Sem pôr em dúvida a representatividade, parece discutível a juventude. Se alguma existe, então será na organização, montagem e sobretudo no catálogo, que não soube cuidar minimamente, e onde previlegia alguns artistas, com mais do que uma reprodução, em detrimento de outros, ausentes. Para já não falar no infeliz espaço do Palácio Foz, mesmo que o argumento seja a acessibilidade de um público mais vasto. Ora esse público, dificilmente conciliará os horários dos transportes públicos com os horários e os três lanços de escada do Palácio.
Palácio Foz (Diariamente, entre as 11 e as 19 horas. Até dia 29)

JE EST UN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje. Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

PEP AGUT - Graça Fonseca parece previlgiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Coimbra. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofo dialogam com a *pele* mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.

Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

A L M A D A

30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras)

ESTORIL
JOH - "Magnificências", esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)

OEIRAS
LAURA CEZZANA - Pintura
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas. Até 1 de Maio)

J.F.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 29/90

OBRAS PRECONIZADAS NO AUTO DE VISTORIA E POSSE ADMINISTRATIVA

Faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos do artigo 10.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas e por meu despacho de 23 de Fevereiro de 1990, por delegação de competência de Sua Ex.ª O Presidente (Despacho n.º 101/P de 22 de Janeiro de 1990), a Sr.ª D. MIQUELINA DA CONCEIÇÃO M. MONTALVÃO, ausente em parte incerta, na qualidade de proprietária do prédio situado na Rua Luciano Cordeiro, n.º 13/13-A torneja Rua Nogueira e Sousa, n.º 1/7, em Lisboa, a cumprir com as conclusões do auto da Comissão Permanente de Vistorias de 14 de Janeiro de 1982 e respectivo aditamento de 24 de Janeiro de 1986.
As obras deverão ser iniciadas no prazo de 15 dias findo o dos éditos e concluídas nos 30 dias seguintes.
Foi determinada a ocupação do prédio para execução coerciva ao abrigo do disposto no artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, no caso de as obras não serem iniciadas ou concluídas nos prazos para o efeito respectivamente fixados.
NOTA I: Para a realização das obras intimadas, deverá ser levantada uma licença nas condições 1.ª à 3.ª e 11.ª, que será passada pelo prazo de 30 dias e que se encontrará a pagamento durante 5 dias a contar do 10.º dia da data da intimação, devendo juntar um termo de responsabilidade no prazo de 8 dias.
NOTA II: O auto de vistoria e respectivo aditamento fazem parte do processo 48 546/81 e encontram-se à disposição do intimado, para efeitos de consulta, na respectiva Zona dos Serviços de Fiscalização — Rua 1.º de Dezembro, n.º 120.

Paços do Concelho de Lisboa, em 3 de Abril de 1990

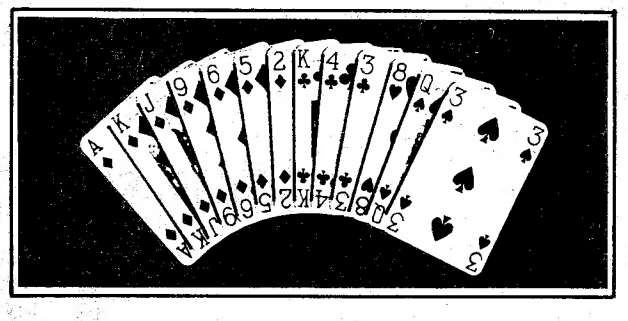
O Vereador,
Vasco Franco

FESTIVAL DE BRIDGE DO ESTORIL

II TORNEIO INTERNACIONAL DE EQUIPAS
ESTORIL-SOL

*****

HOTEL ESTORIL-SOL
24, 25 e 26 de ABRIL 1990



V GRANDE PRÉMIO DE PORTUGAL
TORNEIO DE PARES OPEN

27, 28 e 29 Abril 1990
PAVILHÃO DE CONGRESSOS DO ESTORIL

Patrocinadores:
CASINO ESTORIL
GODIVA CHOCOLATIER
BOUTIQUE GLÓRIA
CERVEJAS SAN MIGUEL

esfera

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

COMISSÃO DE TRABALHO, SEGURANÇA SOCIAL E FAMÍLIA

ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES E SINDICATOS

Nos termos e para os efeitos dos artigos 55.º, alínea d), e 57.º, n.º 2, alínea a), da Constituição, do artigo 143.º do Regimento da Assembleia da República, e da Lei n.º 16/79, de 26 de Maio (participação das organizações de trabalhadores na elaboração da legislação do trabalho), avisam-se as entidades acima referenciadas de que se encontra para apreciação, e no prazo abaixo indicado, o diploma seguinte:

— Projecto de Lei n.º 490/V (COMBATE À DISCRIMINAÇÃO DOS REPRESENTANTES ELEITOS DOS TRABALHADORES), DE 13 DE ABRIL A 14 DE MAIO DE 1990.

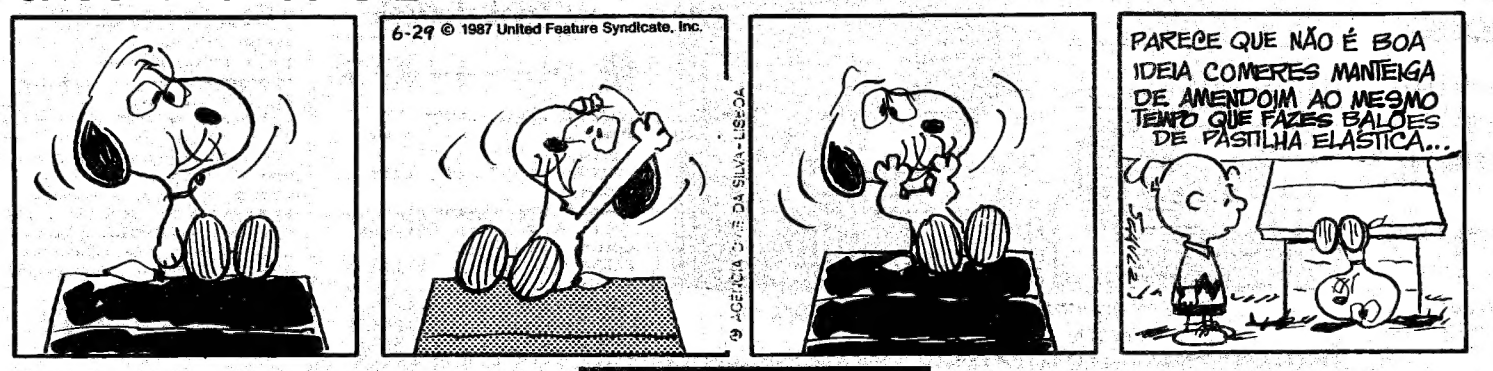
As sugestões e pareceres deverão ser enviados, até à data limite acima indicada, em carta dirigida à Comissão de Trabalho, Segurança Social e Família, Assembleia da República, Palácio de S. Bento, 1298 Lisboa Codex. Dentro do mesmo prazo, os sindicatos e as comissões de trabalhadores poderão solicitar audiência à Comissão de Trabalho, Segurança Social e Família, devendo fazê-lo por escrito, com indicação do assunto e fundamento do pedido.

O texto do referido diploma encontra-se publicado na Separata n.º 24/V do «Diário da Assembleia da República» de 17 de Abril de 1990, podendo ser adquirido nos seguintes locais:

Assembleia da República

Lojas da Imprensa Nacional — Casa da Moeda

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - CLÍNICA GERAL
17.35 - A HORA DO LECAS
18.30 - RUA SÉSAMO
118º programa.
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.30 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Amor e Compaixão»
23.20 - 24 HORAS
23.55 - UM DIA...
Com Artur Varatojo
00.00 - REMATE
00.10 - CARTAS DE HUMOR
Com Vítor Norte

RTP-2

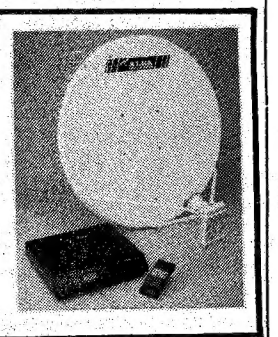
16.55 - O LICEU DEGRASSI
1º episódio de uma série dedicada ao mais jovens: quando Stephanie inicia um novo período escolar, decide candidatar-se a presidente da associação de alunos do liceu, e a sua melhor amiga, Voula, oferece-se para dirigir a sua campanha. No entanto, Voula depressa muda de ideias, quando Stephanie começa a campanha com beijos e promessas completamente loucas...

Às 16.55 no 2º Canal, o 1º episódio da série juvenil «O Liceu Degrassi»

No 1º Canal, às 16.40, «Clínica Geral»

17.20 - UM MISTÉRIO MISTERIOSO
17.45 - A ROTA MARÍTIMA DA SEDA
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
85º episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 42º episódio.
20.40- VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O RISO DE CAIM
1º episódio: com seis episódios de uma hora cada, esta série é uma co-produção de várias cadeias de televisão e produtoras cinematográficas de França, Luxemburgo e Alemanha, segundo a obra de José-André Lacour. Tendo como tema principal a rivalidade entre irmãos, que perdura através dos séculos desde o confronto entre Caim e Abel, a história de Lacour aborda o afastamento entre Teddy e o seu irmão Rocky. A acção passa-se na Europa turbulenta de 1930 a 1950
22.55 - SÉCULO XX
«A Caminho da Guerra»
23.20 - KENNY DOLLY AND WILLIE
Gravado ao vivo em Cabo Canaveral em Maio de 1989, este programa reúne três nomes lendários da música popular norte-americana: Kenny Rogers, Dolly Parton e Willie Nelson.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

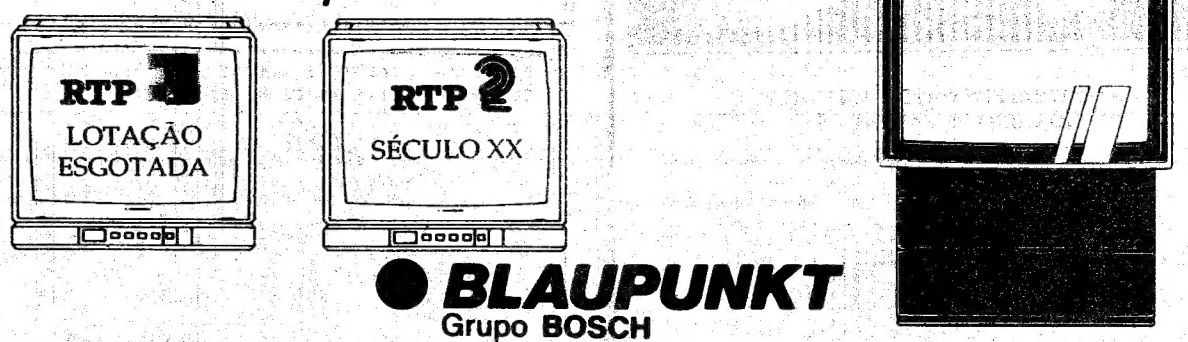
RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.35 - CLÍNICA GERAL
17.30- BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - SOFIA E CONSTANÇA
22.10 - CONVERSAS VADIAS
23.35 - MURPHY BROWN
23.10 - 24 HORAS
23.40 - UM DIA
23.45 - REMATE
23.55 - CARTAS DE HUMOR
Com Carlos Paulo

RTP-2

14.02 - TELEMERCADO
14.30 - PRIMEIRO JORNAL
14.45 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - FILHOS E FILHOS
15.20 - AGORA, ESCOLHA!
16.45 - OS CENTURIÕES
17.10 - NOVO ELUCIDÁRIO MADEIRENSE
17.40 - OS DESAFIOS DA LEI
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - 5ª DIMENSÃO
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

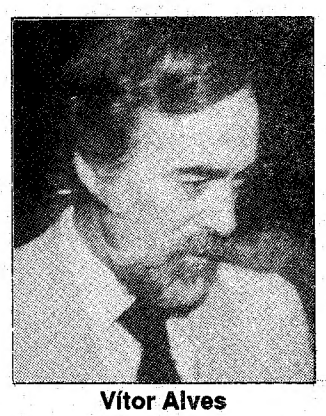
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«Não me candidatarei para ter 20 por cento»
Francisco Lucas Pires, «Público», 18.04.90

A PERGUNTA DO DIA



Vítor Alves
tenente-coronel
na reserva

Que 25 de Abril fazia hoje?

«Basicamente o mesmo. Se pensarmos que os três grandes objectivos da revolução eram democratizar, descolonizar e desenvolver (os célebres três D), não podemos deixar de sentir a sua grande actualidade, face ao que desde Outubro do ano passado se verifica no Leste da Europa.

Que outro 25 de Abril, mesmo em 1990, não contemplasse esse grande desígnio que é a liberdade?

É evidente que procuraria evitar erros que se cometeram, fantasias que tiveram os seus custos e ingenuidades que permitem, ainda hoje, que os nossos detractores continuem a falsear a verdade histórica.

É óbvio que teria empenhado grande parte dos nossos esforços na componente cultural da revolução, o que infelizmente não fizemos. Mas, ao fim e ao cabo, nas suas grandes linhas, o 25 de Abril seria o que foi.»

Quinta-feira no
Diário de Lisboa

Colóquio sobre o 25 de Abril

A Urgência do Hospital de São José em Grande Angular

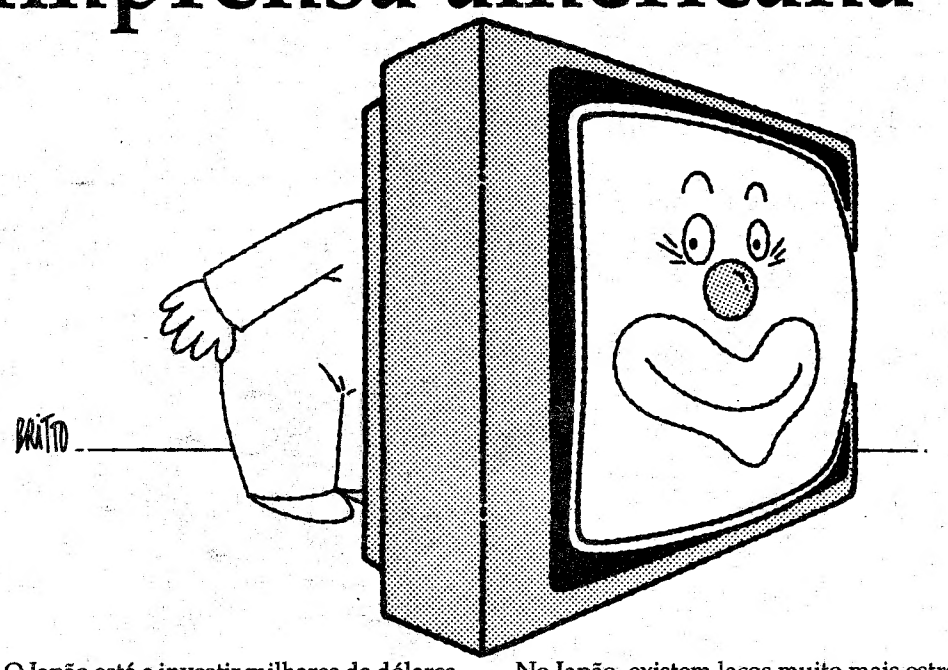
Artigos de A. Duarte Rodrigues e F. Alberoni

Tudo sobre o Benfica/ Marselha

MEDIA

Os nipónicos estão a investir em força na comunicação social dos Estados Unidos. À primeira vista, a sua intenção é a de dar a conhecer aos americanos a realidade do Japão. No fundo trata-se, porém, de uma grande operação de relações públicas

Japoneses «ajudam» Imprensa americana



O Japão está a investir milhares de dólares na comunicação social americana, por forma a conquistar a opinião pública nos Estados Unidos. Só este ano, prevê-se que firmas, fundações e agências governamentais japonesas invistam cerca de 250 milhões de dólares nos media americanos, além dos 100 milhões gastos na contratação de advogados e peritos em relações públicas.

Este investimento tem levantado muitas questões acerca da cobertura noticiosa americana em tudo o que se relaciona com o Japão, pois além dos patrocínios a programas de rádio e de televisão, os nipónicos estão igualmente a subsidiar as investigações de muitos especialistas universitários americanos nas relações entre o seu país e o Japão.

No que se refere à Imprensa escrita, os japoneses estão utilizar um método também muito praticado por outros países: através do Centro de Imprensa do Japão - vagamente ligado ao ministro japonês dos Negócios Estrangeiros - centenas de jornalistas são convidados a passar duas semanas em Tóquio, com tudo pago, a fim de fazerem reportagens. Além disso, a Fundação Estados Unidos-Japão oferece bolsas aos jornalistas interessados em escrever sobre o Japão.

A mais importante influência japonesa na Imprensa exerce-se, todavia, a nível dos especialistas a que os jornais recorrem para fazerem análises ou recolherem informações.

Na verdade, há poucos que não dependam dos fundos japoneses para as suas investigações. Este problema põe-se com maior aquidade nos artigos de opinião.

No campo da televisão, os investimentos japoneses iniciaram-se em meados dos anos 80. Em 1984, o Centro Japonês para a Informação e Assuntos Culturais estabeleceu um contrato com a Cable News Network para patrocinar um programa intitulado «This week in Japan», que continua a ser transmitido na CNN.

Um ano antes, tinha sido criada uma empresa, a Telejapan, cujo objectivo é produzir programas televisivos. Entre os seus clientes, contam-se Christian Broadcasting Network, a USA Cable Network e algumas estações públicas. Todas estas entidades aparecem como patrocinadores e estão devidamente reconhecidas. Todas, excepto uma: o Governo japonês.

No Japão, existem laços muito mais estreitos entre o Executivo e as empresas, do que nos Estados Unidos e nenhuma tomaria a decisão de patrocinar programas televisivos na América do Norte sem o prévio consentimento governamental. O Centro Japonês para a Informação e Assuntos Culturais, por exemplo, trabalha na dependência directa do ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país, enquanto a Telejapan está sob a tutela do Ministério do Comércio Internacional e da Indústria.

O grande esforço das fundações e firmas japonesas está a virar-se agora para os noticiários das televisões públicas. Desde o passado mês de Junho, a NEC Electronics está a subsidiar a transmissão de um programa noticioso diário intitulado «Today's Japan» e que está a ser emitido em estações públicas. O programa é produzido pela NHK, uma grande produtora sediada em Tóquio e bastante próxima do Governo nipónico.

Os esforços japoneses para influenciar a opinião pública americana passam igualmente pelo financiamento de programas de rádio e da cobertura da actualidade japonesa. Só a National Public Radio recebe anualmente 100 mil dólares, com os quais suporta quatro correspondentes no Japão e no Extremo Oriente.

Perante esta situação, levantam-se várias questões quanto à situação da comunicação social americana. O que podem fazer os Estados Unidos para assegurar que a sua Imprensa não se transforma em veículo de relações públicas japonesas? Tal perigo obriga os jornalistas a terem várias cautelas suplementares na identificação das fontes de informação, bem como dos autores de artigos de opinião.

Da mesma forma, a rádio e televisão terão de ser mais cuidadosos no que se refere aos patrocínios para os seus programas, sobretudo se estes forem dedicados ao relacionamento económico entre os dois países. Não será igualmente demais reavaliar os critérios de cobertura dos acontecimentos internacionais, em particular no que diz respeito à economia internacional, onde os Estados Unidos e o Japão aparecem frequentemente em conflito.

adaptação de um artigo da «Columbia Journalism Review»

meteorologia

A pedra em casa

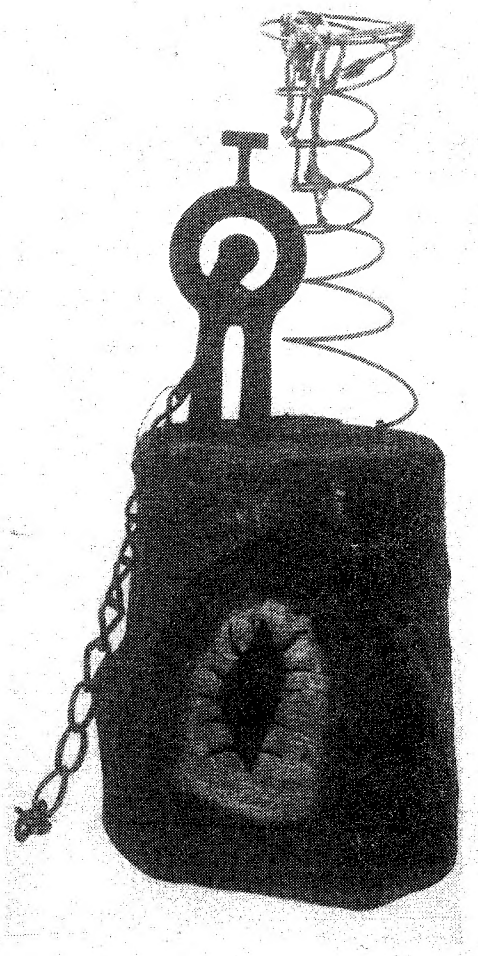
Uma minha conhecida telefonou a dar-me a última nova: uns amigos tinham-lhe trazido dois pedaços do Muro de Berlim. Perguntou-me se eu gostaria de os contemplar. Felicitei-a, mas disse-lhe que preferia vê-la a ela do que dois pedregulhos. Aliás, não seriam autênticos...

Jurou que eram verdadeiros, os amigos de Berlim eram sérios, e bastava tocar nas pedras para que imediatamente irradiasse a atmosfera, que o seu *feeling* era seguro e nunca a tinha abandonado nessas e noutras coisas; mas não podia provar. Perguntei-lhe se os fragmentos traziam os carimbos da Comissão Cultural da Venda do Muro. Pôs-se a soluçar: não tinham.

Compreendi que tinha ido longe de mais e tentei consolá-la: os carimbados são os mais falsificados.

Aliás, continuei, entre o pedaço do Muro autêntico e o fabricado agora, a diferença é pouca; a matéria é idêntica, o *design*, as manchas coloridas de um lado e nada do outro, resultam sempre bem, enfim, se entre um belíssimo Archimboldo verdadeiro e um belíssimo Archimboldo fabricado até os especialistas ficam confusos, quanto aos resíduos do Muro, o problema transforma-se em questão de fé. Toda essa mercadoria é verdadeira e falsa, simultaneamente. E é bem feito, porque tanto faz. O seu valor é apenas simbólico, talvez com alguma mediação sentimental. Quanto à qualidade documental, parece mais um documento sobre nós do que sobre o Muro morto.

A gravata de Sá Carneiro há pouco leiloada, mais uma pedra do túmulo de Nosso Senhor à venda em Nova Iorque judia-protestante, os tijolos romanos dos banhos quentes de Caracalla, o pedaço de *échárpe* de Isadora Duncan, a máquina de escrever que Vasco Graça Moura vendeu quando comprou o computador, os óculos de 9 e 11 dioptrias de Jean-Paul Sartre, tudo verdadeiro e falso, tudo hipotético, impotente para comunicar a sério seja o que for. Eis os objectos para o sótão, os *souvenirs* pechinchas da nossa viagem entre duas datas: o nascimento e a morte. Mas isto foi dito, melhor, por outrem.



Também as citações estão à venda.

Jorge Listopad

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75